

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

ADELMO MARCOS ROSSI

**ONTOLOGIA E ACONTECIMENTO
NO PENSAMENTO DE ALAIN BADIOU**

VITÓRIA
2015

ADELMO MARCOS ROSSI

ONTOLOGIA E ACONTECIMENTO NO PENSAMENTO DE ALAIN BADIOU

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudia Pereira do Carmo Murta.

VITÓRIA
2015

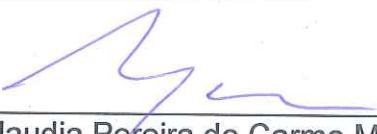
ADELMO MARCOS ROSSI

ONTOLOGIA E ACONTECIMENTO NO PENSAMENTO DE ALAIN BADIOU

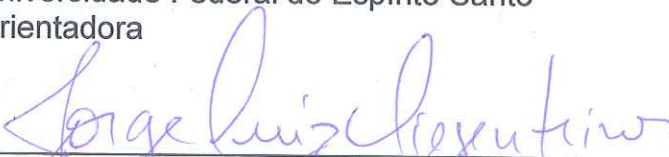
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 31 de agosto de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Claudia Pereira do Carmo Murta
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora



Prof. Dr. Jorge Luiz Veisenteiner
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Norman Roland Madarasz
Pontifícia Universidade Católica-RS

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R831o Rossi, Adelmo Marcos, 1958-
Ontologia e acontecimento no pensamento de Alain Badiou /
Adelmo Marcos Rossi. – 2015.
123 f.

Orientador: Claudia Pereira do Carmo Murta.
Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Badiou, Alain. 2. Ontologia. 3. Acontecimento do ser. I.
Murta, Claudia, 1967-. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 101

RESUMO

O nosso propósito nesta dissertação é fazermos uma leitura da filosofia de Alain Badiou a partir de um viés fundador: o enunciado lacaniano *il y a de l'un*. Esse enunciado, lido pelo psicanalista Jacques Lacan na filosofia de Platão, é o termo proferido no instante em que o ser humano se depara com o súbito, um acontecimento imprevisto. Nesse instante inaugural o ser humano passa para a condição de sujeito. Alain Badiou parte do princípio de que todo ser humano é, no início, um mortal comum condicionado a repetir o saber instituído. O sujeito surge quando esse mortal comum se depara com a ausência de saber para se relacionar com o imprevisto e enuncia um novo pensamento. Nesse sentido, o sujeito é raro. Esse modo de pensar permite compreender a própria ontologia como um acontecimento: o acontecimento do Ser. Esse será para nós o acontecimento ontológico. É o instante inaugural do surgimento do primeiro nome. Para Alain Badiou, o vazio é o nome próprio do Ser. O matemático Georg Cantor foi quem criou as condições para essa nomeação. Badiou considera o vazio como ontológico e iguala esse vazio ao conjunto vazio da teoria matemática dos conjuntos. Essa teoria enquanto teoria do múltiplo puro encontra-se no fundamento da multiplicidade que reina no mundo empírico. Partindo dessa concepção é possível retomar o conceito filosófico de sujeito instituído por Descartes: o sujeito cartesiano é aquele que operou uma recusa de todo saber vindo a deparar-se com o vazio que ronda a estrutura do saber, e inventa um fundamento primeiro, o Cogito. Jacques Lacan promove a operação cartesiana de deposição do saber para a condição de método de tratamento psicanalítico. A psicanálise lacaniana apropria-se do conceito de acontecimento imprevisto para pensar a teoria do ato analítico. O psicanalista se coloca na escuta do paciente na expectativa de que o excedente de sentido que inflaciona o seu discurso seja gradualmente reduzido até que se alcance um zero de sentido, momento propício para o ato analítico. O ato analítico, sendo um acontecimento imprevisto para o próprio psicanalista, é algo da ordem de um horror: o psicanalista lacaniano tem horror ao seu ato. Pensado desse modo, o acontecimento imprevisto em geral, e o ato analítico em particular, tem função ontológica: é quando o ser humano comum advém sujeito ao encontrar o seu fundamento, a sua fórmula: o seu nome próprio. Jacques Lacan propõe o conceito de matema como aquilo que se situa no fundamento de um novo sujeito. Badiou pensa esse matema como sendo o axioma do sujeito.

Palavras-chave: Badiou; vazio ontológico; acontecimento do Ser; sujeito raro.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette dissertation est de faire une lecture de la philosophie d'Alain Badiou à partir d'un biais fondateur : l'énoncé lacanien *il y a de l'un*. Cet énoncé a été lu par le psychanalyste Jacques Lacan dans la philosophie de Platon, c'est le terme produit à l'instant même quand l'être humain se trouve confronté à un événement subit, imprévu. En cet instant inaugural, l'être humain passe à la condition de sujet. Alain Badiou part du principe selon lequel tout être humain est, au début, le commun des mortels conditionné à répéter le savoir institutionnalisé. Le sujet surgit quand ce commun des mortels se trouve confronté à l'absence de savoir et doit faire face à l'imprévu, ce qui l'oblige à énoncer une nouvelle pensée. En ce sens, le sujet est rare. Ce mode de penser permet de comprendre l'ontologie en soi comme un événement : l'événement de l'Être. Ce sera pour nous l'événement ontologique. C'est l'instant inaugural du surgissement du premier nom. Pour Alain Badiou, le vide est le nom propre de l'Être. Le mathématicien Georg Cantor fut le sujet qui a créé les conditions de cette dénomination. Badiou considère le vide comme ontologique et affirme que ce vide est le même que l'ensemble vide de la théorie mathématique des ensembles. Cette théorie, en tant que théorie du multiple pur, se trouve au fondement de la multiplicité qui règne dans le monde empirique. En partant de cette conception, il est possible de revenir au concept philosophique du sujet institutionnalisé par Descartes : le sujet cartésien est celui qui opère un refus de tout savoir et, par conséquent, se trouve confronté au vide qui cerne la structure du savoir, et invente un fondement essentiel, celui du Cogito. Jacques Lacan élève l'opération cartésienne de la destruction du savoir à la condition de méthode de traitement psychanalytique. La psychanalyse lacanienne s'approprie le concept d'événement imprévu pour penser la théorie de l'acte analytique. Le psychanalyste se place à l'écoute du patient dans l'expectative que l'excédent de sens qui enfle son discours soit graduellement réduit jusqu'à trouver un zéro de sens, moment propice à l'acte analytique. L'acte analytique, en tant qu'événement imprévu pour le psychanalyste-même, est quelque chose de l'ordre de l'horreur : le psychanalyste lacanien lui-même est confronté à l'horreur de son acte. Cette façon de penser fait que l'événement imprévu en général, et l'acte analytique en particulier, ont une fonction ontologique : c'est quand l'être humain commun advient sujet en rencontrant son fondement, sa formule. Jacques Lacan propose le concept de mathème comme ce qui se situe au fondement d'un nouveau sujet. Badiou pense ce mathème comme étant l'axiome du sujet.

Mots-clés: Badiou; vide ontologique; événement de l'Être; sujet rare.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	BIOGRAFIA	20
2.1	<i>O ACONTECIMENTO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO</i>	20
2.2	<i>UMA FILOSOFIA DE ASSINATURA PESSOAL</i>	22
2.3	<i>O PENSAMENTO FORMAL E A TEORIA LACANIANA DO SUJEITO</i>	27
2.4	<i>“MAIO DE 1968”: “O TURNING POINT”</i>	30
3	DO PODER DO UM AO PODER DO MÚLTIPLO	33
3.1	<i>O PODER NORMATIVO DO UM</i>	33
3.1.1	O sentido como oferenda divina	34
3.1.2	O Deus da metafísica e a consistência do Um	35
3.1.3	O infinito de Cantor e a destituição do Um	38
3.2	<i>A MUDANÇA DE POSIÇÃO DO MESTRE</i>	40
3.3	<i>O UM COMO RESULTADO DA CONSISTÊNCIA SIGNIFICANTE</i>	44
3.4	<i>IL Y A DE L’UN: O ENUNCIADO DO ACONTECIMENTO</i>	49
3.4.1	O Um, de onde ele surge?	49
3.4.2	A primazia ontológica do múltiplo	53
3.4.3	<i>de l’un</i>: Um nome e também um operador	55
3.4.4	<i>Il y a de l’un</i>: um enunciado ontológico	58
4	ONTOLOGIA MATEMÁTICA, VERDADE E SUJEITO	61
4.1	<i>A ONTOLOGIA MATEMÁTICA COMO ACONTECIMENTO PARADIGMÁTICO</i>	61
4.1.1	O pensamento originário	62
4.1.2	O pensamento axiomático	65
4.1.3	A situação ontológica: a região do Ser	68
4.1.4	Dois axiomas fundamentais da teoria matemática dos conjuntos	71
4.1.5	O acontecimento: uma fraude às leis da ontologia	73
4.1.6	Ontologia matemática: situação de máxima consistência	75
4.2	<i>A PRIMEIRA CONTA: CONTAR-POR-UM O VAZIO</i>	76
4.2.1	O poder separador da linguagem: o axioma de separação	77
4.2.2	O zero conta por um	78
4.2.3	A sequência dos números ordinais	80

4.2.4	A contagem de objetos inconsistentes.....	81
4.3	VERDADE E SUJEITO.....	83
4.3.1	Indivíduo e repetição de saber.....	84
4.3.2	A Suposição de saber e o método de transmissão.....	86
4.3.3	O paradoxo do sujeito	91
5	CONCLUSÃO	96
5.1	O LUGAR DE ORIGEM DO PENSAMENTO.....	96
5.2	O REAL COMO O LUGAR DA NÃO-RELAÇÃO: O MÉTODO SUBTRATIVO 102	
	REFERÊNCIAS.....	112

ANEXO I

1 INTRODUÇÃO

A filosofia de Alain Badiou, ainda pouco conhecida no meio acadêmico brasileiro, é caracterizada por uma separação radical entre ontologia e filosofia propriamente dita. A ontologia, o discurso sobre o Ser, dedica-se àquilo que é, ou seja, àquilo que está estruturado segundo um fundamento. A filosofia vai se dedicar àquilo que não é, ou seja, àquilo que não tem nenhum fundamento. Citando uma passagem de São Paulo, Badiou afirma: “sob a condição do acontecimento-Cristo, houve preferência pelas coisas que não são sobre aquelas que são” (BADIOU, 2009, p. 67). O que pode ser aquilo que não é, isto é, aquilo que não existe? Como pensar o acontecimento imprevisto, aquilo que acontece fora de qualquer previsão lógica? Tal é a proposição de Badiou, conforme se encontra expresso já no título de sua obra máxima, *L'être et l'évènement*¹.

A experiência do ser humano se inicia, de um modo geral, em conformidade com aquilo que se encontra bem fundamentado constituindo uma estrutura de saber. Os métodos de transmissão de conhecimento são tais que pretendem ensinar aquilo que já se sabe. A esse saber previamente estruturado Badiou designa como saber enciclopédico. Ao homem é permitido dizer somente aquilo que está em conformidade com esse saber: “quanto ao que podemos dizer, no sentido estrito, estamos sempre sob a lei de enunciados já ditos” (BADIOU, 1997B, p. 33).

A filosofia que interessa a Alain Badiou não é essa em que a experiência se situa em conformidade com o saber existente. O seu interesse se volta para a experiência que advém enquanto acontecimento imprevisto relativamente àquilo que já se sabe. É nesse instante que o homem comum é convocado a assumir a condição de sujeito. Contra uma filosofia que dá primazia ao saber estruturado sob a forma totalizadora do Um, Alain Badiou propõe uma filosofia que dá primazia ao múltiplo anterior a toda e qualquer consistência.

¹ Publicado em 1988, esse título foi traduzido para o português em 1996 como *O ser e o evento*. Em espanhol foi traduzido como *El ser y el acontecimiento*, que é mais fiel ao que pensa Alain Badiou, segundo comentário de Norman Madarasz. Adotaremos em nosso trabalho a opção de referir-nos a esse livro pelo título *O ser e o acontecimento*, em respeito ao modo como a sua filosofia é conhecida.

Na história da filosofia, o paradigma da rejeição do saber em busca de um novo fundamento é ilustrado pelo pensamento de Descartes. Jacques Lacan comenta o método cartesiano no artigo *A ciência e a verdade* (LACAN, 1998, p. 869), de 1966. Badiou toma um pequeno recorte desse artigo lacaniano, colocando-o como epígrafe da última meditação do seu livro fundamental:

[o Cogito], como momento, é o desfiladeiro de uma *recusa de todo saber*, mas por isso pretende fundar para o sujeito uma certa amarração no Ser (BADIOU, 1996, p. 336, [grifo nosso]).

Após a “recusa de todo saber” recebido da tradição, Descartes encontra um novo início: o Cogito. Voltaremos a isso na conclusão do nosso trabalho, quando tematizaremos o método cartesiano como paradigma da deposição do saber enciclopédico em busca de uma nova verdade.

Resumidamente, o método criado por Descartes propõe pensar a suspensão das ligações simbólicas que sustentam a estrutura do saber. Badiou entende que, na contemporaneidade, essa função de ruptura das ligações simbólicas é exercida de modo generalizado pelo capital. No capítulo *Nihilismo?* do livro *Manifesto pela filosofia* (BADIOU, 1991), Badiou faz uma reflexão sobre a função do capital na destruição dos vínculos. A citação a seguir é tomada de Marx:

Por toda parte onde a burguesia conquistou o poder, ela espezinhou as relações feudais, patriarcais, idílicas. Todos os laços complexos e variados que unem o homem feudal a seus superiores naturais, ela os rompeu sem piedade para não deixar subsistir outro vínculo, entre homem e homem, senão o frio interesse, as duras exigências do pagamento em dinheiro contado. Ela afogou os tremores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, da sentimentalidade pequeno-burguesa, nas águas geladas do cálculo egoísta (BADIOU, 1991, p. 25).

Segundo esse texto de Marx citado por Badiou, foi pelo poder do dinheiro que a burguesia rompeu os complexos laços que mantinham os vínculos simbólicos da sociedade feudal. Badiou generaliza a potência do capital: “o capital é o dissolvente universal das representações sacralizantes” (BADIOU, 1991, p. 25). A dissolução das ligações que impera no mundo contemporâneo se deve, em última instância, à ingerência da relação monetária.

Tanto no movimento singular promovido por Descartes, quanto na função universal exercida pelo capital, o que se coloca em destaque é a apresentação dos vínculos simbólicos enquanto precários e possíveis de serem desfeitos. O que distingue os

dois movimentos é o agente em ação na destituição desses vínculos. No pensamento de Descartes esse agente é o próprio sujeito que, colocando em dúvida a estrutura do saber, sai à procura de um novo fundamento. No pensamento de Marx esse agente é o capital.

Em consequência da ação do capital, Alain Badiou afirma que o nosso tempo é o de uma “atomística generalizada porque nenhuma sustentação simbólica do vínculo está em condições de resistir à potência abstrata do capital” (BADIOU, 1991, p.25). Essa ruptura nas ligações promovida pelo capital é o que se encontra no fundamento do pensamento nihilista, “se tomarmos o nihilismo como a ruptura da figura tradicional do vínculo” (BADIOU, 1991, p.25).

Porém, Badiou refuta a tese do pensamento nihilista: “a dessacralização não é”, em si mesma, “de modo algum nihilista” (BADIOU, 1991, p.25). Ao contrário da negatividade implicada no nihilismo, Badiou investe no seu aspecto positivo: “o capital denuncia todo efeito de Um como configuração precária, destitui as representações simbólicas nas quais o vínculo encontrava um semblante de Ser” (BADIOU, 1991, p.26). Nesse sentido, o capital é isso que coloca o homem contemporâneo frente à fragilidade dos laços simbólicos: o Um é apenas um efeito metafísico. O “efeito de Um”, isto é, o efeito de unidade das representações da linguagem, encontra-se deslocada pelo capital. São jogadas para a posição de semblante. O “efeito de Um” é apenas um efeito metafísico.

Este é o lado positivo do nihilismo: liberado do jugo do poder do Um unificador e consistente, o homem contemporâneo é convocado a assumir a sua responsabilidade. Ele tem pela frente uma difícil missão: inventar por si mesmo um novo fundamento, um novo começo, a partir da multiplicidade inconsistente, a partir do vazio que subjaz à estrutura do saber. Este é o ponto que interessa a Alain Badiou. Filósofo da contingência, Alain Badiou pensa o mundo a partir do acontecimento desestruturante. Ele está preocupado em resgatar o conceito de sujeito. Tanto o acontecimento cartesiano, quanto o acontecimento do capital, teve como consequência abalar a estrutura e trazer à superfície o vazio que se situa no seu fundamento. Vazio esse que é condição do advento do sujeito.

Decorre daí a defesa de Alain Badiou por uma filosofia que dê primazia à multiplicidade que reina anterior à consistência lógica, em detrimento de uma filosofia que dá primazia ao Um enquanto unidade consistente e normatizadora.

Essa multiplicidade primeira é “a pura apresentação tal como retroativamente apreendida como não-um, pois o ser-um não é senão o resultado de uma operação” (BADIOU, 1996, p. 394). Esquemáticamente:

- Há a pura apresentação apreendida de modo retroativo como não-um;
- Há uma operação;
- Essa operação tem como resultado o ser-um, um “efeito de Um”.

Então, a multiplicidade inconsistente que subjaz à estrutura é inapreensível de modo direto. A sua falta de unidade somente é apreensível de modo retroativo, por subtração da operação de consistência: de um lado temos o múltiplo inconsistente apreendido como não-Um, e de outro lado temos a consistência desse múltiplo sob a forma do resultado como ser-um. Entre essa dupla multiplicidade há uma operação.

Alain Badiou atribui a essa operação de conta um conceito central do seu pensamento: conta-por-um. Vamos à sua definição: “uma vez que o Um não é, todo efeito-de-um é o resultado de uma operação, a conta-por-um. Toda situação é estruturada por tal conta” (BADIOU, 1996, p. 388).

Não há como o homem apreender o múltiplo em sua multiplicidade pura sem nenhum efeito de unidade, sem “contar por um”. A necessidade de considerar uma operação de conta é uma exigência intrínseca ao pensamento:

A forma pela qual ‘aquilo que é’, é o que é, também é a forma, pela qual é Uno. A norma do pensável é a unificação do sendo singular pela via do poder do Uno (BADIOU, 1999B, p. 27).

Porém, que haja uma “norma do pensável” impondo ao pensamento uma organização “sob a forma do um” não implica, por consequência, que esse pensamento esteja submetido a um poder supremo e controlador. Que toda apresentação seja estruturada sob uma forma de unidade não implica, necessariamente, uma adequação a um poder normatizador.

A filosofia pensa o Ser como condição para tudo o que existe. Mesmo que o Ser se apresente “sob a forma do Um”, isso não implica de imediato que o Ser seja recíproco ao Um: anteriormente à essa apresentação unificadora, o Ser é múltiplo. Se houvesse algum princípio unificador primeiro controlando todo acontecimento contingente, haveria previamente do lado do Ser um termo da língua orientando a

decisão. Nessa hipótese, o Ser estaria sob o controle da linguagem que afirma “o Um é”, e toda novidade seria explicada a partir desse princípio. Todo acontecimento imprevisto estaria em conformidade com um mesmo princípio estruturante central.

Badiou parte do princípio de que o que é primário é a multiplicidade inconsistente. Então, o Ser como condição para tudo o que existe é a inconsistência. Isso permite a Badiou sustentar a tese de que não poderia haver, na região do Ser, na região do múltiplo puro, nenhum termo pré-existente da língua do saber. Um tal termo traria de volta, por conexões simbólicas, o Um totalizador ordenando a apresentação do Ser.

Esse modo de pensar se apresenta sob o modo afirmativo “o Um é”, que dá primazia ao Um em detrimento do múltiplo. Alain Badiou desenvolve o seu pensamento em oposição a essa tese. Ele afirma: “estamos prontos para uma decisão: o Um *não é*”. E continua: “contudo, não se trata de ceder quanto ao que Lacan prende ao símbolo como seu princípio: ‘há Um’” (BADIOU, 1996, p. 29).

Trata-se então, com Lacan, de não desistir do empreendimento simbólico como princípio. Desta vez, porém, não admitindo mais o Um como uma norma externa ao pensável. Essa é uma questão colocada por Jacques Lacan: deve-se “partir do Um como todo” (LACAN, 2011, p. 130), ou deve-se partir do “há Um”? A pergunta fundamental é: o Um, no seu surgimento, já surge desde o início vinculado um poder regulador que determina um modo de pensar sob o modo “o Um é”, ou será que o Um é um processo de construção que se inicia a partir de um enunciado originário e busca construir um “efeito de Um”?

Jacques Lacan está investigando a origem do Um e pergunta: “é justamente disso que se trata no Um, pois, na verdade, de onde ele surge?” (LACAN, 2011, p. 131). A resposta Lacan irá encontrar em Platão:

O Um, *de onde ele surge?* De um ponto em que Platão consegue circunscrevê-lo [...] ele o chama de *to esaiphnes*. Traduzam isto como quiserem, o de repente, o instantâneo, o súbito. Na verdade, esse é o único ponto em que ele pode fazê-lo subsistir (LACAN, 2011, p. 131).

Badiou, lendo Lacan, diz que o *exaiphnes*² é um momento inaugural, um acontecimento:

² Há uma diferença de grafia de uma editora para outra.

A inauguração do processo de uma verdade é exatamente o que Lacan chama um “encontro”, o *exaiphnes* o súbito. E o que eu nomeio “acontecimento” (BADIOU, 1992, p. 271).

Então, o surgimento do Um se dá por meio do enunciado axiomático *il y a de l'un*³ [há Um] que declara um acontecimento imprevisto. Citando Lacan, Badiou afirma: “quando nós nos referimos à ordem simbólica, há começos absolutos, há criação” (BADIOU, 2003A, p. 24). Trata-se de um começo que não se encontra submetido a uma norma unificadora primeira impondo um modo fixo de pensar.

Em nossa concepção, o enunciado axiomático *il y a de l'un* pode ser tomado como o enunciado mais geral possível de um acontecimento. Esse enunciado axiomático primeiro pode ser tomado como uma chave de leitura da filosofia de Alain Badiou:

Eu gostaria simplesmente lembrar que essa distinção lacaniana entre o Um pensado em seu Ser, isto é, a tese de que “o Um é”, e a tese “há Um” como potência da conta, como potência operatória da conta-por-um, é a tese absolutamente inaugural de meu livro *O Ser e o acontecimento*. É o seu ponto de partida (BADIOU, 2013D, p. 48).

Nessa passagem para nós fundamental Alain Badiou explicita qual é a tese orientadora do seu livro *O Ser e o acontecimento*. Trata-se da distinção estabelecida pelo Lacan entre duas teses frontalmente opostas, ou seja, a tese da tradição filosófica “o Um é” e a tese contrária “há Um”: “o ‘há Um’ é uma subversão radical da tese especulativa, ou filosófica, ‘o Um é’” (BADIOU, 2013C, p. 76).

Então, se a conta-por-um definida acima é um conceito central do livro *O Ser e o acontecimento*, compreendemos agora que há nessa conta uma “potência operatória” que se encontra implícita no enunciado inaugural *il y a de l'un*. Esse enunciado expressa um novo pensamento, impossível de ser deduzido logicamente a partir do Um. O advento desse pensamento originário é o advento do próprio sujeito como uma “conta especial”: “a subjetivação é uma *conta especial*, distinta da conta-por-um” (BADIOU, 1996, p.308). Portanto, a potência da operação de conta é o advento do próprio sujeito como aquilo que não poderia ser deduzido a partir do saber existente.

Se, como dissemos, o homem se inicia na cultura condicionado a repetir aquilo que está bem fundamentado, e se o sujeito é o que advém a partir do vazio, então o homem não “nasce” sujeito. Ele se *torna* sujeito no momento em que é confrontado

³ Iremos utilizar o original francês *il y a de l'un*, ou a sua tradução *há Um*, conforme melhor convier à construção da frase e também para não alterar as citações originais do português.

com um acontecimento desestruturante. Nesse momento ele é confrontado com o vazio de saber e é forçado a formular uma proposição originária que irá orientá-lo segundo “uma nova maneira de ser e de agir dentro da situação” (BADIOU, 1995, p.55). Essa formulação originária que se situa no fundamento do sujeito é uma operação que ainda não foi contada e que “escapa à conta”. Isto é, há, na apresentação originária “*alguma coisa* que escapa à conta, coisa que é, precisamente, a própria conta” (BADIOU, 1996, p.82). O pensamento originário é uma conta que não se conta a si mesma.

Há, nesse modo de pensar, de certo modo, um paradoxo: o paradoxo do surgimento do sujeito. É quando ele se inventa a si mesmo a partir de um novo fundamento. Badiou admite o que ele chama de “fórmula de Kierkegaard”: “se apenas pudermos levar um homem a uma encruzilhada, de maneira que não haja nenhuma outra saída para ele, senão a escolha, então ele escolherá certo” (BADIOU, 1997B, p. 19). Essa “escolha certa” não é uma escolha disso ou daquilo, o que significaria uma escolha previamente orientada por um termo ou outro da língua e reenviaria de imediato a um retorno do Um.

Trata-se de uma escolha absoluta, uma “escolha da escolha” (BADIOU, 1997B, p. 19). Nesse sentido, é uma escolha inequívoca tanto quanto o é a invenção de um nome próprio. Se há algo na linguagem que é imune a toda equivocidade é o nome próprio, um “começo absoluto”. Como dito acima numa referência ao Lacan, esse começo absoluto é o momento inaugural em que, confrontado com a ausência de referente na enciclopédia do saber, o indivíduo se torna sujeito inventando para si um novo nome.

O que se encontra em jogo aqui é a teoria do nome próprio. Badiou considera que o nome próprio estabelece um fundamento primeiro, uma nova fórmula: “o nome próprio contém, ao mesmo tempo, um nome e um operador de conexão fiel” (BADIOU, 1996, p. 309).

Então, a ideia é que o nome próprio é uma conta especial que inscreve um novo princípio. Não um princípio derivado do Outro, mas uma invenção originária. Esse modo de pensar está estreitamente ligado à ideia matemática de axioma. Para Badiou, um axioma é uma proposição primeira que se encontra no fundamento de todo ramo do saber. Um axioma é então o advento de um novo pensamento, de uma nova ideia, seguida de sua inscrição na linguagem. Por exemplo, a geometria

euclidiana depende de um enunciado axiomático primitivo, “há o ponto”. Essa hipótese existencial primeira situa-se no fundamento da enciclopédia do saber da geometria euclidiana. De modo semelhante, a hipótese existencial primeira para Freud é “há o inconsciente”. Sobre essa hipótese é edificada toda a teoria psicanalítica.

Ou seja, é possível tomar o enunciado *il y a de l'un* como o nome próprio do acontecimento imprevisto, como um axioma fundador: é o que está no fundamento de todo empreendimento do saber. Freud é conhecido como o inventor do inconsciente, Descartes é conhecido como o inventor do Cogito. O nome próprio, por ser tanto um novo nome como também um operador, é um termo pelo qual o ser humano, a partir do momento em que advém sujeito, inscreve o seu nome na história. É o nome a partir do qual ele se torna conhecido.

Retomando o fio de nossa argumentação, diremos que o enunciado “há Um” tem a função de cisão, de separação, ligando aquilo que se encontrava desligado. É desse modo que Badiou começa, ele mesmo, a sua filosofia: “como li Lacan, não comecei minha filosofia pelo ‘Um é’, mas pelo ‘há Um’” (BADIOU, 1997, p.8). Nesse sentido, “há Um” funda um axioma, um novo nome, um nome próprio.

Então podemos afirmar que uma situação estruturada em geral tem a seguinte forma esquemática:

- Há uma condição prévia, a multiplicidade inconsistente;
- Há um nome próprio, um axioma, que implica uma operação de composição;
- Há a multiplicidade consistente, um efeito de Um, como consequência da operação da lei de conta: é o “operador de conexão fiel”.

Esse modo de pensar a estruturação da multiplicidade na realidade empírica tem um correspondente matemático na teoria do múltiplo puro, a teoria dos conjuntos. Essa teoria pensa do modo mais abstrato possível a concepção do múltiplo puro. Pensa o múltiplo enquanto múltiplo segundo seus axiomas, e o Um é apenas um efeito secundário: “a oposição primordial em Badiou não é aquela do Um com o zero, mas aquela do zero com os múltiplos, e o Um emerge posteriormente” (ŽIŽEK, 2009, p. 90).

A teoria dos conjuntos se encontra estruturada de modo semelhante ao que se apresentou na esquematização acima. Com a diferença que agora trata-se da situação ontológica da teoria do múltiplo puro, em oposição à situação histórica do múltiplo empírico:

- A condição prévia é a multiplicidade inconsistente, o espaço abstrato do múltiplo puro;
- O axioma primeiro, a “primeira lei”, é a nomeação do conjunto vazio;
- Os operadores de composição são os axiomas da teoria dos conjuntos cujo “efeito de Um” é o conjunto dos números ordinais.

Se de fato o homem é introduzido na cultura condicionado a repetir aquilo que se encontra bem estruturado na enciclopédia do conhecimento, então é possível pensar a estrutura do ponto de vista da matemática. Pois a estrutura pensada matematicamente tem seu fundamento garantido no conjunto vazio, e tudo o que acontece do ponto de vista da estrutura obedece a uma disciplina de dedução lógica sendo, portanto, previsível. Desse modo, na proposta de Badiou, o discurso sobre o Ser, a ontologia, fica a cargo da matemática. A ontologia passa a ser tema da matemática. Nessa disciplina, o discurso sobre o Ser, as leis do Ser, é realizado pelos axiomas da teoria dos conjuntos. Do lado da ontologia há o axioma de fundação que tem a missão de impedir aquilo que não tem fundamento, ou seja, o acontecimento, pois, se “o axioma de fundação é uma lei do ser” então devemos “rejeitar qualquer hipótese da existência de um conjunto que seja elemento dele mesmo” (BADIOU, 2008B, p.71).

A filosofia vai pensar o que a ontologia estruturada matematicamente não consegue deduzir logicamente: o acontecimento imprevisto. Do lado do acontecimento há um axioma criado por Badiou que viola o axioma de fundação. O matema do acontecimento é definido como um paradoxo, algo que advém sem ter nenhum fundamento. Esse matema é um recurso para pensar o que opera nos momentos de “crise dos fundamentos” (BADIOU, 1999, p. 48), quando surgem os paradoxos que questionam os fundamentos instituídos. Isto é, “o acontecimento exige que existam zonas de fragilidade, zonas que não são tão firmemente asseguradas de sua inclusão na estrutura como as outras” (BADIOU, 2007A, p. 103).

A exposição que fizemos até aqui teve o intuito de esclarecer para o leitor o tema central de nossa investigação. O foco principal do nosso trabalho se concentra no enunciado axiomático *il y a de l'un*. O nosso propósito é tomar esse enunciado como chave de leitura da teoria do acontecimento.

Em primeiro lugar, pretendemos pensar a teoria do acontecimento a partir do que chamaremos de “acontecimento ontológico”, o acontecimento do discurso sobre o Ser:

A tese que sustento não declara em absoluto que o Ser é matemático. É uma tese sobre o discurso. Ela afirma que as matemáticas, em todo o seu devir histórico, pronunciam o que é dizível do ser-enquanto-ser (BADIOU, 1996, p. 04).

Se a tese de Badiou é que o discurso sobre o Ser se realiza pela matemática, e contemporaneamente o discurso matemático é fundado na teoria dos conjuntos, então a nossa intenção é pensar o acontecimento que fundamenta esse discurso. Na contemporaneidade, sob o reino dessacralizante do capital cujo efeito é uma “atomística generalizada”, o que impera é a multiplicidade desligada. Nesse contexto, a hipótese de Badiou é que o discurso ontológico é mais bem fundamentado pela teoria do múltiplo puro, a teoria dos conjuntos, cujo único enunciado existencial é “há o conjunto vazio”.

A situação ontológica é pensada como a região do espaço abstrato do múltiplo puro. Neste espaço primeiro, a região do Ser, não é admitido existir, evidentemente, nenhum termo da língua do saber. Para Badiou, “o Ser é anterior à língua” (BADIOU, 1996, p. 387) e “a situação ontológica *nomeia* originariamente o vazio como múltiplo existente, sob a marca \emptyset ” (BADIOU, 1996, p. 154). Essa formulação de Alain Badiou é essencial para o nosso trabalho. Na situação ontológica, na região do múltiplo puro anterior à língua, onde ainda não vigora nenhum termo da língua, Badiou propõe uma nomeação originária. Essa nomeação traz à existência o primeiro existente: \emptyset .

Essa nomeação do primeiro existente é compreendida como a nomeação do vazio ontológico fundamental. Se na situação ontológica do múltiplo puro não há nenhum referente da língua, a nomeação do vazio traz à existência o primeiro nome: o vazio é o nome próprio do Ser. Essa nomeação primeira visa trazer à “existência” o primeiro múltiplo.

A ideia de Badiou é a seguinte: há um acontecimento de nomeação primeira, que cria o primeiro nome: o acontecimento do Ser. Vinculado a esse nome primeiro há um operador de fidelidade. Esse operador é o que possibilita o acontecimento do discurso sobre o Ser, um discurso externo à ontologia: “a fidelidade ontológica permanece exterior à própria ontologia, pois ela diz respeito a acontecimentos de discurso sobre o Ser, e não a acontecimentos do Ser” (BADIOU, 1996, p. 203).

O acontecimento do Ser é o acontecimento de nomeação primeira: “a ontologia começa, inelutavelmente, pela pura proferição do arbitrário de um nome próprio” (BADIOU, 1996, p. 55). No espaço ontológico, após admitir o primeiro existente, é possível pensar os demais múltiplos, “os múltiplos admitidos à existência a partir do nome do vazio, como por exemplo $\{\emptyset\}$...” (BADIOU, 1996, p.126). Vemos assim surgir a sequência dos múltiplos naturais \emptyset , $\{\emptyset\}$, $\{\emptyset, \{\emptyset\}\}$... Tematizaremos o surgimento dessa sequência no Capítulo 4 *Ontologia matemática, verdade e sujeito*.

A concepção do primeiro nome, o nome próprio do Ser, situa-se, evidentemente, na base de toda nomeação possível. Se no mundo empírico em geral um acontecimento é uma nomeação originária que marca o advento de um nome próprio, e se ao mesmo tempo “o sujeito é absolutamente inexistente na situação antes do acontecimento” (BADIOU, 1994, p. 110), então o acontecimento marca o “advento do Dois”: tanto do nome próprio quanto do operador de fidelidade lógica. Isto é:

O nome próprio designa aqui que o sujeito, enquanto configuração situada e local, não é nem a intervenção nem o operador de fidelidade, mas o advento do Dois (BADIOU, 1996, p. 308).

Se, conforme o comentador HALLWARD, “Cantor representa para Badiou o acontecimento filosófico do nosso tempo” (HALLWARD, 2005, p. 09) e se “uma situação natural estável é ontologicamente refletida como múltiplo cujo termo histórico ou fundador é o nome do vazio” (BADIOU, 1996, p. 154), então o nome do vazio é, ele mesmo, um termo histórico, um termo que foi declarado existente em um determinado momento.

É possível, então, pensar o acontecimento ontológico como o acontecimento histórico de nomeação do conjunto vazio por Cantor. Nesse caso, estamos diante de um acontecimento paradigmático: é o acontecimento que possibilita os axiomas da teoria dos conjuntos, as leis que têm como efeito gerarem os números ordinais.

Essa é a primeira pretensão da nossa dissertação: desenvolver a ideia segundo a qual o enunciado primitivo *il y a de l'un* permite pensar o acontecimento ontológico primeiro, aquele que nomeia o conjunto vazio como o nome próprio do Ser, o primeiro existente.

A teoria dos conjuntos é, no pensamento de Badiou, o que se encontra na “base matemática da racionalidade” (BADIOU, 1996, p. 12) no mundo contemporâneo, onde o que impera é a multiplicidade. Se for verdade que como efeito do capital estamos sob a égide de uma “atomística generalizada” onde “nenhuma sustentação simbólica do vínculo está em condições de resistir” (BADIOU, 1991, p.25), então a única saída que resta ao homem pensado enquanto múltiplo genérico é inventar-se a si mesmo como sujeito. Essa invenção é, como vimos, uma “conta especial”, uma conta que não se conta a si mesma. É, nesse sentido, uma conta impartilhável: “a existência é precisamente, no mais íntimo do pensamento, o impartilhável” (BADIOU, 1999B, p. 55).

Como advém à existência isso que é impartilhável e que se encontra no mais íntimo do pensamento? Essa é a segunda questão que abordaremos em nossa dissertação. A ideia é tomar o acontecimento ontológico de nomeação do vazio como paradigma de todo acontecimento empírico. Ou seja, o fundamento ontológico serve como fundamento para a situação histórica, a situação da multiplicidade empírica: “uma situação histórica [é ontologicamente fundada] por um múltiplo que possui em todos os casos *outros* termos fundadores, termos não vazios” (BADIOU, 1996, p. 154).

Esses “outros termos não vazios” são termos tais como “Cogito”, “inconsciente”, termos existenciais primeiros que “qualificam como vazio”. Por exemplo, em Descartes, após uma recusa de todo saber, e confrontado com o vazio que subjaz à estrutura do saber, a multiplicidade inconsistente, houve um reinício. Ele inventou um novo nome próprio, o Cogito, como aquilo que “pretende fundar para o sujeito uma certa amarração no Ser” (BADIOU, 1996, p. 336).

A invenção desse nome próprio não é algo que se encontre, evidentemente, sob o controle do sujeito. É algo que lhe vem de fora. Nesse sentido, o advento da subjetividade enquanto “advento do Dois” é um paradoxo. Lembremos que o acontecimento é definido como um paradoxo, uma infração às leis do Ser. Badiou afirma o mesmo para o sujeito: “o ser do sujeito é, no fundo, o paradoxo do ser”

(BADIOU, 1997B, p. 29). Esse sujeito paradoxal será tematizado na seção *Verdade e sujeito* do quarto capítulo. Na conclusão desta dissertação iremos desenvolver o modo como Alain Badiou compreende o ato analítico: para Badiou, o ato analítico é um acontecimento onde advém um novo sujeito.

2 BIOGRAFIA

Trataremos neste capítulo de uma biografia de Alain Badiou desde a sua infância no Marrocos até o ano de 2014. O propósito de apresentar uma seção biográfica se justifica porque a filosofia de Alain Badiou é conhecida no meio filosófico como uma *filosofia do acontecimento* em que a sua própria experiência, como veremos, é quase toda ela pautada por acontecimentos imprevistos.

A sua obra máxima escrita na maturidade, *O Ser e o acontecimento*, não foi escrita senão após passar ele mesmo por procedimentos de verdade que se dividem em quatro condições: amor, política, arte e ciência.

2.1 O ACONTECIMENTO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO

Nietzche, sabemos, sustenta que é a criação, a obra filosófica ela mesma, que é o retrato, a biografia de seu autor⁴

Nessa citação, Alain Badiou subscreve Friederich Nietzsche para dizer que a vida do filósofo se reflete na sua filosofia. Não se pode esperar que o pensamento do filósofo seja disjuncto de sua experiência pessoal, nem compreendê-lo sem analisar o movimento a partir do qual se origina sua reflexão. A obra de Alain Badiou, algumas vezes também referida como *filosofia do acontecimento*, denominação essa que traduz de forma sintética e retroativa a sua produção, é uma longa reflexão sobre vários acontecimentos que foram orientando a sua vida, tanto sua vida pessoal como um modo de pensar o mundo.

Alain Badiou nasceu no Marrocos em 1937. O seu pai, Raymond Badiou, cursou a École Normale Supérieure, ENS, instituição onde se formava a elite intelectual francesa. Era um homem engajado politicamente que foi prefeito de Toulouse por quatorze anos (1944-1958) e também professor de matemática. A sua mãe era formada em literatura e amante das artes. Logo na origem, então, Badiou esteve às

⁴ LE CIRPHLES Le Centre international de recherches en philosophie, letters. L'aveu du philosophe. Disponível em: <http://cirphles.ens.fr/ciepfc/publications/alain-badiou/article/l-aveu-du-philosophe?lang=fr>. Acesso em 06/02/2015.

voltas com a descendência política, com a matemática e com as artes. “Desse entrecruzamento, afirma ele, só poderia resultar um filósofo”. Muito solicitado a intervir na cena francesa, ele é com frequência apresentado como

Figura eminente do pensamento contemporâneo, escritor de teatro, intelectual engajado, polemista controvertido, Alain é um dos raros filósofos de hoje que mantém uma relação intensa e constante com as matemáticas, dando suporte à sua lógica e seu sistema com a teoria dos conjuntos, herdada de Georg Cantor^{(Anexo I, item i)5}.

Tendo orientado a sua própria vida segundo acontecimentos que determinaram mudanças de rota no seu percurso, Badiou fez dessa ideia o eixo fundador do sujeito e por consequência de sua filosofia. De acordo com ele, nós somente passamos a existir, em um sentido significativo, em relação a um acontecimento fundador. Sob a condição de que esse acontecimento tenha sido declarado, fazendo dele uma verdade. Essa verdade fundadora entrará para a história do sujeito como o seu marco inicial. Em *São Paulo e a fundação do universalismo*, chega mesmo a afirmar que “declarar um acontecimento é tornar-se o filho desse acontecimento” (BADIOU, 2009, p. 71). Nessa perspectiva, Badiou defende a tese segundo a qual a própria filosofia, na Grécia, se originou de um acontecimento traumático:

Será que Platão seria Platão se não houvesse essa experiência dramática e crucial da execução de seu mestre Sócrates? Não creio. A execução do mestre Sócrates não foi um tipo de filosofia, foi um assunto político, histórico⁶.

Ele defende o argumento de que o sujeito filosófico, a própria filosofia como uma ferramenta investigativa, nascida na Grécia, deve sua origem a um acontecimento fundador: aquele da condenação e morte de Sócrates. Concordando com a proposição formulada por Norman Madarasz, “não há nada de filosófico antes de acontecimentos” (MADARASZ, 2011, p. 59), pode-se levantar a questão: por que Platão se pôs a resgatar os diálogos de Sócrates, a tal ponto que os estudiosos concordam numa certa indistinção entre se quem fala é Sócrates ou Platão? Não teria sido o fim trágico de Sócrates o acontecimento desencadeador do trabalho de Platão? Isto é, não foi um tributo a um “herói do pensamento” injustamente

5 As citações que envolvem tradução serão citadas com números no formato i, ii, iii,... O texto original encontra-se no Anexo I, para consulta eventual do interessado.

6 France culture. Hors-champs, 3ª. emissão, Un parcours philosophique. Disponível em: <http://www.franceculture.fr/personne-alain-badiou.html>. Acesso em 06/02/2015.

condenado que motivou a reaparição incessante de Sócrates nos diálogos platônicos? Nessa perspectiva, os primeiros escritos filosóficos, podemos dizer, surgiram em função desse acontecimento, pondo em marcha o próprio pensamento de Platão, e sendo determinante de seu empenho filosófico. Platão faz renascer Sócrates em seus diálogos. No entendimento de Badiou, “a execução de Sócrates não foi um tipo de filosofia”, mas foi, ao contrário, “um assunto político”, isto é, um acontecimento político. Um acontecimento que fez nascer a filosofia como texto que até então não existia. A política tentou matar o pensamento e nesse ato fez surgir o pensamento na sua modalidade escrita. Platão se pôs a escrever o legado de Sócrates, cuja repercussão não cessa de ser posta em questão, mesmo nos dias atuais. Contrário ao fim da filosofia, Badiou considera que cabe prosseguir essa função do filósofo, em continuidade à questão deixada com a condenação de Sócrates: por que o pensamento livre é ameaçador, sendo acusado desde a sua origem de “corromper os jovens”? Enquanto traumática, essa condenação não reside lá na origem da filosofia, tendo posteriormente perdido o seu efeito. Ao contrário, ainda vigora na raiz do pensamento filosófico.

2.2 *UMA FILOSOFIA DE ASSINATURA PESSOAL*⁷

Reportando à sua vida pessoal, Alain Badiou nos oferece algumas passagens que considera determinantes para o seu posterior despertar filosófico, tais como o seu envolvimento com as artes desde a infância, o seu ingresso no campo da filosofia – encontro com Sartre –, depois para a pesquisa teórica – após o encontro com Lacan e François Regnault –, outras que o afastaram momentaneamente da filosofia e o orientaram para política, como a guerra da Argélia, a greve dos mineiros na Bélgica e “maio de 68”. E no final de todo esse percurso, a partir da década de 80, Badiou volta-se para a construção de seu arcabouço teórico verdadeiramente filosófico: aos cinquenta anos de idade publica a sua grande obra, *O ser e o acontecimento*: “a filosofia começa realmente para mim após essas oscilações, no início dos anos oitenta ^(Anexo I, item ii)”

Iremos a seguir recolher depoimentos, alguns deles sonoros, outros sob a forma de texto, a maioria do próprio Alain Badiou, sobre algumas dessas passagens mais

⁷ Conforme citado por Norman Madarasz no seu livro *O múltiplo sem um*, p.13.

importantes de sua vida. Devido à indisponibilidade de uma biografia detalhada de Badiou, recorreu-se ao material disponível na web. Essas passagens são citadas em muitas ocasiões, de modo que selecionaremos algumas dentre elas⁸.

Um desses depoimentos remete à sua infância, quando, após a instalação do governo Petain na França (1942), o seu pai foi expulso do Marrocos, por envolvimento com atividades políticas, que não eram propriamente a função que ele deveria exercer nesse país:

Quando eu tinha cinco anos o meu pai foi expulso do Marrocos por envolver-se com atividades políticas anticolonialistas e foi obrigado a instalar-se em Toulouse. Eu tenho desse momento imagens caóticas de longos trajetos em trem de ferro, a travessia em um barco, a chegada a Marselha em um hotel com uma parte queimada pelo incêndio, esse sentimento de perturbação da existência que foi talvez minha primeira ocasião infantil do que depois passei a denominar acontecimento⁹.

Encontramos neste relato alguns indicativos daquilo que Badiou considera como o tema da sua filosofia. Não é muito difícil imaginar as impressões deixadas em uma criança de cinco anos de idade enfrentando um percurso tal como o descrito. Um pai ativista político que acaba por ser expulso de um país não deve deixar uma marca insignificante no pensamento de uma criança dessa idade.

Data do período da infância em Toulouse a sua paixão pelo teatro. Seu papel ia além de um simples espectador, tendo participação ativa no palco. Ensaiaava peças quando estava no liceu e frequentava o teatro *Grenier de Toulouse*.

Em Toulouse, estive quase continuamente em um liceu onde se dava importância enorme à iniciativa oral. Desde o 6º ano fundamental éramos estimulados a fazer grandes exposições. Além disso, fiz teatro desde muito cedo^(Anexo I, item iii). Meu encontro com o teatro data da infância. O deslumbramento pelo teatro *Grenier de Toulouse*, na época de M. Sarrazin e de D. Sorano, e participação ativa no teatro do Liceu Bellevue^(Anexo I, item iv).

O teatro em sua vida não se limitou ao período da infância. Quando Badiou afirma mais tarde que o filósofo é também um comediante que sabe *seduzir* a audiência, não deixa de estar confirmando a sua própria experiência vivida no teatro, habilidade que muito o beneficiou em favor da defesa oral da filosofia:

8 Como esses depoimentos em geral referem-se à sua vida pessoal, não sendo propriamente conceitos da filosofia, evitaremos fazer interpretação dos mesmos.

9 L'institute Ina.fr. Alain Badiou évoque sa jeunesse marocaine. Disponível em: <http://www.ina.fr/audio/P11355120>. Acesso em 06/02/2015.

Sabendo da importância que você faz do oral, você teve inspirações, modelos? Fiz o papel título de Fourberies de Scapin em 1954-55, incluindo uma turnê pelo Sudoeste da França. Foi a certeza que o teatro era a ligação artística mais forte politicamente que me fez decidir, em 1972, em um decalque de Soulier de Satin, a escrever Echarpe Rouge^(Anexo I, item v) fiz teatro desde muito cedo, e por muito tempo pensei que seria ator. Quando eu estava no secundário todo mundo considerava que eu iria fazer uma carreira de ator^(Anexo I, item vi).

Confirmando a sua paixão pelo teatro, Alain Badiou cita na passagem a seguir uma viagem para assistir a uma apresentação teatral. A própria viagem representou para ele uma experiência. O acontecimento artístico que ele foi assistir é menos relatado do que o “acontecimento paisagístico” que tanto o impressionou. Esse episódio se passou em 1953, quando ele tinha 16 anos:

O que para mim teve a função de um acontecimento totalmente extraordinário foi quando em 1953, totalmente por acaso, fui a Bayreuth (cidade natal de Wagner, na Alemanha), ver uma performance de Tristão e Isolda. No caminho, atravessei a Alemanha que estava ainda destruída. E fui ver esse acontecimento artístico, que era uma novidade na época, era um acontecimento do teatro, e percebo uma relação entre arte, a destruição e a guerra. Uma espécie de visão sintética na ordem da experiência^(Anexo I, item vii).

A guinada em direção à formação acadêmica no campo da filosofia deu-se por puro acaso tal como mencionada por Badiou numa entrevista à *Telerama*. Perguntado se um autor ou um filósofo pode transformar a existência de uma pessoa, ele responde a partir de sua própria trajetória:

*Um autor ou um filósofo pode transformar sua existência? Claro. A pessoa que mais mudou minha vida foi Sartre, à quem fui muito infiel em seguida. No final do ensino secundário, eu tinha a intenção de ser inspetor de águas e florestas. Meu futuro estava claro e traçado. Então li *O imaginário*, depois *Um esboço de uma teoria das emoções*, e a seguir *O ser e o nada*. E eu me reorientei das ciências para as letras, foi um encontro marcante [bouleversante]^(Anexo I, item viii).*

Consequente a esse momento, Badiou desistiu da formação técnica que o tornaria um funcionário de carreira como inspetor de águas e florestas, vindo a dedicar-se à tarefa do pensamento, ingressando na Escola Normal Superior, onde cursou filosofia no período 1956-1961. Da obra de Sartre resultou um conceito de sujeito que, mesmo com as suas atribuições, suas emoções e seus problemas existenciais, resta ainda a liberdade do seu pensamento. O sujeito sartreano não sucumbe nem mediante as mais graves exigências quando, por exemplo, um militante cai prisioneiro e é submetido à tortura. Resta a ele ainda a liberdade radical de

resguardar seus pensamentos e não deixar cair a causa política à qual se vinculou. Badiou vai se apropriar desse conceito de sujeito que pensa, mas irá alterá-lo para adaptá-lo à sua própria conceituação de filosofia:

[essa leitura] inscreveu em mim uma coisa invariante que é que o núcleo da questão filosófica é por certo a *questão do sujeito*. Foi assim que descobri minha própria *teoria do sujeito*, no interior da filosofia de Sartre, apesar de que a teoria que formulei é distante daquela de Sartre¹⁰.

Para além do aspecto conceitual do sujeito, Badiou herdou também de Sartre o envolvimento com a cena política, que coincidiu com um período de intensa agitação política, quando estava em andamento a guerra da Algéria (1954-1962). À imitação da luta anticolonialista empreendida no Marrocos pelo pai, agora é Badiou filho quem, influenciado pela orientação sartreana, dedica-se à mesma causa, com a idade entre dezessete e dezenove anos. Sua participação não se limita ao campo das ideias:

Sartre, seu primeiro mestre, serviu como ponto de referência, um pensamento do engajamento? Em 1956 houve engajamento político em forma de reuniões, de manifestações, à respeito da guerra da Algéria, e eu estava no Partido Socialista, do qual tornei-me secretário. A seguir a questão da guerra tornou-se mais e mais violenta no interior do partido^(Anexo I, item ix).

Data dessa época as suas primeiras incursões políticas quando em 1956, com 19 anos, participou de movimentos declarados *intoleráveis*, que foram *dispersos pela força*, tendo sido este seu *primeiro episódio ilegal*:

Em 1956 eu estava no liceu Louis le Grand, em preparatório para a ENS. Foi organizada no liceu uma vasta reunião para exigir a aliança de socialista e comunistas, para por fim à guerra da Algéria. Essa reunião foi dispersada pela força, o diretor chegou com os seguranças para declarar que aquilo era intolerável e que não se fazia política no liceu. Foi meu primeiro episódio ilegal^(Anexo I, item x).

A luta recrudescer quando ele participa de manifestações contra a guerra da Algéria no Quartier Latin, organizadas pela união nacional dos estudantes, e as forças da ordem adotam atitudes mais radicais – são suas *primeiras manifestações de rua desbaratadas pelas forças da ordem*:

¹⁰ France culture. Hors-champs, 3ª. emissão, Un parcours philosophique. Disponível em: <http://www.franceculture.fr/personne-alain-badiou.html>. Acesso em 06/02/2015.

A partir desse momento, eu participei de manifestações contra a guerra da Argélia, que aconteceram no Quartier Latin, que foram organizadas pela União Nacional dos Estudantes da França, o sindicato dos estudantes. [...] Ao mesmo tempo que eu fazia minhas primeiras reuniões dispersas pela força da ordem, eu fazia minhas primeiras manifestações de rua, desbaratadas pelas forças da ordem^(Anexo I, item xi).

Relata que uma *segunda etapa dessa aprendizagem de base* na política militante foi na experiência com o sindicato dos trabalhadores em mina, da Bélgica. Deu-se aí sua *educação quanto ao sentido da palavra trabalhador*:

A segunda etapa dessa aprendizagem de base é um fenômeno bastante excêntrico que se situa no final do ano de 1960: é a grande greve geral na Bélgica. É isso que vai ser minha educação quanto ao sentido da palavra trabalhador. O resto é guerra anti-colonialista, movimentos, etc. Em 1961 fui enviado pelo meu partido, o PSU...^(Anexo I, item xii)

Ao concluir o curso de filosofia na Escola Normal Superior, foi prestar serviço militar por dois anos, 61-63, na função de flautista:

Saí da Escola Normal em novembro de 1961, e fiquei no serviço militar até maio de 1963. No início fiz o treinamento normal e em seguida fui recrutado para ser flautista no setor de música da terceira região aérea de Bordeaux^(Anexo I, item xiii).

Nessa época estive afastado do contato com o que se passa na *cena intelectual normaliana*, sem, no entanto, perder contato com as artes:

Nos anos 1962-63 eu estive na verdade distante da cena intelectual normaliana. Mais ainda porque nessa época eu me ocupava principalmente da escritura romanesca. É a época em que eu estava envolvido com *Almagestes e Portulans*^(Anexo I, item xiv).

Após concluir o serviço militar, em 1963, e nos anos seguintes, até 1969, ele permanece em Reims, como professor universitário de filosofia. Data dessa época o encontro, contingente, com François Regnault e o convite deste para que ele viesse a integrar o *Cahiers pour l'analyse*. Nas palavras de Regnault:

Após ser liberado do exército, retornei ao liceu de Reims onde fiquei nos anos 63-64 e 64-65. Em 1965 fui nomeado para o Colégio Universitário de Reims, onde fiquei até janeiro de 1969^(Anexo I, item xv). A propósito, fui eu que introduzi Badiou no *Cahiers pour l'Analyse*, uma vez que em 1965 eu assumi um posto como professor em Reims, onde Badiou já estava trabalhando. Ele tinha ido para uma nova universidade. Nós nos conhecemos imediatamente. Eu disse a ele sobre o *Cahiers* e ele imediatamente se interessou pelo projeto^(Anexo I, item xvi).

2.3 O PENSAMENTO FORMAL E A TEORIA LACANIANA DO SUJEITO

O ingresso de Badiou no *Cahiers pour l'Analyse* se dá em 1965. Esse “interesse imediato pelo projeto”, que envolvia Lacan entre outros, é melhor compreendido quando se sabe que o interesse por Lacan é bem anterior a essa data. O primeiro contato com a obra de Jacques Lacan se deu em 1959, com a idade de vinte e dois anos, quando ainda estudante de filosofia na ENS, através da *Revue sur la psychanalyse*, onde aparecem os primeiros textos públicos de Lacan e com Althusser já no seminário de Lacan em Sainte-Anne:

Eu estive pessoalmente ligado à descoberta de Lacan porque desde 1959 comecei a tomar conhecimento da *Revue sur la psychanalyse*, isto é, os primeiros textos públicos de Lacan. Althusser também começa a notar esse fato nessa época. Eu fui uma vez com Althusser assistir o seminário de Lacan em Sainte-Anne. Deve ter sido em 1960. Em 1964 esse seminário foi transferido para a ENS^(Anexo I, item xvii).

É fato conhecido no meio psicanalítico e filosófico o interesse de Lacan pela filosofia e de sua participação nos seminários de Alexandre Kojév sobre Hegel. Também não se desconhece a participação de filósofos, antropólogos, lingüistas, nos trabalhos de Lacan. Mas não é muito divulgado que se deve a Badiou a apresentação dos “primeiros seminários sistemáticos” sobre Lacan em um “espaço estrito da filosofia”, bem antes de chegada de Lacan à ENS, em 1964:

Encorajado, finalmente, por Hyppolite e Althusser, eu fiz a primeira exposição sistemática sobre Lacan na ENS durante os anos 60-61. Eu fiz essas duas seções de seminários sobre Lacan, que creio foram os primeiros seminários sistemáticos sobre ele feitos em um espaço estrito da filosofia, uma vez que eu não era psicanalista^(Anexo I, anexo xviii).

François Regnault chama a atenção para esse fato, pouco conhecido, de que o interesse pela obra de Lacan é bem anterior à chegada deste, a convite de Althusser, para dar seus seminários na ENS (REGNAULT, 2012, p. 254). A justificativa apresentada por Regnault para o acolhimento de Lacan por Althusser deveu-se à psicose de Althusser:

O interesse particular em Lacan veio inteiramente do fato que uma vez que Althusser – que tinha conhecidos e até mesmo complicados problemas mentais, e tinha estado em análise já por algum tempo – soube que o seminário de Lacan em Sainte-Anne havia encerrado, ele convidou-o para a ENS. É necessário acrescentar que a loucura de Althusser, sua psicose,

teve um papel orgânico na introdução da psicanálise no campo do pensamento naquela época (REGNAULT, 2012, p.254).

Jacques Lacan ministrou seus seminários no hospital de Sainte-Anne de 1953 a 1963. Porém, crítico do modo como a IPA, instituição oficial da psicanálise, conduzia a transmissão do ensino de Freud, Lacan foi convidado a se retirar dessa instituição. No Seminário 11, no momento em que fala dessa excomunhão, Lacan agradece a acolhida tida numa instituição filosófica:

Juntarei a isto meus agradecimentos a todos aqueles que, nesta ocasião, me emprestaram sua simpatia, até chegar a condescendência com que o Sr. Robert Flaceliere, diretor da Escola Normal Superior, quis mesmo por à disposição da Escola de Altos Estudos esta sala, sem a qual não sei como eu teria podido recebê-los, por terem vindo tão numerosos, pelo que lhes agradeço do fundo do coração (LACAN, 1985, p. 10).

Ao deixar de apresentar sua elaboração teórica em um hospital, e levá-la para uma escola de filosofia, Lacan desperta o interesse dos estudantes do campo filosófico para a psicanálise. Esse interesse se expressa em questões a Lacan que se encontram no artigo *Resposta aos estudantes de filosofia*, de 19/02/1966, onde responde a questões sobre o objeto da psicanálise. Fazemos notar aqui apenas a resposta radical de Lacan sobre a interpretação. Os estudantes de filosofia lhe apresentam a questão da interpretação e ele diz: “Uma interpretação cujos efeitos compreendemos não é uma interpretação psicanalítica” (LACAN, 2003, p. 218). Lacan repetiu essa ideia em diferentes ocasiões, mas de fato ali naquele texto, foi impressionante pela maneira com a qual ele a expressa. A consequência de estar em uma instituição filosófica foi que “a psicanálise repentinamente tornou-se um campo de reflexão para a filosofia” (REGNAULT, 2012, p. 254).

A psicanálise não interessava-nos, porque para os filósofos, naquela época, a psicanálise não existia: ela lidava somente com sexualidade, e não entrava no campo do pensamento. Tudo começou quando Jacques-Alain Miller assistiu ao seminário de Lacan, e experimentou-o como “amor à primeira vista” [coup de foudre]. Para Jean-Claude Milner também. Em seguida, me convidaram para fazer parte do grupo^(Anexo I, item xix).

Observamos aí uma série sucessiva de contingências propiciando o cruzamento da psicanálise com a filosofia: o interesse de Alain Badiou pela leitura dos textos de Lacan, a excomunhão de Lacan da IPA, o convite para que ele fosse para a ENS, quando poderia ter ido para qualquer outro espaço, etc.

O estruturalismo já estava na pauta de Lacan, como se observa no seu conhecido aforisma *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, e Badiou relata o início do interesse filosófico pelo estruturalismo, dentro da filosofia, quando em certa época na ENS havia um momento de passagem da fenomenologia, então prevalente, para outro modo de interpretar o real, com a descoberta da obra de Lévi-Strauss:

Quando eu estava na ENS, havia uma crescente dispersão, hesitação, uma espécie de busca pela direção do que se passava, o estruturalismo, que se apoiava fundamentalmente nas leituras que fazíamos na época, as discussões, a descoberta retrospectiva de Lévi-Strauss. Uma leitura importante foi as *Estruturas elementares de parentesco* ^(Anexo I, item xx).

Esse livro de Lévi-Strauss, de 1949, considerado quase unanimemente o fundador do estruturalismo, somente era lido em certo círculo mais especializado, “não era um trabalho que fosse facilmente usado fora da etnologia” (REGNAULT, 2012, p. 258). O movimento estruturalista fortaleceu-se com a sua “descoberta” e Badiou, de formação matemática, vai se engajando na direção da lógica:

Esse livro permaneceu por dez anos sem ser verdadeiramente lido por não especialistas. Então ele se torna uma referência pública. A lingüística estrutural, a fonologia, a descoberta de Jakobson, o interesse pela epistemologia matemática, pela lógica formal ^(Anexo I, item xxi).

Como consequência, emerge fortemente a ideia de formalização, sempre sustentada na novidade aportada pela concepção de estrutura inventada por Lévi-Strauss com o conceito de mitema, a unidade mínima a que se reduz o mito após a sua decomposição estrutural:

Então houve um esforço matemático-lógico que nós assumimos. Uma formação matemática, mas mesmo aqueles que não tinham essa formação, se interessam por esse campo, enfim, o pequeno grupo que se entusiasmou por esse movimento filosófico. Começa-se a ler a tradição analítica, Carnap, Wittgenstein, em seguida Frege. E com isso elabora um certo número de coisas ^(Anexo I, item xxii).

O estruturalismo alastrou-se para diversas áreas das ciências humanas vindo a ocupar um espaço preponderante na fundamentação da cultura. A moda era a estrutura. O estruturalismo tornou-se em dado momento um fenômeno de moda. Ele era falado nas revistas, havia caricaturas mostrando Foucault, Deleuze:

Tornou-se um fenômeno social, como o Novo Romance, como a *Nouvelle Vague* no cinema. Tudo isso vai lançar a palavra *nouveau*, cujo fechamento é a corrupção definitiva com os “Novos Filósofos”, momento onde *nouveau*

vai tomar o sentido de restauração das coisas, o abandono da ideia revolucionária, o conformismo universitário, etc. ^(Anexo I, item xxiii).

Desse período estruturalista, Badiou reporta o importante artigo *A sutura: elementos da lógica dos significantes*, de Jacques-Alain Miller. Foi uma tentativa de formalizar o sujeito estruturado lacaniano. Os estruturalistas buscavam encontrar, nas formas extremas do pensamento formal, como suportar a teoria lacaniana do sujeito. Por isso o texto *A Sutura* de Miller é fundamental nesse sentido:

Esse texto manifesta o gênio sintético, que é necessário reconhecer inegavelmente em Miller. Ele mostra que em Frege a reconstrução logicista da teoria dos números dissimula uma operação que só pode ser interpretada como a operação de um sujeito ^(Anexo I, item xxiv).

Porém o sujeito, em Badiou, vai além de sua estrutura formal. O sujeito é uma construção que vem como consequência a um acontecimento. A constituição do sujeito *não é idêntico à ação da estrutura*. Quando faz essa afirmativa, em 2004, não deixa de ser uma referência ao artigo de Miller, de 1966, *A ação da estrutura*:

É então necessário pensar como algo totalmente novo é possível, isto é, como a verdade da estrutura é construída. Porque foi então que eu compreendi que o processo de constituição de uma verdade não era idêntico à *ação da estrutura*. Somos obrigados a pensar que um tipo de ruptura, a novidade de um processo que faz irrupção na estrutura, o que enfim nomeei o processo de uma verdade ^(Anexo I, item xxv).

O que seduziu Badiou foi a possibilidade de tratar o sujeito valendo-se também da matemática e da lógica formal. O sujeito pode conviver com a estrutura formal, talvez até ser constituído por ela, desde que também exista para além dela:

A operação primitiva – de fato aquela que me seduziu, como com freqüência proclamei – é essa ideia de que não é porque se está engajado no rigor formal mais extremo e que se assume a potência formal das matemáticas, da lógica, etc, que se deve suprimir a categoria do sujeito. Penso que essa foi a influência filosófica maior de Lacan. A capacidade de conviver lado a lado de modo estranho uma teoria formal das estruturas, que ele desenvolve como teoria lógica do significante, e uma teoria da aventura subjetiva ^(Anexo I, item xxvi).

2.4 “MAIO DE 1968”: “O TURNING POINT”

Porém o acontecimento de maior repercussão na vida de Badiou, dito por ele mesmo e muitas vezes retomado, foi sem dúvida “maio de 68”. Badiou o designa

como o seu *caminho de Damasco*, fazendo alusão à conversão do apóstolo bíblico Paulo: “Conhecemos a história: a caminho de Damasco, enquanto fariseu diligente, para perseguir os cristãos, Paulo ouviu uma voz misteriosa que lhe revelou a verdade e sua vocação” (BADIOU, 2009, p. 26). É assim que Badiou define “maio de 68”:

“Maio de 68” foi o meu *caminho de Damasco*, um período que eu vivi como uma conversão. “Maio de 68” foi para mim um acontecimento que mudou os dados políticos, conceituais e pessoais de minha existência. Para parodiar Kant, eu diria que 68 tirou-me de meu sonho estruturalista¹¹.

O *sonho estruturalista* aí referido é o pensamento que vigorava de que o sujeito estaria organizado segundo uma lógica que o aparelha de tal modo que ele pudesse dar conta da realidade, de que ele tivesse em si mecanismos a priori que desse conta inclusive dos acontecimentos imprevistos. Como se fosse possível uma modelagem matemática do sujeito. Que, diga-se de passagem, persiste ainda hoje em certas áreas da psicologia. “Maio de 1968” veio derrubar essa hipótese. O surgimento abrupto do real incide sobre o sujeito produzindo efeitos que cujas conseqüências não são previstas a priori.

“Maio-68” afastou Badiou por um longo período da investigação propriamente filosófica: “*Le concept de modèle* é meu primeiro livro filosófico e permanecerá por muito tempo o único. Será *Théorie du sujet* (1982) que colocará fim a quinze anos de abstinência no que concerne à minha expressão filosófica pública” (BADIOU, 2007, p. 01). As obras *Théorie de la contradiction* (1975) e *De l’Idéologie* (1976) são dois ensaios políticos que não tinham esse enquadramento, pois estavam “suturadas à política”, e *L’Écharpe rouge* (1979) é uma ópera-romance do campo das artes:

Durante esse período fui um ativista político. Fulminado por “maio-68”, que eu comparo a meu *caminho de Damasco*, eu entrei na política ativa que transformou de um extremo a outro minha vida cotidiana. E evidentemente essas atividades não me deixaram nenhum tempo disponível para a atividade teórica. Mas eu mantive mesmo assim uma linha de pesquisa teórica no interior dessa efervecência política extraordinária^(Anexo I, item xxvii).

No livro *Para uma nova teoria do sujeito*, citando Mallarmé a propósito do acaso, Badiou aponta, contra o apregoado fim da filosofia, “um desejo de filosofia como um sentimento da potência do risco e do acaso” (BADIOU, 1994, p. 12). Esse desejo

¹¹ Teria sido Hume que teria despertado Kant do seu sonho dogmático no qual estava imerso.

pode dar-se no âmbito de uma questão que insiste e que não encontra resposta no saber instituído. Com frequência Badiou cita Bergson, para quem o filósofo é o sujeito que porta uma questão, uma questão que o causa, que o leva a investigar a tradição filosófica e, não encontrando resposta, põe-se a trabalhar na construção de sua própria teoria. Uma questão que, enigmática por si mesma, coloca em causa o pensador. É como se Badiou tivesse em mente a questão *O que é o sujeito após um acontecimento imprevisto?* e buscasse incessantemente respondê-la construindo a sua filosofia, nesse caso então uma “filosofia de assinatura pessoal” (MADARASZ, 2011, p. 13).

3 DO PODER DO UM AO PODER DO MÚLTIPLO

Este capítulo se inicia com o problema do sentido na investigação filosófica. A questão é: a partir de que lugar é feita a construção do sentido? É discutida a tese da decadência do pensamento globalizante que se enuncia pelo nome “poder unificador do Um” para construção do sentido. Essa tese não passa de uma metáfora para se referir ao poder da linguagem para realizar o discurso sobre o Ser. A figura do mestre antigo como posição de exceção para elaboração do sentido passou a ser desempenhada na modernidade pela figura do professor como transferidor de sentido por meio das letras. O Um perde consistência, e em seu lugar passa a ser possível compreender o Um como efeito de uma operação da cadeia significante. O significante é pensado por Badiou como a inscrição de um acontecimento imprevisto, a declaração do nome próprio do acontecimento. Esse nome próprio é a materialização na linguagem de um pensamento originário. Um pensamento originário não é aquele que advém do saber existente, mas da pura inconsistência. O Um é um efeito secundário que se obtém a partir de elaborações sobre as conexões lógicas implicadas nesse nome próprio.

3.1 O PODER NORMATIVO DO UM

Acabar com o sentido é, sem dúvida alguma, o desafio mais elevado de qualquer filosofia digna desse nome (BADIOU, 2013C, p. 64).

O estilo incisivo dessa proposição pode causar certo embaraço, porque ela foca numa questão valiosa para a filosofia: a questão do sentido. Como pensar a filosofia sob a condição de não haver sentido? É, então, uma proposição que obriga a pensar. Não é qualquer sentido que se pretende destruir. Qual é o sentido que uma filosofia digna desse nome deve destruir? Veremos que é o sentido que se encontra vinculado ao que Alain Badiou chama de poder normativo do Um, do Um visto como totalizador do sentido. O pensamento de Alain Badiou visa propor outra via de acesso ao Ser, que não seja através da submissão a um sentido pré-existente controlado por um poder normativo totalizador.

3.1.1 O sentido como oferenda divina

Vamos iniciar nossa discussão pela expressão “véu religioso do sentido” (BADIOU, 1992, p. 258), em que Badiou estabelece uma ligação entre sentido e religião. Ele não deixa dúvida sobre isso: “ninguém duvida de que uma das funções da religião é dar sentido à vida” (BADIOU, 1999, p. 15). Ao afirmar que o sentido se encontra associado à religião, coloca-se a questão do sentido como vinculado ao nome de Deus.

Porém será que Deus e religião são, necessariamente, sinônimos? Badiou afirma que não: “é decisivo distinguir aquilo que denomina a palavra ‘Deus’”. E prossegue: “houve três grandes deuses, o das religiões, o da metafísica e o dos poetas” (BADIOU, 1999, p. 15-23). Então, não se trata necessariamente do Deus da religião conforme comumente se denota sob o termo religião. Não avançaremos muito na distinção entre essas três categorias de Deus.

Mas o que se entende por sentido varia segundo cada um desses deuses. Para o crente na vida após a morte, o Deus da religião irá “produzir um sentido para vida total, a morte inclusive”. Para o homem descrente nessa hipótese, “o Deus da metafísica sempre foi a peça central de uma máquina de guerra racionalista contra o Deus vivo da religião” (BADIOU, 1999B, p. 15). O início dessa empreitada “começou com estrondo desde os Gregos. É certo que se consagra ao sentido, à atribuição de sentido, ou à totalização do sentido, mas economizando todo afeto e mergulho existencial nesta atribuição” (BADIOU, 1999B, p. 16). O que interessa para o Deus da metafísica é “garantir que as verdades tenham sentido”. Já para o pensador heideggeriano, cujo Deus poeta “retirou-se do mundo, deixando-o exposto ao desencanto” (BADIOU, 1999B, p. 20), o de que se trata é de um “retorno do sentido”.

Portanto, em cada uma dessas três versões de Deus, de um modo ou de outro, o que está em jogo é uma busca incessante de alguma forma de atribuição consistente de sentido sustentado em um Deus todo poderoso. Na verdade, Deus é apenas uma metáfora que aponta para uma posição de exceção, uma condição transcendente. Alain Badiou se coloca contrário a essa posição transcendente como lugar de origem do sentido, qualquer que seja ela: religiosa, metafísica ou poética. Badiou dirá: se há algo de excepcional no advento da Ideia, está unicamente no fato de ela advir de fora daquilo que já se sabe, de fora do poder do Um.

3.1.2 O Deus da metafísica e a consistência do Um

A metafísica, desde o seu início, lançou mão da argumentação lógica como uma espécie de “máquina de guerra racionalista” para questionar o sentido dogmático sustentado em um Deus da religião:

Como a Metafísica disso testemunha desde as suas origens, há um sentido não vivo, um sentido literal, um sentido argumentado e, sem dúvida, um sentido matemático, sentido este que rompe em profundidade com a consignação religiosa do sentido à disposição do Deus vivo (BADIOU, 1999B, p. 18).

O pensamento filosófico vai à busca do fundamento questionando o “sentido literal” dos textos, na tentativa de encontrar os princípios primeiros. A ideia é que esses princípios se sustentam em um fundamento racional, que “rompe em profundidade com a consignação religiosa do sentido”. Ora, será que esse modo de pensar não termina por instituir um novo Deus, “infinitamente mais resistente”, um “Deus que só denomina um princípio e é assim, precisamente, inacessível à morte” (BADIOU, 1999B, p. 18)?

Tal é a crítica de Heidegger conforme Badiou lê no artigo “Projectos para a história do ser enquanto metafísico¹²”. O título é sugestivo: a metafísica contando uma história do Ser. A metafísica simplesmente institui um Deus da razão no lugar de um Deus da religião para buscar um sentido do Ser. Com Heidegger, é possível ler a história da filosofia pelo viés metafísico enquanto história do Ser: “sem dúvida devemos a Heidegger o ter reordenado a Filosofia na questão do ser” (BADIOU, 1999B, p. 27).

Esse reordenamento heideggeriano evidencia o imperativo racionalista como norma de conduta para pronunciar o discurso sobre o Ser. Um imperativo que fixa um lugar bem definido:

O caráter distintivo da Metafísica está decidido. O Um enquanto unidade unificadora torna-se normativo para a determinação ulterior do Ser (BADIOU, 1999B, p. 28).

¹² Segundo Alain Badiou, esse artigo é uma compilação de notas que se encontram “traduzidas no final do tomo II do *Nietzsche*” (BADIOU, 1999B, p.29).

Segundo essa tese, o que distingue a metafísica enquanto posição discursiva é que nela o Um ocupa função normativa para proferir o discurso ontológico. Assim pensado, o Um é infinitamente mais resistente e ganha consistência: “existe um Ser do Um como traço distintivo da metafísica no sentido de Heidegger” (BADIOU, 2013D, p. 48).

Alain Badiou interpreta essa formulação de Heidegger do modo que lhe interessa, dizendo: “podemos então definir a Metafísica assim: inspecção do ser pelo Uno” (BADIOU, 1999B, p. 28). Ou seja, o Um consistente é um modo de “inspecionar” o Ser com vistas a obter um saber sobre o Ser. Esse saber seria obtido através da definição: “a definição estabelece na própria língua o poder normativo do Um” (BADIOU, 1999B, p. 32).

Trata-se da ideia de que seria suficiente uma definição bem precisa dos conceitos. Vejamos nessa ótica como se compreende o conceito de justiça: “com freqüência desejamos que o conceito de Justiça aja como fundamento para a consistência da união social, quando ela apenas nomeia os momentos mais extremos de inconsistência” (HALLWARD, 2005, p. 14).

Portanto, a própria ideia de justiça fica vinculada à ideia de consistência quando, de fato, é uma ideia que está do lado da inconsistência. O método da definição de conceitos implica dizer que o Um detenha um saber do que é Justiça. A verdade do que é Justiça estaria sob o poder do Um:

Se pretendermos aceder à exposição múltipla do Ser pela via de uma definição, estaremos na verdade originariamente estabelecidos no poder metafísico do Uno (BADIOU, 1999B, p. 33).

Como consequência, as considerações sobre o Ser ficam limitadas àquilo que a língua pode definir. De modo que a filosofia fica limitada a operar no interior da linguagem para elaborar questões sobre o Ser. Badiou vai apontar o problema de pretender aceder à verdade pelo recurso à definição: “o risco metafísico [... é o de] chegar à conclusão que a verdade tenha um sentido” (BADIOU, 1999B, p. 16). Essa é a questão que mais incomoda Alain Badiou: inspecionar o Ser por meio de conceitos bem definidos no interior da linguagem para aí encontrar a verdade enquanto sentido.

Heidegger desenvolve a tese do poder normativo do Um para se opor a ela. A proposição de Heidegger é bem conhecida no meio filosófico: “a linguagem é a casa do Ser. Nesta habitação do Ser mora o homem” (HEIDEGGER, 2010, p. 08). Alain Badiou rejeita essa tese por considerar que ela coloca a linguagem no lugar privilegiado para proferir o discurso ontológico. Badiou nomeia a operação heideggeriana de “ontologia poética”:

Heidegger ainda continua submetido ao que considero ser justamente a essência da metafísica, ou seja, a figura do Ser como entrega e dom, como presença e abertura, e a da ontologia como proferição de um trajeto de proximidade. Chamarei *poético* esse tipo de ontologia (BADIOU, 1996, p. 17).

Em que sentido ontologia poética? No sentido de que a poesia toma os termos existentes da linguagem para uma “proferição de um trajeto de proximidade” com o Ser. A linguagem poética seria um modo de aproximar-se do Ser. Alain Badiou considera que, ao mesmo tempo em que Heidegger critica o Um como linguagem racionalista para discursar sobre o Ser, ele repõe no seu lugar outra modalidade de Um, o Um como linguagem poética. Um Deus dos poetas no lugar de um Deus da metafísica. Sai um Deus e entra outro Deus.

A teoria dos três deuses é desenvolvida por Alain Badiou no texto “Deus morreu” (BADIOU, 1999B, p. 11). O nosso objetivo na leitura desse texto teve o intuito de apresentar um modo de pensar o discurso sobre o Ser a partir do poder do Um sustentado num Deus transcendente. O conceito de Deus, qualquer que seja ele, é apenas uma maneira abstrata de especular sobre o Ser:

Deus, reduzido se posso dizer à sua abstração especulativa, é um *ponto do Ser* em que o Um e o infinito vêm coincidir em um regime particular de poder (BADIOU, 2013, [grifo nosso]).

A expressão “ponto de Ser”, que aqui aparece, é utilizada com frequência por Badiou, sem que seja definida. Trata-se do modo de acessar o Ser para proferir o seu discurso. No caso citado, esse “ponto de Ser” remete a uma totalidade que se garante por se situar em um lugar de exceção. O atributo maior dessa totalidade poderosa é que esse lugar de exceção situa-se no infinito. Desse lugar podem se pronunciar três deuses, segundo o interesse daquele que defende essa ideia: O Deus da religião, o Deus da metafísica, o Deus dos poetas. O que está em jogo aqui, basicamente, é a função desempenhada pelo infinito. Inacessível

cognitivamente, Deus foi, na verdade, apenas uma abstração que oferece consistência sólida ao Um para especular sobre o Ser: o fato de ser proferido a partir de um lugar ainda desconhecido pelo homem.

3.1.3 O infinito de Cantor e a destituição do Um

Aquela “máquina de guerra racionalista” mencionada antes e usada para desfazer os dogmas de uma “religião do sentido” encontra-se, na matemática moderna, bem mais aprimorada. Agora, quem põe fim à teologia não é mais o filósofo pensando matematicamente, mas é o próprio matemático:

Sob certos aspectos, foi a matemática moderna que colocou fim à teologia, muito mais do que a filosofia (BADIOU, 2008A).

Na concepção de Alain Badiou, grande parte da importância do Deus da religião se devia à ignorância do homem a respeito do infinito. E o conceito de Deus tinha sustentação firme enquanto o infinito era carregado de conotação mística, um lugar especial reservado para a morada de Deus. De modo que até a época de Cantor o infinito era um predicado exclusivo de Deus, uma região inexplorada matematicamente. O conceito de infinito passou a ser objeto de disputa entre a matemática e a teologia:

Aliás, Cantor sabia disso (dessa disputa). E ele estava tão atormentado por isso que ele escreveu ao Papa para perguntar se a sua teoria das multiplicidades não era um sacrilégio (BADIOU, 2008A).

Após o trabalho de Cantor o infinito, deixando de ser místico, deixa também de ser um predicado de Deus. E a queda desse predicado produzirá uma ruptura no elo entre o infinito e o místico. A transformação do infinito em um simples operador da matemática irá destruir a ligação entre o infinito e Deus:

O gesto de Cantor foi de desfazer a ligação entre Deus e o infinito no nível da racionalidade matemática. Mostrando em primeiro lugar que o infinito pode existir matematicamente, que o infinito não é uma idéia transcendente ou um ser transcendente. Em segundo lugar, que existe uma pluralidade aberta de infinitos, de maneira que a ligação entre o infinito e o Um se encontrava desfeita (BADIOU, 2013).

O matemático Georg Cantor, inventor da teoria dos conjuntos, ao tomar o infinito como algo que “pode existir matematicamente”, ao realizar operações matemáticas com o infinito, e provar a existência de vários infinitos, removeu o infinito de sua

localização transcendente: “Cantor laicizou o infinito com uma literalização cuja audácia é sem precedentes” (BADIOU, 1992, p. 258).

Com Cantor, o infinito deixou de ser algo místico e passou a ser manipulado como um número a mais, uma letra da matemática, um objeto comum da manipulação algébrica. O infinito, laicizado, deixou de ser um predicado de Deus. Então, onde é a morada de Deus, se considerarmos que a cognição “chegou” ao infinito?

Se considerarmos com Badiou que Deus é apenas uma “abstração especulativa” para conferir autoridade ao Um devido à sua ligação com o infinito, então a queda do infinito pode ser generalizada, destituindo o poder de qualquer que seja o Deus transcendente doador de sentido.

Alain Badiou defende a ideia de que o discurso sobre o Ser, na contemporaneidade, se realiza a partir de outro lugar, agora não mais de uma transcendência universal. Este lugar é o lugar do acontecimento que afirma a existência do vazio ontológico: “o *ponto de Ser* absolutamente inicial da ontologia é o nome do vazio, \emptyset ... Esta é a única ideia existencial. Os múltiplos admitidos à existência a partir do nome do vazio, como por exemplo $\{\emptyset\}$...” (BADIOU, 1996, p. 126).

Veremos ao longo do texto que o vazio, \emptyset , é, a um só tempo, a marca da inconsistência e o primeiro existente. É o primeiro ponto de apoio de toda pretensão de consistência. Então, ao contrário do “ponto de Ser” inicial ser uma posição totalizadora, esse ponto de Ser é a própria inconsistência, cuja marca é \emptyset . Este modo de discursar sobre o Ser é referido de modo geral pela expressão “há Um”, ou seja, “há o vazio”. A nossa pretensão é, ao longo deste trabalho, pensar junto com Badiou o surgimento do Um a partir do singular, contra o poder normativo do Um.

Tal é o propósito de Alain Badiou quando afirma que “o ‘há Um’ é uma subversão radical da tese especulativa, ou filosófica, ‘o Um é’” (BADIOU, 2013C, p. 76). O pensamento de Alain Badiou se desenvolve em torno do múltiplo sem Um, segundo a premissa “o Um não é”: “não há nenhum Deus. O que se dirá também: o Um não é. O múltiplo ‘sem Um’ é a lei do Ser” (BADIOU, 1995, p. 39). Dizer “o Um não é” equivale a dizer o Um não tem Ser, não tem consistência totalizante.

Resumindo: o Um age de uma posição de poder pelo seu vínculo com o infinito onde se situa Deus. É dessa posição que o Um realiza o discurso sobre o Ser. Pela expressão “poder normativo do Um” Badiou designa o poder da linguagem de definir

um termo a partir de outros termos. Nesse modo de pensar, um novo termo não é uma ruptura com os termos do saber existente, ao contrário, todo novo termo se define a partir da enciclopédia do saber. Os termos passam a existir pelo poder do Um como legislador do Ser. Esse poder é de tal modo que toda novidade é imediatamente explicada a partir das definições já existentes. Como vimos, “a definição estabelece na própria língua o poder normativo do Um”.

Como fica nesse enquadramento a questão do singular? Sobre isso Badiou afirma que a “norma do pensável é a unificação do ente singular pela via da potência do Um” (BADIOU, 1999, p. 27). Essa norma impõe que o pensamento pense sob a forma do Um. Isso se deve a que a experiência do ser humano se inicia, de um modo geral, em conformidade com aquilo que se encontra bem fundamentado e constituindo um corpo de saber. Os métodos de transmissão de conhecimento são tais que pretendem ensinar aquilo que já se sabe.

A esse saber previamente estruturado Badiou designa como saber enciclopédico. Ao homem é permitido dizer somente aquilo que está em conformidade com a enciclopédia: “quanto ao que podemos dizer, no sentido estrito, estamos sempre sob a lei de enunciados já ditos” (BADIOU, 1997B, p. 33). Isso induz o ente singular a pensar sob a forma da totalidade. O efeito de unidade do pensamento estabelece uma conexão entre o singular e o universal. Isto é, desde o início, o ente singular pensa na condição de que o seu pensamento seja tal que ele encontre a sua unidade sob o domínio do Um. Então, a não ser que venha a ser submetido aos efeitos de um acontecimento desestruturante, podemos dizer que ao ente singular resta pouca possibilidade de vir a operar a partir de si mesmo para encontrar a sua unidade, o seu ponto de acesso ao Ser, que não seja pela via do poder unificador do Um já instituído.

3.2 A MUDANÇA DE POSIÇÃO DO MESTRE

Enquanto vigorou seu vínculo com Deus, o Um esteve associado ao discurso do mestre¹³. Vejamos a posição do mestre antigo na reflexão de Jean-Claude Milner:

¹³ Jean-Claude Milner desenvolve esse tema tendo em mente o *Seminário 17: o avesso da psicanálise*, de Jacques Lacan, em que é elaborada a teoria dos quatro discursos.

Durante muito tempo se supôs necessária à transmissão do saber, ou pelo menos à sua transmissão integral, a intervenção de um sujeito insubstituível - o que chamamos um mestre, dispensando a seus discípulos através de sua Palavra e de sua Presença (da qual uma forma pode ser a ausência) o mais-saber. Sem esse mais-saber, que chamamos sabedoria e que deve inspirar uma forma de amor, e sem o mestre que é seu suporte, nenhuma transmissão poderia se cumprir integralmente. Podemos aí reconhecer o dispositivo antigo, ligado à *episteme*. O mestre antigo era mestre enquanto termo insubstituível, e o permanecia fora de toda posição no laço social (MILNER, 1996, p. 101).

Nessa visão, o mestre antigo era detentor de um saber a mais, e era a partir dele que o discípulo obtinha a sua orientação. Frente às dificuldades com o sentido, como por exemplo, diante de um acontecimento imprevisto, o discípulo recorria ao mais-saber do mestre. Detentor do mais-saber, o mestre antigo ocupava uma posição de exceção em relação aos membros do grupo. A “sua Presença e a sua Palavra” tinham ascendência sobre os demais membros do grupo, conforme a citação acima: “o mestre antigo era mestre enquanto termo insubstituível, e o permanecia fora de toda posição no laço social”.

A inversão de posição do mestre se inicia, segundo Milner, na modernidade. O mestre moderno tem o seu lugar na Escola investido na figura do professor. Ele não é mais insubstituível, “o mestre moderno só é mestre porque ocupa uma posição, onde é infinitamente substituível por qualquer outro” (MILNER, 1996, p. 102). Qualquer outro, isto é, qualquer um, pode vir a ocupar o lugar do mestre na modernidade. Esse “qualquer outro” que substituirá o mestre será encarnado na figura do professor como repetidor do saber enciclopédico.

Essa mudança de posição do mestre interessa-nos porque é correlativa de uma mudança de posição do Um. Sob esse aspecto, Alain Badiou se apoia na antifilosofia¹⁴ lacaniana para elaborar a saída do poder do Um, do “Um que parece

¹⁴ Consta na obra de Jaques Lacan duas menções ao termo antifilosofia: “Peut-être à Vincennes,” *Autres écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 2001, p. 314 e “Monsieur A,” *Ornicar?*, número 20-21, 1980, p. 17. Há controversa sobre o sentido desse termo pretendido por Lacan. A questão é: contra qual filosofia Lacan se declara antifilósofo? Sobre isso Badiou adota a seguinte posição: “o antifilósofo lança à filosofia o singular desafio de um novo objeto. Meu exame é o de Lacan filósofo, enquanto antifilósofo. Creio ter contribuído para essa inelutável reinscrição de Lacan na filosofia como tal” (BADIOU, 2013C, p.64-65). Qual esse novo objeto que a filosofia “esqueceu’ de examinar”? (BADIOU, 2013C, p.64). No contexto do nosso estudo, esse objeto será a não-relação: “a filosofia carece do princípio da não-relação” (BADIOU, 2013C, p.69). Retornaremos a esse tema na conclusão do nosso trabalho.

correlacionado à mestria do pensamento masculino” (BADIOU, 1999, p. 21), ou *mascul'Une*¹⁵, para utilizar o termo próprio empregado por Alain Badiou.

O Um pensado a partir do mais-saber detido pelo Mestre à moda antiga dá indícios de sua impotência. Ele cede espaço ao mestre moderno, isto é, ao professor: “se a transmissão da ciência moderna não requer mestres (mas no máximo professores), é justamente porque ela se fia inteiramente nos funcionamentos literais da matemática” (MILNER, 1996, p. 101). A transmissão de saber pelo uso das letras “implicam um procedimento de destituição de sentido sem impedir a instauração da verdade” (MURTA, 2012, p. 42). Trata-se da “destituição do sentido” religioso sem destituir a verdade. Separadas do “sentido religioso”, a verdade das letras independem da figura de um mestre. Pensada desse modo, a transmissão da verdade seria integral, sem as distorções da interpretação subjetiva.

Resumindo: do ponto de vista de Cantor, a literalização do infinito, isto é, a sua transformação em letras da álgebra, rompe o seu vínculo com a figura do Deus e do Um. Do ponto de vista de Milner essas mesmas letras provocam a substituição do mestre antigo pelo professor, na sua função de transmissão de saber. As letras são causa de ruptura tanto com o Um divino, em Cantor, quanto com o mestre antigo, em Milner.

Nos dois casos a questão gira em torno do uso da linguagem nas suas relações com o Ser. Porém não da linguagem enquanto termos previamente definidos na enciclopédia, mas da linguagem das letras. Lido pela filosofia de Alain Badiou, tudo gira em torno da potência da letra contra a potência do Um: “o único poder que pode ser sintonizado com a potência do Ser é a potência da letra. Somente assim esperamos resolver o problema que define o pensamento contemporâneo: o que é exatamente uma singularidade universal?” (BADIOU, 2005A, p. 80). Dito na linguagem que nos interessa aqui: o que vai contra o poder do Um, é o poder da letra enquanto expressão da singularidade.

Acabamos de discorrer sobre essa potência do Ser, expresso nas letras da matemática pelo pensamento de Cantor, na destituição da potência do Um. Uma questão radical no pensamento de Alain Badiou, como também de qualquer filosofia: como pensar uma singularidade que seja ao mesmo tempo universal? Estamos às

¹⁵ Ver comentário sobre esse neologismo mais adiante.

voltas com a questão levantada por Célio Garcia quando comenta o pensamento de Alain Badiou: “o singular derrota a estrutura, aponta para a impotência do princípio do Um” (GARCIA, 1995, p. 163).

Debateremos isso na próxima seção, mas cremos já ter deixado clara a nossa direção: a posição singular é a posição enunciada a partir do “há Um”, enquanto a posição universal é a posição enunciada a partir de “o Um é”. Essa posição, “o Um é”, é a posição totalizadora da estrutura. Então, a frase de GARCIA, “o singular derrota a estrutura”, poderia ser dita: o “há Um” derrota o “o Um é”.

Ou seja, estamos diante de um pensamento segundo o qual o Um perde a sua potência e passa a ser apenas o resultado de uma operação. O Um passa a ser visto como o efeito secundário de proposições primárias ou axiomáticas. Essas proposições são construídas a partir do indecível, daquilo que não se pode decidir previamente do ponto de vista do Um como detentor do saber e doador de sentido. Na linguagem mais técnica de Alain Badiou, isso é expresso do seguinte modo: “a liberdade do pensamento que se harmoniza com o Ser está na decisão axiomática”, isto é, do lado das letras, “e não na intuição de uma norma” (BADIOU, 1999B, p. 38), isto é, não do lado do poder do Um.

Retornaremos à ideia de “decisão axiomática” mais adiante. Por enquanto diremos apenas que o axioma é um termo da matemática e que “o que constitui o valor do axioma é precisamente o fato de permanecer preservado do poder normativo do um” (BADIOU, 1999B, p. 35). Organizado em torno de proposições primitivas, o pensamento axiomático estabelece o seu próprio regime, sem ser por adequação à linguagem existente, isto é, sem adequação necessária ao poder do Um. Segundo Badiou, é através do pensamento axiomático que se “cumpre a equivalência do Ser e da letra, desde logo que nos subtraímos ao poder normativo do Um” (BADIOU, 1999B, p. 37).

Talvez para evitar confusões com enunciados puramente matemáticos, Alain Badiou re-transcreve esse termo, axioma, para o seu jargão filosófico apelidando-o “indecível”. Que passa a ser um termo técnico de sua filosofia.

3.3 O UM COMO RESULTADO DA CONSISTÊNCIA SIGNIFICANTE

Trabalhando em compatibilidade com a psicanálise de Lacan, Badiou vai operar uma reviravolta: o singular derrota a estrutura, aponta para a impotência do princípio do Um (GARCIA, 1995, p. 163).

Considerando a leitura psicanalítica como influenciando o pensamento filosófico, Célio Garcia é contundente nessa afirmação: “o singular aponta para a impotência do princípio do Um”. O nosso intuito nesta seção é voltar a nossa atenção para o termo singular aí mencionado.

Vimos na seção anterior que o poder normativo do Um está vinculado à idéia mais geral segundo a qual a linguagem tem o poder de produzir sentido, um sentido que se encontra encoberto por um véu divino com pretensão de validade universal.

Porém, de que lugar se enuncia essa verdade? Qual a relação da verdade com o sentido? Veremos que foi de um lugar singular, conforme a citação, que se enuncia o Um como verdade que passou ao discurso universal¹⁶.

Em 1994, tratando da antifilosofia de Jacques Lacan, Alain Badiou diz que “a questão da antifilosofia repousa muito amplamente sobre a questão do par sentido/verdade” (BADIOU, 2013D, p. 40). Trata-se de investigar a relação entre a verdade e o sentido. Pois, afinal, o que é o sentido? O sentido existe por si só ou tem sustentação em outro lugar?

Alain Badiou, em um texto de 1997¹⁷, sustenta que “o sentido deve ser pensado como efeito do simbólico, e não como conteúdo” (BADIOU, 1997A, p. 06). Neste caso, é possível pensar então a separação entre a consistência do campo significativo de um lado, e de outro lado o efeito de sentido desse campo. O reverso daquela proposição se diria: uma proposição que não tenha nenhuma consistência

¹⁶ A concepção do fundamento singular do universal é o tema do livro *São Paulo e a fundação do universalismo* (BADIOU, 2009, pp. 52, 95). Dizendo que “Paulo institui o ‘discurso cristão’ que se distingue dos discursos judaico e grego” (p.52), Badiou afirma que “é impossível que o ponto de partida seja o Todo” (p.53). Ele propõe que o ponto de partida seja o singular. “É preciso partir do acontecimento enquanto tal, que é acósmico e ilegal, que não se integra a nenhuma totalidade e não é signo de nada” (p. 53).

¹⁷ Esse texto foi publicado na revista da Letra freudiana, *Colóquio de psicanálise e filosofia*, publicado em 1997. Nessa revista encontram-se publicadas quatro conferências proferidas por Alain Badiou, quando de sua estada no Brasil, em outubro de 1996. Essas conferências repetem, de modo condensado, o conteúdo do seminário sobre Lacan dado em 1994-1995 (BADIOU, 2013D).

lógica não tem, evidentemente, nenhum conteúdo. “O que está excluído por esta operação metafísica é que a significação possa consistir por si mesma” (BADIOU, 2013D, p. 41). A significação não consiste por si mesma. A sua consistência vem de fora. O sentido é dependente da consistência do campo significante, mas vai se produzir fora dele.

Isto estabelece uma condição para que haja pensamento: “é necessário subtrair o Ser da significação para que a significação seja pensável” (BADIOU, 1999A, p. 60). Isto é, a condição para que haja pensamento é que a consistência da cadeia significante não produza sempre um mesmo e único sentido. Subtrair o Ser do sentido equivale a dizer que o sentido não tem Ser. “O que é excluído por essa operação metafísica, é que a significação possa se consistir por si mesma” (BADIOU, 2013, p. 41). A significação não tem consistência própria. Trata-se do “des-ser da significação” (BADIOU, 1997, p. 06). Isto é, se o sentido é um efeito que se obtém da cadeia simbólica, se é derivado de proposições primárias e obtido a partir dessas proposições, então é possível obter do texto outro sentido, que não seja uma repetição de sentido pré-estabelecido.

Voltando à questão da relação sentido/verdade, cabe perguntar: se o sentido não é, se o sentido não tem Ser, sendo então metafísico, e considerando que a verdade tem efeito de sentido, isso não colocaria em risco a categoria filosófica da verdade? A verdade não corre o risco de se tornar também metafísica? Para que isso não ocorra, a categoria da verdade deve ter as suas raízes do lado daquilo que sustenta o efeito de sentido. A verdade deve ter seu fundamento buscado lá na origem da cadeia simbólica, nas operações que conduzem ao efeito de sentido.

Citando Jacques Lacan, Alain Badiou afirma que “nenhuma significação será tida doravante como sendo evidente” (BADIOU, 1997A, p. 07). A significação, sendo um efeito da cadeia simbólica, deixa de ser evidente por si mesma, havendo outros efeitos possíveis. A proposta de Badiou para sair da pretensa univocidade do sentido é a elaboração do Um como uma operação singular, isto é, deve-se “pensar o Um como operação, e não como Ser” (BADIOU, 1997A, p. 08). “O Um não é”, o Um é apenas um efeito, e trata-se de pensar nas operações que conduzem ao Um. A questão fica então deslocada: “o Um não é”, porém, “há Um”. O Um passará a ser visto como uma operação de conta.

Uma das grandes novidades, no nosso entender, da filosofia de Alain Badiou, está na sua concepção do Um como operação, que ele denomina de conta-como-um¹⁸. Essa operação é introduzida logo no início do livro *O ser e o acontecimento* e definida no dicionário que se encontra no final desse livro: “uma vez que o Um *não* é, todo efeito-de-um é o resultado de uma operação, a conta-por-um” (BADIOU, 1996, p. 388). Iremos buscar o vínculo dessa operação com o enunciado existencial “há Um”.

Citando Jacques Lacan, Alain Badiou afirma que “a metafísica é o efeito de um enunciado particular ‘o Um é’” (BADIOU, 1997A, p. 06). O acento aqui recai sobre o termo particular: foi de um lugar particular que partiu a proposição que veio a se universalizar. E Badiou acrescenta: “se pensarmos o Um como operação e não como ser, isto é, se demonstrarmos em que consiste o uso [grifo nosso] do Um, então não seremos tomados pelo suspiro¹⁹, não estaremos sob o poder normativo do Um” (BADIOU, 1997A, p. 08). Enfatizamos esse uso porque há uma questão política envolvida nessa questão. É quando o discurso originário é tomado para efeitos de dominação, sob o modo “o Um é”. Comentaremos isso adiante.

Como fazer para demonstrar em que consiste o uso do Um? Essa demonstração, afirma Alain Badiou, se faz pela separação entre dois enunciados distintos sobre o Um: o enunciado “o Um é” e o enunciado “há Um”: “é a partir do enunciado ‘há Um’ que podemos explicar o enunciado ‘o Um é’, como efeito metafísico” (BADIOU, 1997A, p. 08). Então, se a metafísica é o efeito de um enunciado particular “há Um”, isso só pode ser percebido deslocando-se para uma nova posição. Desse modo é possível ver, de fora do poder normativo do Um, o lugar a partir de onde ele foi enunciado. Vamos manter em mente esse lugar externo ao poder do Um, porque ele está relacionado ao axioma. Como vimos um pouco antes, o axioma é aquilo que é “preservado do poder normativo do um”.

É então possível situar-se de fora do poder normativo do Um, e demonstrar em que consiste o seu uso operatório. O enunciado sobre o Um foi proferido a partir de um

¹⁸ O termo técnico criado por Badiou, “*compte-pour-um*”, foi traduzido em *O Ser e o acontecimento* como “conta-por-um”. O Instituto Piaget de Lisboa, no livro *Breve tratado de ontologia transitória*, traduziu-o por “conta-como-um” (BADIOU, 1999B, p. 27). A tradução espanhola desse mesmo livro manteve essa orientação: “conta-como-uno”.

¹⁹ Ver nota logo adiante sobre o emprego suspirar, uma tradução de *s’oupirer*.

lugar, e o seu uso consiste em um efeito metafísico que, como vimos, Badiou designa pelo nome de poder metafísico do Um.

O suspiro pelo Um dito acima corresponde ao suspiro por um ideal universal que tem “um toque de imaginário normativo” (BADIOU, 2013D, p. 45). Esse termo, suspirar, *s’oupirer*²⁰, é um jogo de palavras feito a partir do título do *Seminário 19 ... ou pior, (ou pire)*. Esse seminário marca um ponto de passagem para Jacques Lacan, onde ele faz um comentário do *Parmênides* do Platão. Em 1972, quatro anos após “maio-68” e a queda dos ideais do estruturalismo, Lacan pensa “... ou pior”. Se o Um tem um toque de imaginário normativo, é possível perceber que há um lugar de onde esse Um foi enunciado, e então sair do seu poder para pensá-lo como uma operação.

Que lugar particular é esse de onde se enuncia que “o Um é”? Jogando com o significante, Alain Badiou diz que é de um lugar *mascul’Une* (junção de masculino com Um): “o Um parece desta vez estar de acordo com a mestria universal da posição masculina, que se poderia dizer *mascul’Une*” (BADIOU, 2013D, p. 46). Vista a partir do “há Um”, a potência normativa do Um passa a ser entendida como vinculada ao discurso universal do mestre²¹.

O “há Um” possibilita compreender o lugar singular a partir do qual se pronunciou o discurso universal. Trata-se de uma posição masculina, uma posição de onde se profere o discurso do mestre. Desse lugar se instituiu “o Um é” como poder normativo. Trata-se da crítica lacaniana à filosofia como ocupando o lugar da

²⁰ O termo que aqui aparece, suspirar, é uma referência ao título do *seminário 19: ... Ou pior*, de Jacques Lacan. Parece-nos uma ironia no sentido de que algo está piorando, na passagem do Um ao múltiplo. Refere-se à queda da posição do psicanalista da posição de mestre. É interessante ressaltar aqui um comentário que Alain Badiou faz a propósito da operação analítica e do papel ali desempenhado pelo psicanalista. Aquilo que está em jogo no tratamento analítico é a tentativa de emancipação do indivíduo em oposição ao mestre como o detentor do saber. Sobre isso Badiou levanta o seguinte alerta:

[Badiou cita Lacan] “suspirar ou não suspirar, eis a questão”. E essa questão é fundamental para o analista. Lacan continua [Badiou volta a citar Lacan] “os analistas não podem se habituar a serem promovidos como abjeção no lugar definido, porque o Um o ocupa por direito, com a agravação de que esse lugar é o do *semblant*”. O que Lacan diz é que os analistas, ao invés de virem como abjeção, como dejetos, no lugar ocupado pelo Um, preferem suspirar pelo Um. E claro que o Um ocupa um lugar que cobre o real e que a estrutura do Um, em relação ao real, é uma estrutura do *semblant* (BADIOU, 1997, p.7).

A crítica de Badiou é que, no final das contas, o próprio analista corre o risco de se colocar no lugar do Mestre, do Um como detentor do saber.

²¹ O discurso do mestre como discurso da filosofia é desenvolvido por Jacques Lacan no Seminário 17.

verdade, do discurso do mestre, uma verdade universal e doadora de sentido: “Lacan vai mostrar, a partir da posição do Um, que a metafísica é apenas um efeito singular dessa posição” (BADIOU, 1997A, p. 06).

Esse tema é desenvolvido de modo detalhado por Badiou na conferência de 30 de abril de 1994, no seminário sobre Jacques Lacan (BADIOU, 2013D). Ali Badiou forja o neologismo *Mascul'Une*. Nesse contexto, o poder do Um pode ser lido como o efeito de sentido garantido pela consistência lógica de proposições bem construídas. Por quem? Pela posição masculina tradicionalmente ocupada pelo mestre. O mestre, em geral uma posição masculina dentro da filosofia, ao elaborar proposições logicamente consistentes colocou o Um em posição de poder.

Quatro anos depois, Alain Badiou retoma o tema do poder normativo do Um no *Curto tratado de ontologia transitória*. Desta vez, porém, não mais sob a ótica da antifilosofia de Jacques Lacan, que considerava o Um fortalecido pela força masculina do discurso. Mas a partir do pensamento matemático. Nesse livro, Alain Badiou elabora a questão da destituição do Um da seguinte forma: “o meu problema é o seguinte: como pode o pensamento designar em si mesmo o esforço que sempre fez em subtrair o Ser da influência do Um?” (BADIOU, 1999B, p. 29).

A questão, para nós, está agora focalizada no “em si mesmo” presente nessa citação. Trata-se do pensamento advindo “de si mesmo”, e não do outro da enciclopédia, do Um totalizador. Do ponto de vista da matemática, sob a ótica da teoria dos conjuntos, o que está em jogo é o “recurso ao vazio na separação do Um” (BADIOU, 1999B, p. 29). Esse pensamento que “designa em si mesmo o esforço de separar o Ser do Um” é, como mencionamos antes rapidamente, o pensamento axiomático.

Esse pensamento será objeto de tematização mais adiante. Iremos aqui apenas antecipar em benefício da compreensão: “o que constitui o valor do axioma é precisamente o fato de permanecer preservado do poder normativo do um” (BADIOU, 1999B, p. 35). Portanto, fora desse poder normatizador, o pensamento axiomático está livre do controle da enciclopédia, sendo-lhe exterior: “o axioma permanece no exterior do pensável” (BADIOU, 1999B, p. 34).

Isto é, outra via de acesso ao Ser se abre a partir do pensamento axiomático. E o pensamento axiomático que temos em mente aqui é aquele da teoria dos conjuntos.

Essa teoria se fundamenta em um único axioma que declara um objeto existente: o axioma do vazio. É nesse sentido, veremos no desenvolvimento do nosso trabalho, que o vazio é o recurso separador do Um. É o que irá permitir que o discurso se inicie a partir de um ponto singular, e não a partir do Um totalizador.

O que vimos nesta seção:

- O sentido é um efeito-de-conta que se produz a partir da consistência da cadeia significante;
- O sentido não tem Ser, podendo variar dependendo de outras leituras;
- O enunciado universal “o Um é” pronuncia-se a partir de uma posição particular “há Um”,
- “Há Um” destitui a potência normativa do Um.

A nossa próxima etapa é lançar mão desses resultados para pensar a proposição filosófica de Alain Badiou, que se sustenta no enunciado lacaniano *il y a de l'un*: “como li Lacan, não comecei minha filosofia pelo ‘Um é’, mas pelo ‘há Um’” (BADIOU, 1997A, p. 08). De fato, é a partir daí que Badiou pensa a filosofia do acontecimento, pois esse enunciado encontra-se já na primeira meditação de sua obra máxima, *O Ser e o acontecimento*.

3.4 *IL Y A DE L'UN: O ENUNCIADO DO ACONTECIMENTO*

Badiou falará aqui de um acontecimento, o acontecimento Cantor, o acontecimento da matemática conjuntista – isto é, a invenção de seus axiomas fundadores – notadamente o axioma do vazio (MEILLASSOUX, 2002, p. 46).

A citação acima aponta a direção de nossa pesquisa. No caso, estamos à busca do “acontecimento na matemática conjuntista” que possibilita pensar o que designaremos em nosso trabalho como um acontecimento ontológico.

3.4.1 **O Um, de onde ele surge?**

A nossa questão, ao longo deste trabalho, gira em torno do surgimento do Um. Essa é uma questão colocada por Jacques Lacan: deve-se “partir do Um como todo” (LACAN, 2011, p. 130), ou deve-se partir do “há Um”? Vamos reformular a pergunta:

o Um, no seu surgimento, já surge desde o início enquanto um poder instituído sob o modo “o Um é”, ou o Um é um processo de construção que se inicia a partir de um enunciado originário e prossegue de modo consistente?

Afirmando que “não há existência senão contra um fundo de inexistência” (LACAN, 2011, p. 131), Jacques Lacan pergunta: “é justamente disso que se trata no Um, pois, na verdade, de onde ele surge?” (LACAN, 2011, p.131). Lacan está investigando o enunciado *il y a de l'un* e afirma, com Platão, que esse enunciado surge do *essaiphnes*, do súbito:

o Um, *de onde ele surge?* De um ponto em que Platão consegue circunscrevê-lo [...] ele o chama de *to essaiphnes*. Traduzam isto como quiserem, o de repente, o instante, o súbito. Na verdade, esse é o único ponto em que ele pode fazê-lo subsistir (LACAN, 2011, p. 131).

Badiou, lendo Lacan, diz que o *essaiphnes*²² é um momento inaugural, um acontecimento:

A inauguração do processo de uma verdade é exatamente o que Lacan chama um “encontro”, o *essaiphnes* o súbito. E o que eu nomeio “acontecimento” (BADIOU, 1992, p. 271).

Então, o texto de Jacques Lacan aponta que o Um advém do súbito, *il y a de l'un*, “há do Um” [há *algo do*²³ Um]. Vamos marcar esse *algo do*, porque ele nos interessa. Alain Badiou, seguindo Lacan, vai ler nesse súbito o lugar de um acontecimento imprevisto. Esses dois pensadores, ambos seguindo Platão, são unânimes em afirmar que esse modo de exprimir o súbito equivale a decidir a existência contra um fundo de inexistência. A decisão de existência se materializa através de uma nomeação. Do súbito provém um enunciado: *il y a de l'un*.

Vamos ver a posição do comentador de Badiou, FELTHAM, sobre esse enunciado lacaniano, *il y a de l'un*: “o enunciado existencial lacaniano *il y a de l'un*” é traduzido por Alain Badiou no enunciado existencial “há a multiplicidade consistente [*il y a des multiplicités consistantes*]” (FELTHAM, 2007, p. 65). Neste sentido, o “há Um” é o enunciado primordial que visa, partindo do espanto, do súbito, dar início a algum

²² Há diferença de grafia entre uma editora e outra.

²³ Retranscrevemos na íntegra a nota de rodapé do tradutor: “observe-se que o de que aparece em *il y a de l'un*, ou no neologismo *yadlun*, é exigido pelo francês, mas não se reproduz nem se traduz em português. “*il y a de l'un*” teria como tradução literal: ‘Há algo de um’ (N.T.)” (LACAN, 2011, p. 125).

processo de consistência. O próprio Badiou confirma: “há Um’ é a garantia de consistência” (BADIOU, 1996, p. 82).

A ênfase está aí colocada sobre a “garantia de consistência”. Algo imprevisto advém à existência de modo consistente e possibilita dar início a um procedimento de verdade. Anterior a esse início, a condição é de inexistência, como afirmado pelo Lacan: a existência advém da inexistência.

Como é conquistada essa “garantia de consistência”? Para isso, será preciso entrar um pouco mais nesse enunciado, *il y a de l’un*. É um enunciado que produz uma cisão, separando de um lado o múltiplo inconsistente e de outro lado o múltiplo consistente. Badiou afirma que Lacan vai diferenciar nesse enunciado *il y a de l’un* dois “princípios”: “a linguagem se limita a distinguir que há *algo* de distinguível no há [*il y a*]. Ali se assinalam os princípios, diferenciados por Lacan, do real (*il y a*) e do simbólico, *de l’un* (há *algo* de distinguível)” (BADIOU, 1996, p. 47, [grifo nosso]).

Ou seja, é possível desmembrar o enunciado *il y a de l’un* em dois componentes. Primeiramente, há um lugar, um lugar vazio, *il y a*. Esse é o princípio do real. Ele é causa de espanto, algo inesperado que “não confere” com aquilo que estava sendo esperado. Em seguida, há “algo de distinguível” nesse lugar vazio, *de l’un*. É o princípio do simbólico. É essa percepção de algo que mobilizará o pensamento. Então, a “garantia de consistência” é uma consistência simbólica garantida por uma existência prévia do real. A consistência simbólica encontra-se garantida por um real primário.

Vamos ao comentário CHIESA sobre essa importante passagem:

Contra as acusações comuns de idealismo estruturalista, para Lacan, “a linguagem não pode induzir existência, somente uma cisão na existência”; a sua noção de inconsciente “rompe com a ‘figura da idealinguística’, e é, portanto, materialista. Nós estamos agora em condições de ver porque o próprio Badiou se refere brevemente à noção de simbólico e real em Lacan como um exemplo do axioma de separação (CHIESA, 2006, p. 169).

Nesse comentário, CHIESA se refere a essa “cisão na existência”, como um “exemplo do axioma da separação”. Badiou retranscreve esse axioma matemático numa linguagem filosófica do seguinte modo: “o *Ser* é anterior à *língua*. Não se pode ‘separar’ um múltiplo pela língua senão dentro de algum *Ser-múltiplo* já dado” (BADIOU, 1996, p. 387, [grifo nosso]). Iremos retornar a esse axioma mais adiante.

Há, então, a multiplicidade pura, primária, que é “anterior à língua”. Esse é o campo do real, a região do Ser: “a linguagem não pode induzir existência”. A língua não cria essa multiplicidade pura. Ao contrário, é a partir dessa multiplicidade pura, no sentido de sem nenhuma consistência, que a língua vai começar a operar: “a inconsistência é a lei do ser; a essência da estrutura é o vazio (BADIOU, 1996, p. 85). Então, esse Ser-múltiplo pré-existente será tomado como o vazio, a multiplicidade inconsistente, de onde advém a “garantia de consistência”.

Badiou irá buscar nesse *de l'un* um modo de interpretar o múltiplo não totalizável sob o poder do Um, o múltiplo sem Um, quando enunciado de uma posição singular no advento de um acontecimento.

Ou seja, a nomeação de um acontecimento tanto decide de sua existência como também porta em si a “garantia de consistência lógica” para efetuar a sua inscrição no discurso. Existem duas etapas envolvidas: a decisão de nomeação e o processo que se segue a essa nomeação.

Desde a primeira meditação do livro *O Ser e o acontecimento* Badiou se ocupa de pensar um lugar originário de fixação do Um. Ele afirma

Já é certamente demais dizer ‘il y a de l'un’, pois o y [lugar de haver], tomado como localização errante, concede ao Um um ponto de Ser (BADIOU, 1996, p. 29).

Já passamos pela expressão “um ponto de Ser” para o Um. Foi quando discutimos o poder do Um “como um todo”, enquanto pré-existente para acessar o Ser. Agora, com Lacan e Badiou, estamos procurando esse ponto de surgimento do Um em um acontecimento súbito. É a partir de um local, um lugar vazio, por uma decisão de nomeação, onde é cunhado um significante novo para acessar o Ser. Não o Um na sua totalidade, mas uma parte do Um.

Resumindo, o Um conquista um ponto de ser a partir do vazio de um lugar, um “Ser-múltiplo já dado” e “anterior à língua”. O enunciado *il y a de l'un* produz uma cisão, uma separação. Na matemática, é conhecido como o “axioma de separação”. Desse ponto de vista, o enunciado *il y a de l'un* é um enunciado axiomático. O componente simbólico, *de l'un*, vai ser lido como o significante do acontecimento, o seu nome próprio. Veremos na sequência que esse nome próprio embute um nome e um operador.

3.4.2 A primazia ontológica do múltiplo

A filosofia contemporânea, afirma Alain Badiou, situa-se diante de um impasse. Esse impasse se deve a que o “nosso século terá sido o da contestação do Um”. Para ele, “o sem-ser do Um, a autoridade sem limite do múltiplo”, vigora de tal modo que “não podemos voltar atrás quanto a isto” (BADIOU, 1991, p. 63). A condição para que a autoridade sem limite do múltiplo se evidencie, é que “o Um não seja” como vimos anteriormente, trata-se do “des-Ser do Um”. Badiou aponta filosoficamente para destituição do Um, dizendo “o Um não é”.

A disputa concerne, nas palavras de Peter Hallward, à “primazia ontológica entre o Um e o múltiplo” (HALLWARD, 2005). Dizendo que “o Um platônico fragmenta-se em si mesmo” (BADIOU, 2003A, p. 27), Alain Badiou vê no diálogo *Parmênides* uma antecipação da fragmentação contemporânea do Um com a consequente primazia do múltiplo. “Platão se esforça para pensar aqui”, no *Parmênides*, “a multiplicidade inconsistente”, o que o leva à “conclusão aporética interpretável como *impasse do Ser*, no fio do par múltiplo inconsistente e do múltiplo consistente” (BADIOU, 1996, p. 36-38).

Então, a multiplicidade que reina na contemporaneidade não é uma novidade para a filosofia. Já se anunciava desde Platão. Dizendo que “o pensador moderno é um pensador do Ser múltiplo” (BADIOU, 1994, p. 40), Badiou se coloca na continuidade do pensamento de Platão. Talvez se possa dizer agora com mais propriedade: do Platão do *Parmênides*. Alain Badiou elege a multiplicidade inconsistente como um dos pilares da sua filosofia. Ele a define como “a pura apresentação tal como retroativamente apreendida como não-uma, pois o ser-um não é senão o resultado de uma operação” (BADIOU, 1996, p. 394).

Por que a multiplicidade inconsistente não é acessada diretamente, mas somente de modo retroativo? Porque Alain Badiou pensa a realidade a partir do conceito de situação e afirma: “toda situação é estruturada” (BADIOU, 1996, p. 30). Ou seja, “nada é mesmo apresentado na situação senão no efeito da estrutura, portanto na forma do Um e de sua composição em multiplicidades consistentes” (BADIOU, 1996, p.50). Tudo o que se apresenta, se apresenta como multiplicidade consistente, isto é, organizado por alguma operação estruturante de conta, a conta-como-um.

Ora, parece que temos um complicador aqui. A afirmação é taxativa: nada se apresenta senão como uma composição consistente, “na forma do Um”, “no efeito de uma estrutura”. A impressão que fica é que a proposição “há Um” passou para o lado da estrutura, tornando-se “o Um é”. Isso necessariamente acontece porque é impensável uma situação que não esteja de alguma forma estruturada sob alguma lei de conta: “uma vez que a lei é a conta-por-um, a situação envolve a existência do Um, nada sendo nela apresentado que não seja contado” (BADIOU, 1996, p. 50).

Essa complicação se dissolve quando se adota a perspectiva “o Um não é”. Se, como afirmado anteriormente, “*il y a de l’un* é a garantia de consistência” (BADIOU, 1996, p. 82), o importante é que essa garantia seja percebida como uma construção simbólica secundária, *de l’un*, conquistada a partir do real, *il y a*. O Um é entendido como um efeito, como o resultado de uma formalização. A questão é que tudo depende do modo como se apreende a situação. Isto é, toda situação “relativamente aos mesmos termos, tem uma *dupla* multiplicidade” (BADIOU, 1996, p.30): uma multiplicidade inconsistente, antes da operação de conta; e uma multiplicidade consistente, depois da operação de conta. O problema é que a multiplicidade inconsistente nunca é acessada diretamente, mas somente de modo retroativo, subtraindo a operação que dá consistência ao múltiplo.

Essa passagem é, para nós, esclarecedora. Os mesmos termos se apresentam de modo duplo. Os mesmos termos podem ser percebidos de dois modos distintos: como múltiplos estruturados ou como múltiplos desestruturados. Tudo irá depender de se considerar ou não a incidência de uma lei separadora, uma lei que cinde o múltiplo em multiplicidade inconsistente e multiplicidade consistente (BADIOU, 1996, p. 30). É possível pensar uma operação de subtração dessa lei, de tal modo que aquilo que se apresenta de modo consistente possa ser visto retroativamente como inconsistente. Então os “mesmos termos” podem ser referidos de modos distintos:

- Como múltiplos consistentes, na “forma do Um”, sob o efeito de uma lei;
- Como múltiplos inconsistentes, removendo a incidência dessa lei.

No pensamento de Alain Badiou esse é justamente o papel fundamental do acontecimento imprevisto: “um acontecimento faz subir à superfície da situação (ou do mundo) a inconsistência que ronda sob a consistência dessa situação” (BADIOU,

2007A, p. 103). O acontecimento, então, é esse operador que destitui e, destituindo, revela de onde advém a “conta-como-um” que estrutura a situação.

Badiou parte da concepção de que todo objeto do mundo é contingente e que não existia antes de ter sido inventado, isto é “todo objeto de um mundo contém um inexistente próprio, que atesta a contingência da presença desse objeto no mundo considerado” (BADIOU, 2007A, p. 104). Portanto, os objetos não advêm à existência por um planejamento prévio, senão que são contingentes. E “a conseqüência maior de um acontecimento é de trazer à máxima existência esse inexistente” (BADIOU, 2007A, p. 104). Ressalta-se nessa citação a função radical do acontecimento:

- Há um vazio, um ponto de inconsistência, na base de todo objeto existente;
- Esse vazio atesta que o objeto surge de modo contingente,
- O acontecimento traz à “máxima existência” esse vazio nuclear.

Se por um lado a estrutura busca ocultar o vazio, por outro lado o acontecimento trabalha em sentido contrário: visa trazer à máxima existência esse vazio. O resultado disso é que, primariamente, o que existe é a multiplicidade inconsistente. Na ausência de toda e qualquer lei, os termos se apresentam completamente dispersos, como múltiplos aleatórios, ou também “múltiplo sem Um”: “o múltiplo ‘sem Um’ é a lei do ser” (BADIOU, 1995, p. 39).

Então a questão de saber se o “há Um” passa a vigorar sob o modo “o Um é” deixa de existir quando se considera a possibilidade de destituição de toda lei que organiza a estrutura. Veremos na seção seguinte que essa é a região nomeada como situação ontológica: a região do múltiplo puro.

O importante a ressaltar nessa passagem é que é possível pensar o espaço ontológico, que fundamenta o espaço empírico, como o espaço do múltiplo puro. É possível para a filosofia pensar a ontologia como a teoria do múltiplo puro.

3.4.3 de l'un: Um nome e também um operador

Como vimos o enunciado *Il y a de l'un* pode ser desmembrado em um componente real *il y a* e um componente simbólico *de l'un*. A nossa tarefa agora é buscar compreender o que se passa no interior do componente simbólico, *de l'un*. Essa passagem do real à linguagem está relacionada com a idéia do significante do

acontecimento, o seu nome próprio. E isso se relaciona com o modo como Badiou pensa o nome próprio: “o nome próprio contém, ao mesmo tempo, um nome e um operador de conexão fiel” (BADIOU, 1996, p. 309). Ou seja, o significante do acontecimento, o seu nome próprio, implica uma lei, e junto dessa lei uma regra operatória, um operador de conexão lógica.

Na meditação trinta e cinco, intitulada *Teoria do sujeito*, Badiou tematiza o surgimento do nome próprio e a subjetivação do acontecimento: “a subjetivação é a nomeação interveniente *a partir da situação*, ou seja, a regra dos efeitos intra-situacionais do lançamento em circulação de um nome supranumerário” (BADIOU, 1996, p. 308). Então, a subjetivação envolve tanto o lançamento em circulação de um nome próprio, um nome supranumerário, como também os efeitos implicados nesse ato.

Esses efeitos implicam organizar os demais nomes da língua da situação segundo um novo procedimento lógico:

A testemunha exterior, constatando que esses nomes são em sua maioria desprovidos de referente na situação tal como ela é, considera que eles compõem uma língua arbitrária e sem conteúdo (BADIOU, 1996, p. 312).

“Na situação tal como ela é”, tal como costumeiramente observada por “testemunhas exteriores”, os nomes são sempre vistos do mesmo modo. Mas do ponto de vista do sujeito que proferiu “algo do Um” vindo do real, um novo significante carregado de sentido, esse novo nome é um enunciado que tem, no seu interior, uma enunciação. Ele reorganiza os múltiplos de sua vizinhança segundo critérios próprios. É o que se dirá adiante como o início do empreendimento simbólico.

O “nome” e o “operador de conexão fiel” dão origem à construção da consistência lógica significante organizada como uma operação de conta. No jargão de Badiou, é a inauguração do processo de uma verdade: “uma vez que o acontecimento estava fora de todas as leis regulares da situação, obriga a inventar uma nova maneira de ser e de agir dentro da situação” (BADIOU, 1995, p. 55). Esse novo nome embute tanto o nome em si mesmo como uma regra operatória oculta em seu interior. É um nome que “não conta” de onde veio.

O nome próprio embute um pensamento e as ações nele implícitas, de tal modo que ele coloca em marcha um processo. É assim que Badiou interpreta a Ressurreição

em São Paulo. Esse nome próprio tanto é um nome quanto descreve um procedimento interno para o agora sujeito Paulo. É um sujeito que não irá mais pensar o mundo a partir das leis já existentes, do modo que pensava antes. “Daí por diante ele vai se referir à situação – à estrutura - *do ponto de vista do acontecimento*” (BADIOU, 1995, p. 54, [grifo de Badiou]).

Vamos retomar essa questão por meio da seguinte citação, um pouco mais técnica:

Dá exatamente no mesmo dizer que o nada é a operação da conta, a qual, *enquanto* fonte do Um, não é ela mesma contada, e dizer que o nada é o múltiplo puro, sobre o qual a conta opera (BADIOU, 1996, p. 52, [grifo nosso]).

Badiou está aqui tematizando sobre a dupla função do nada:

- O nada é a própria multiplicidade inconsistente.
- O nada é também uma operação que é fonte do Um; essa operação não é contada pela estrutura.

Na nossa interpretação, esse “nada” é um indicativo da não-relação, podendo ser lido também como a “ausência de significação de um nome próprio” (BADIOU, 1996, p. 308). O nome próprio, ao contrário de encontrar um referente na língua do saber enciclopédico, vai encontrar a sua referência no “nada”.

A conta opera sobre o múltiplo puro, ela é “fonte do Um”, e é, simultaneamente, uma operação que “não é ela mesma contada”. Ao afirmar “a operação da conta *enquanto* fonte do Um não é contada”, está ao mesmo tempo afirmando que a lei, *enquanto* lei, está fora da operação de conta. A lei não se conta a si mesma. A conta opera sobre o múltiplo puro, e o Um é resultado do “múltiplo puro, sobre o qual a conta opera”.

A questão que o leitor pode colocar é: de onde vem essa lei que não se conta a si mesma? Há, na apresentação “*alguma coisa* que escapa à conta, coisa que é, precisamente, a própria conta” (BADIOU, 1996, p. 82). Badiou vai afirmar que se trata de uma “conta especial”: “a subjetivação é uma *conta especial*, distinta da conta-por-um” (BADIOU, 1996, p. 308). Essa “conta especial” é uma operação que age no íntimo do pensamento do sujeito: “a existência é precisamente, no mais íntimo do pensamento, o impartilhável” (BADIOU, 1999B, p. 55). O esclarecimento desse impasse só virá pensando o sujeito como um paradoxo: “o ser do sujeito é, no

fundo, o paradoxo do ser” (BADIOU, 1997B, p. 29). Esse sujeito paradoxal será tematizado na seção 3.3 *Verdade e sujeito*, mais adiante.

Por enquanto, é suficiente admitir que há uma conta especial, impartilhável, que advém ao sujeito quando confrontado com o “nada”, com a ausência completa de saber, a ausência de relação.

A filosofia do acontecimento de Alain Badiou pode ser condensada em etapas bem simples:

- Há o acontecimento imprevisto sob a forma do súbito;
- Há a instituição de um nome como novo fundamento, um novo axioma,
- A situação passa a se estruturar de um novo modo, sob esse axioma, que funciona como operador de conta-por-um.

Deve-se observar que não foi tratado nenhum acontecimento em particular. A hipótese é a possibilidade de pensar de modo abstrato o acontecimento imprevisto. Parece, a princípio, um paradoxo tentar pensar antecipadamente o acaso. No entanto, o que apresentamos até aqui sugere que no caso abstrato isso não é impossível. A utilidade desse modelo esquemático é servir de protótipo para o acontecimento imprevisto em geral.

3.4.4 *Il y a de l'un*: um enunciado ontológico

Estamos em condições de avançar um pouco mais no nosso esquema. O que nós temos em vista é o pensamento matemático. Alain Badiou divide a filosofia em quatro condições: matemática, amor, política e arte. Nesses quatro espaços distintos se desenvolvem procedimentos de verdade oriundos de acontecimentos. Nós estamos interessados nas verdades produzidas na matemática. Mais ainda: na verdade produzida por um sujeito específico, Georg Cantor.

Vimos que o primeiro enunciado existencial “há Um” é declarado contra um fundo de inexistência. Esse enunciado instaura uma lei que determina uma estrutura. Badiou faz a separação entre o “há Um” enquanto uma lei e o Um enquanto efeito dessa lei: “para falar, tirar as consequências do fato que ‘o Um não é’ é necessário o ‘há Um’ porque o empreendimento simbólico sobre a ausência do Um requer a afirmação ‘há Um’” (BADIOU, 2013B).

Vamos procurar esclarecer melhor esse “empreendimento simbólico” quando Badiou se expressa de um modo bem menos formal:

Os procedimentos de verdade começam por acontecimentos. Mesmo os matemáticos. As matemáticas têm um começo histórico, elas surgem, elas aparecem, há um antes e um depois. E elas estão fora de condição de pensar isso, de se voltar sobre essa historicidade, elas não podem matematizá-las, é impossível. E então é necessário que haja algo diferente do pensamento puro do múltiplo para que verdades não matemáticas possam existir. Quando a filosofia diz “as matemáticas são o verdadeiro pensamento do ser múltiplo como tal”, ela produz um enunciado que, ele mesmo, não é matemático (BADIOU, 2013B, [grifos nossos]).

Temos nessa passagem dois enunciados que exigem pensar a relação de antecendência entre eles:

- “Os procedimentos de verdade começam por acontecimentos”,
- “As matemáticas são o verdadeiro pensamento do ser múltiplo como tal”.

Se tomarmos o segundo enunciado como uma verdade, e confrontá-lo com o primeiro enunciado, essa verdade deve ter começado a partir de um acontecimento. São as “verdades não matemáticas” afirmadas acima por Badiou. Isso é coerente, uma vez que a ciência, aí incluindo a matemática, é uma das condições da filosofia. Os acontecimentos na matemática são “procedimentos de verdade” para a filosofia.

Quando afirmamos anteriormente que o conceito de multiplicidade inconsistente ou múltiplo puro é um dos pilares da filosofia de Alain Badiou, ele tomou esse conceito emprestado de Georg Cantor:

Evidentemente, eu devo tudo a Cantor, e à loucura de Cantor. Porque é a partir de Cantor que se apreende que, com efeito, no fundamento das matemáticas, havia simplesmente a idéia da multiplicidade pura. Isto é, do que é o múltiplo, não o múltiplo disso ou daquilo, mas do múltiplo como tal. A teoria dos conjuntos não é nada mais que uma teoria racional daquilo que é o múltiplo em si mesmo (BADIOU, 2013B).

Compreendemos essa “loucura de Cantor” como o enfrentamento de Cantor com o próprio horror²⁴. Voltaremos a isso na conclusão do nosso trabalho.

O ponto que queremos destacar nessa citação é a relação entre a multiplicidade pura, ou inconsistente, e a matemática. A multiplicidade pura situa-se no fundamento

²⁴ A propósito da “loucura de Cantor”, consultar o trabalho específico desenvolvido por Nathalie Charraud em sua tese de doutorado, *Infini et inconscient, essai sur Georg Cantor*, Paris: Anthropos, 1994.

das matemáticas, e o ramo da matemática que elabora uma teoria racional desse múltiplo puro é a teoria dos conjuntos.

Há um ponto comum entre a filosofia de Alain Badiou e a teoria dos conjuntos: ambas se ocupam da multiplicidade inconsistente.

A importância de Cantor para o fundamento filosófico de Alain Badiou é tal que Hallward parece fazer certo exagero quando diz “Cantor representa para Badiou o acontecimento filosófico do nosso tempo” (HALLWARD, 2005, p. 09). Outros filósofos podem não concordar com essa afirmativa. No entanto, *para Alain Badiou*, com certeza, Cantor é “O” acontecimento. Ele mesmo afirma algo parecido: “nosso século é secretamente governado pela invenção radical que é ligada ao nome de Cantor” (BADIOU, 1992, p. 258).

Se Cantor é “o acontecimento filosófico do nosso tempo”, é no sentido em que a teoria que ele elaborou, a teoria dos conjuntos, é o acontecimento que dá fundamento à matemática. O que tem de excepcional nessa teoria é que ela fornece uma teoria racional do múltiplo puro. Alain Badiou se apropria do formalismo matemático e propõe uma tese radical: “uma vez que o ser, enquanto ser, é multiplicidade pura, é legítimo dizer que a ontologia, a ciência do ser-enquanto-ser, é a matemática” (BADIOU, 2005C, p. xiii).

Na hipótese de que estejamos de fato diante da “autoridade sem limite do múltiplo” que “governa secretamente o nosso século”, pelo menos do ponto de vista do formalismo, essa questão é mais bem tratada pela matemática pós-cantoriana. Nesse sentido, o tema do múltiplo puro deixa de ser tratado pela filosofia, e passa a ser uma questão da matemática. Então, não é a filosofia que irá lidar com as questões do Ser. A filosofia se separa da ontologia. A questão do Ser, enquanto Ser, é uma questão da matemática.

Temos então de um lado que “a ontologia faz teoria do múltiplo inconsistente, ou seja, o múltiplo subtraído a toda lei particular, a toda conta-por-um, o múltiplo a-estruturado” (BADIOU, 1996, p. 54). E temos do outro lado que “a teoria dos conjuntos não é nada mais que uma teoria racional daquilo que é o múltiplo em si mesmo” (BADIOU, 2013B). Isso autoriza formular a seguinte proposição:

Ontologia = teoria dos conjuntos.

4 ONTOLOGIA MATEMÁTICA, VERDADE E SUJEITO

Neste quarto capítulo iremos retomar o enunciado primordial *il y a de l'un* agora sob o modo mais de uma vez prometido: o pensamento axiomático. Para Badiou, o enunciado de um acontecimento tem como início uma *conta especial*, um ponto de exceção cuja essência é poética, e tem uma continuidade cujo paradigma é matemático. O acontecimento é definido como um paradoxo que é uma fraude às leis da ontologia. A situação ontológica é a região do Ser, “anterior à língua”, onde o único que vigora é a multiplicidade pura. A nomeação do primeiro existente, o “nome do Ser” como o conjunto vazio, é tido como o acontecimento ontológico. É, para Badiou, a primeira lei, aquela que permite a sequência dos números ordinais. A situação ontológica é condição para a situação histórica, situação onde se pensa a verdade e o sujeito. Em Badiou, a verdade é uma novidade que abre um furo no saber existente. Isso é uma consequência do teorema da incompletude de Gödel. E sujeito é tomado como o ser humano em geral que não nasce sujeito, mas que se *torna* sujeito ao declarar um acontecimento. Nesse sentido, dado que o acontecimento é definido como um paradoxo, e que o sujeito encontra-se “disposto do lado do acontecimento” (BADIOU, 1996, p. 337), então o sujeito é também um paradoxo: “o Ser do sujeito é, no fundo, o paradoxo do Ser” (BADIOU, 1977B, p.29).

4.1 A ONTOLOGIA MATEMÁTICA COMO ACONTECIMENTO PARADIGMÁTICO

O universo da teoria dos conjuntos é estritamente equivalente à escrita atual de cada uma de suas fórmulas: a própria teoria dos conjuntos não pré-existe (FELTHAM, 2005C, p. xxiii).

A citação afirma que “a própria teoria dos conjuntos não pré-existe”. Dado que no final da seção anterior deduzimos que “teoria dos conjuntos=ontologia”, então a ontologia é uma invenção que passou a existir após o surgimento da teoria dos conjuntos. Podemos prosseguir buscando fundamentar o que pensamos como sendo o acontecimento dessa teoria, o acontecimento ontológico.

4.1.1 O pensamento originário

Vamos retomar a discussão a partir de uma citação anterior.

E então é necessário que haja algo diferente do pensamento puro do múltiplo para que *verdades não matemáticas* possam existir. Quando a filosofia diz “*as matemáticas são o verdadeiro pensamento do ser múltiplo como tal*”, ela produz um enunciado que, ele mesmo, não é matemático (BADIOU, 2013B, [grifos nossos]).

Interessa-nos agora o trecho onde se afirma que “é necessário que haja algo diferente do pensamento puro do múltiplo”. Vamos agora ler a passagem que vem a seguir dirigindo a nossa atenção para esse elemento diferente do múltiplo puro:

A filosofia reconhecerá que toda nomeação de um acontecimento, convocando a retenção do que desaparece, toda nomeação da presença de acontecimento, é de essência poética (BADIOU, 2002, p. 42).

Ora, se nomear um acontecimento é convocar a retenção daquilo que de outro modo desapareceria e se há poesia nessa nomeação, então nesse nome se depositará uma novidade, um princípio primeiro. Será o início de um novo processo. Como Badiou pensa a continuidade desse processo?

[A filosofia] reconhecerá também que toda fidelidade ao acontecimento, todo trabalho junto ao Ser, deve ter um rigor cujo paradigma é matemático, deve submeter-se à disciplina de uma imposição contínua (BADIOU, 2002, p. 42).

Então, a hipótese de Badiou é que uma novidade tem um ponto de partida de natureza poética e a sua continuidade segue um paradigma matemático. Esse paradigma matemático não é uma invenção secundária, mas advém junto com a nomeação primeira: “o poema deve ao Número a sua vocação propriamente inteligível” (BADIOU, 2002, p. 33). A inteligibilidade do poema se deve ao fato de que desde o início ele fixa uma primeira Ideia. Em outros termos, o acontecimento fixa uma Ideia impondo um princípio lógico. É por meio desse princípio que se organizam os termos na sequência do poema. Badiou cita Mallarmé: “Mallarmé via o poema como ‘o acaso vencido palavra por palavra’” (BADIOU, 2013A, p. 33). Ora, o que possibilita que o acaso seja trazido à palavra, uma a uma, só pode ser o fato de haver uma orientação impondo uma direção.

Badiou recorre ao poeta português Fernando Pessoa quando este afirma: “o binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo”. E a justificativa de Badiou é: “Pessoa estabelece explicitamente para si o projeto de dispor o poema à apropriação da matemática do Ser. Ou melhor: afirma a identidade fundamental da verdade matemática e da beleza artística” (BADIOU, 2002, p. 60).

Essa identidade entre poema e matema também pode ser lida comparando as proposições:

- “O poema é um pensamento impensável”,
- O axioma “expõe o pensável sem o tematizar” (BADIOU, 1999, p. 34).

Nos dois casos, trata-se de um pensamento que não foi anteriormente pensado. É evidente que essa é a condição para que uma Ideia seja originária. Uma Ideia só é, de fato, originária na condição de não ter sido previamente pensada, nem pelo poeta, nem pelo matemático. Isso se diz também: “a subjetivação é uma *conta especial*, distinta da conta-por-um” (BADIOU, 1996, p. 308). O que é essa *conta especial*? É uma conta que não se conta a si mesma, uma ideia que advém do inexistente sem que tenha sido construída por raciocínio dedutivo. Essa ideia operará como início de um empreendimento lógico, um princípio de contagem cujo paradigma tem relações com a matemática.

Para os nossos propósitos, consideramos que a identidade entre poema e matema vai se dar apenas lá na origem do pensamento:

Se digo “uma flor”, separo-a de todo e qualquer ramo. Se pronuncio “digamos uma esfera”, separo-a de todo e qualquer objecto esférico. Neste ponto, matema e poema são indiscerníveis (BADIOU, 1999B, p. 44).

O que difere é o tratamento dado posteriormente. O poeta permanece na “captura demasiado sensível da Ideia” (BADIOU, 1991, p. 08), enquanto o matemático avança sem expressar os seus sentimentos e sem fazer uso de predicções subjetivas.

Retomando o fio do nosso desenvolvimento, a “identidade fundamental da verdade matemática e da beleza artística” permite Badiou pensar a invenção matemática como um instante originário de criação, de essência poética. Isso é enunciado de modo mais geral do seguinte modo: “as leis da possibilidade da linguagem não são desvinculadas das leis do Ser” (BADIOU, 1996-1998). Ou seja, as leis da

possibilidade da linguagem são tais que aí se enunciam também as leis do Ser. Essa lei do Ser, em Badiou, nós já sabemos qual é: “a inconsistência é a lei do Ser (BADIOU, 1996, p. 85).

Badiou cita com frequência um pequeno trecho do poeta Paul Celan. Ele encontra nesse trecho uma proposição quase idêntica à sua proposta filosófica:

Sobre as inconsistências
 apoiar-se:
 soltar-se
 no abismo, nos
 cadernos de rabiscos
 o mundo se põe a sussurrar, depende apenas
 de ti²⁵.

Badiou irá insistir sobre a necessidade de se por a escutar esses sussurros do mundo enquanto adventos da “letra do Ser”:

O que é decisivo nessa produção de um murmúrio do indiscernível é a inscrição, a escrita, ou, para retomar uma categoria cara a Jean-Claude Milner, a letra. Eu acrescentaria: há vários tipos de letras. Há, de fato, as pequenas letras do matema, mas também o “mistério nas Letras” do poema; há o que uma política leva ao pé da letra, há as letras que formam cartas de amor. A letra dirige-se a todos. O saber discerne as coisas e impõe as divisões. A letra, que suporta o murmúrio do indiscernível, é dirigida sem divisão. Todo sujeito é passível de ser atravessado pela letra, todo sujeito é transliterável. Essa seria minha definição da liberdade no pensamento, liberdade que é igualitária: um pensamento é livre quando é transliterado pelas letrinhas do matema, pelas letras misteriosas do poema, pelo levar as coisas (BADIOU, 2002, p. 50).

É suficiente que o leitor admita que os enunciados axiomáticos sejam entendidos como manifestação primeira da Ideia. Eles são proferidos em um instante de criatividade poética, anteriores à entrada em operação dos próprios axiomas. Conforme afirmado acima, “é necessário que haja algo diferente do pensamento puro do múltiplo”.

A invenção da teoria dos conjuntos pode ser compreendida como um acontecimento dessa ordem, uma “operação especial” cuja invenção se deve ao matemático Cantor. Os axiomas da matemática não se autoproclamam. A matemática depende

²⁵ Optamos pela tradução de Célio Garcia, que se encontra. O original acha-se em *Inestética*: “Sur lês inconsistencies / s’appuyer / chiquenaude / dans l’abî, dans lês / carnets de gribouillages / le monde se met à bruire, il n’em tient / qu’`a toi” (BADIOU, 1999A, p. 96)

de enunciados, “verdades não matemáticas”, que são feitos de fora dela, como afirma a citação. Essas verdades não matemáticas são os fundamentos, os axiomas da matemática.

4.1.2 O pensamento axiomático

Já na introdução do livro *O ser e o acontecimento*, Alain Badiou esclarece sua posição quanto ao discurso sobre o Ser:

A tese que sustento não declara em absoluto que o Ser é matemático. É uma tese sobre o discurso. Ela afirma que as matemáticas, em todo o seu devir histórico, pronunciam o que é dizível do ser-enquanto-ser. A ontologia é uma ciência rica, complexa e inacabada (BADIOU, 1996, p. 04).

A filosofia tem como premissa fundamental que o Ser é condição para tudo o que existe. Já tematizamos a hipótese segundo a qual “o Ser é anterior à língua”. O que significa dizer que o Ser é anterior à invenção do discurso, inclusive do discurso matemático: “as matemáticas têm um começo histórico, *elas surgem*”.

Agora vamos ser mais precisos quanto às nossas pretensões quando dizemos *acontecimento ontológico*. Se a tese de Badiou não é “o Ser é matemático”, mas “o discurso sobre o Ser se realiza na matemática”, então por acontecimento ontológico queremos dizer o acontecimento desse discurso. E como afirma FELTHAM na nota em epígrafe, “a própria teoria dos conjuntos não pré-existe”, isto é, em algum momento ela foi enunciada.

Se Cantor é o acontecimento do nosso tempo por ser o inventor da teoria dos conjuntos, e “teoria dos conjuntos=ontologia”, não seria possível pensar essa teoria sob a luz da teoria do acontecimento elaborada por Alain Badiou? Esse será nosso próximo passo: pensar a própria ontologia como um acontecimento. Isto é, pensar a primeira lei dessa teoria, o axioma do vazio, do ponto de vista do acontecimento, como um acontecimento do discurso sobre o Ser.

Quando se lê na citação acima que “as matemáticas pronunciam o que é dizível do ser enquanto ser”, essa afirmação se expressa sob a forma de axiomas: “a apresentação ontológica efetiva é necessariamente axiomática” (BADIOU, 1999, p. 36). Então, o discurso sobre o Ser é o discurso expresso sob a forma do pensamento axiomático.

O pensamento axiomático se define da seguinte forma:

Um pensamento axiomático chega à disposição de termos não definidos. Nunca encontra nem uma definição desses termos nem uma explicação praticável do que não são. Os enunciados primordiais de tal pensamento expõem o pensável sem o tematizar (BADIOU, 1999, p. 34).

O texto afirma que o axioma é um pensamento originário que “expõe o pensável sem o tematizar”. A ideia é que há pensamento no interior do enunciado axiomático, um pensamento ainda não tematizado pelo poder do Um. O Um não tem autoridade sobre essa ideia originária, não pode fazer juízo válido sobre ela: “o que constitui o valor do axioma é precisamente o fato de permanecer preservado do poder normativo do Um” (BADIOU, 1999B, p. 35). Não há adequação entre o pensamento expresso no axioma e o que já foi pensado e se acha inscrito na enciclopédia do saber.

A pretensão do poder normativo do Um é a de ocupar o lugar de uma “língua completa”. Uma língua que daria conta de explicar o pensamento que se apresenta no axioma antes mesmo dessa apresentação. Mas “não dispomos de uma língua completa²⁶” (BADIOU, 1991, p. 44). Em outros termos, “a linguagem não é poderosa a ponto de instituir o ‘há’ do ‘há’” (BADIOU, 1996, p. 47). É impossível ao saber existente antecipar-se ao acontecimento imprevisto, ao que será enunciado como axioma: “o axioma permanece no exterior do pensável” (BADIOU, 1999B, p. 34). O axioma não é passível de demonstração, nem de dedução lógica.

O axioma, por ser uma novidade que se origina de fora do que já foi pensado, se apropria dos termos da língua de tal maneira que não encontra, conforme a citação, “nem uma definição desses termos nem uma explicação” dos termos da língua em conformidade com o dicionário do saber. O saber não “discerne” o novo modo de uso que o axioma fará desses termos.

Badiou toma o termo indiscernível como um conceito: “uma parte é indiscernível se ela não recai sob nenhum determinante da enciclopédia” (BADIOU, 1996, p. 393). A língua enciclopédica tem por função discernir corretamente os seus termos, dando a cada um uma definição. Mas o axioma faz uso dos termos da língua fora da

²⁶ Badiou está garantido no teorema da incompletude do matemático Gödel. Se uma teoria é consistente, ela é necessariamente incompleta. Consistência e completude seria a totalização pretendida pelo enunciado “o Um é”. “Gödel mostrou que é impossível demonstrar *em* uma teoria matemática que essa teoria é não-contraditória” (BADIOU, 1994, p. 49).

definição prévia. Pode-se dizer então que os termos usados pelo axioma operam de modo indiscernível pela língua do saber estabelecido. Estamos aqui no princípio do “pensamento genérico”, termo pelo qual o pensamento de Badiou é conhecido. Ele afirma: “genérico e indiscernível são conceitos quase comutáveis” (BADIOU, 1996, p. 259).

Não faremos uma exposição do pensamento genérico. Apenas aproveitamos para marcar isso para o leitor: o pensamento genérico toma como princípio um axioma e prossegue tomando os termos da língua como indiscerníveis quando vistos sob a ótica do saber dominante. Por exemplo, o princípio axiomático de Freud “há o inconsciente” impõe redefinir termos como pulsão, recalque, narcisismo, transferência, etc.

Dicionários especializados, tipo dicionário Kant, Freud e outros, são tentativas do poder do Um de recuperar o domínio sobre esses termos. Esses dicionários relacionam alguns termos presentes com maior frequência no pensamento originário, designa-os “termos técnicos” e apresentam uma definição desses termos. Têm a pretensão de, assim fazendo, apoderar-se do pensamento originário segundo um mandamento da estrutura: “o que não é distinguível por uma língua bem feita não é” (BADIOU, 1996, p. 226). De novo, é uma esperança do Um de delimitar o múltiplo.

Nesta hipótese, a verdade desses termos estaria sob o domínio do Um, estaria no interior da linguagem, no interior da enciclopédia. Mas em Badiou, a origem da verdade é radical: “verdade é separação. Não há verdade senão sob a condição do vazio.” (BADIOU, 1994, p. 60). Ou seja, se tomarmos *Inconsciente* como uma verdade que abriu um furo no saber enciclopédico, os termos que vêm juntos com essa verdade são incompreensíveis sob a lógica daquele saber.

A matemática, após o advento de Cantor, passou a ter o seu fundamento no conjunto vazio, a verdade primeira da matemática. O conjunto vazio é o princípio primeiro da teoria dos conjuntos. Badiou ressalta um teorema importante dessa teoria: “não há o conjunto de todos os conjuntos” (BADIOU, 1999B, p. 184), e usa filosoficamente esse teorema: “aplicado à categoria de totalidade, este teorema fundamental designa a inexistência do todo do Ser” (BADIOU, 1999B, p. 184).

Então, a ontologia matemática baseada na teoria dos conjuntos tem a propriedade de não se propor a enunciar “o todo do Ser”. A linguagem matemática da teoria do múltiplo puro, a teoria dos conjuntos, é ela mesma uma linguagem avessa ao discurso totalizante. Daí a flexibilidade da matemática em acolher a novidade do acontecimento.

Podemos, finalmente, afirmar que Badiou joga a teoria dos conjuntos, a teoria do múltiplo puro, contra o poder do Um, com a garantia de que é uma teoria que admite a inexistência do todo do Ser. É a teoria do múltiplo contra a teoria da totalidade pretendida pelo Um. Daí a condição necessária para a ontologia: “a apresentação ontológica efetiva é necessariamente axiomática”.

4.1.3 A situação ontológica: a região do Ser

A teoria dos conjuntos é definida de modo axiomático e se constitui de nove axiomas. Ela se fundamenta em um único enunciado existencial, o axioma do vazio, a marca da multiplicidade inconsistente. Agora vem o enunciado filosófico que tomamos como fundamental para os nossos propósitos:

“a situação ontológica *nomeia* originariamente o vazio como múltiplo existente, sob a marca \emptyset ” (BADIOU, 1996, p. 154).

Badiou divide o pensamento da realidade em dois espaços distintos: a situação ontológica e a situação histórica. Vamos repassar aqui o conceito mais geral de situação, agora com o foco na lei: “toda multiplicidade consistente apresentada, logo: um múltiplo e um regime de conta-por-um (uma lei), ou estrutura” (BADIOU, 1996, p. 399). Então, pode-se dizer que numa situação, qualquer que seja ela, há uma lei que estrutura a inconsistência de modo consistente. E essa lei, o axioma *il y a de l'un*, expressa o advento na linguagem de um novo pensamento, uma nova ideia.

Na situação ontológica o discurso do múltiplo puro é feito pelas leis axiomáticas da teoria dos conjuntos. Eles de algum modo se situam na interface entre a multiplicidade inconsistente e a multiplicidade consistente. O enunciado fundamental exposto acima diz respeito à primeira lei da situação ontológica. Essa primeira lei,

que veremos logo a seguir, é o axioma do conjunto vazio. Segundo Badiou, ele exerce uma função de ancoragem, é um elemento pivô, a primeira lei de consistência: “o vazio é a ancoragem da consistência da estrutura na inconsistência originária do múltiplo puro” (BADIOU, 2007A, p. 103).

Então, o vazio é a condição primeira de ancoragem de toda e qualquer consistência. O vazio é a condição possível de toda consistência lógica. A situação histórica, vigente no mundo empírico, se organiza de modo análogo à situação ontológica. Ela necessita de um fundamento que “qualifica como vazio” (HALLWARD, 2004, p. 23). Do lado da situação histórica “a fundação pelo vazio é impossível. Ela comporta ao menos um sítio eventual ou na borda do vazio” (BADIOU, 1996, p. 154-155).

Ou seja, a situação ontológica está fundada no vazio, e a situação histórica está fundada na borda do vazio em algo que qualifica como vazio. A situação ontológica é a região do Ser, enquanto a situação histórica é a região onde incide o acontecimento.

Se a proposição “o Ser é anterior à língua” for verdadeira e se a existência só é possível de ser pensada na linguagem, então o Ser advém à existência quando proferido na língua. “Ser é pensar”, e esse pensamento advém à existência na língua por meio de um enunciado axiomático. Na situação ontológica é quando esse enunciado declara o acontecimento do Ser.

Nós tomamos o enunciado acima como fundamental porque ele afirma que a situação ontológica é aquela em que esse múltiplo é trazido à existência por um nome, \emptyset . O \emptyset faz o Ser vir à existência. Somente a situação ontológica admite essa nomeação do \emptyset . O grifo nessa citação é do próprio Badiou. Ele destaca o poder de nomear como um poder separador. O que está em jogo é o axioma de separação, que repetimos: “não se pode ‘separar’ um múltiplo pela língua senão dentro de algum Ser-múltiplo já dado” (BADIOU, 1996, p. 387).

É “pela língua”, pela “nomeação originária do vazio como múltiplo existente” que se separa o primeiro múltiplo, \emptyset . Quando Badiou afirma que o \emptyset é o nome próprio do Ser, está afirmando que o \emptyset é o primeiro múltiplo existente, acima da multiplicidade inconsistente. É a primeira lei. Mas Badiou não afirma que \emptyset seja o primeiro múltiplo consistente. No espaço ontológico, após admitir o primeiro existente, é possível pensar os demais múltiplos, “os múltiplos admitidos à existência a partir do nome do

vazio, como por exemplo $\{\emptyset\}$...” (BADIOU, 1996, p. 126). \emptyset é o que se situa na base de toda consistência. Essa existência primeira é o advento do Ser à linguagem ao nomeá-lo \emptyset .

Tomando essa nomeação do \emptyset proferida por Badiou, podemos questionar: se a situação ontológica é passível de ser nomeada, não há então um sujeito que compareceu aí? É a própria definição de sujeito para Badiou: sujeito é aquele que advém ao nomear um acontecimento. Em Badiou, o indivíduo se torna sujeito quando nomeia um acontecimento. Se houve um acontecimento, então houve também um sujeito. A situação ontológica teve então, em certo momento, a sua inscrição. Se há uma *nomeação* na situação ontológica, ela então pode ser pensada como uma situação histórica.

Se a matemática é uma condição para filosofia, reconhecer que houve um acontecimento na matemática contemporânea que produz uma verdade para o filósofo pensar o mundo é um “ato filosófico” (ALEMAN, 2012) promovido por Alain Badiou: “Alain Badiou é um acontecimento que corta o pano filosófico de seu próprio tempo” (ALEMAN, 2012). Segundo esse autor, Badiou renova o desejo de filosofia numa época em que se decretava o seu fim.

Pensador da multiplicidade, propondo a ontologia matemática como teoria dos conjuntos, Alain Badiou coloca o vazio na interface entre o múltiplo puro e a multiplicidade empírica ao afirmar que o vazio é o nome próprio do Ser. O múltiplo inconsistente ganha existência ao ser nomeado \emptyset . Compreendemos essa “nomeação originária do vazio” como sendo o acontecimento ontológico. É o que iremos desenvolver na sequência.

Se pensarmos o axioma do vazio da teoria dos conjuntos, em Cantor, do ponto de vista do acontecimento, isto é, se pensarmos que há aí um “acontecimento do Ser”, pela inscrição do nome próprio do Ser, então a situação ontológica pode ser vista como uma situação histórica. Se, conforme propõe Alain Badiou, a ontologia é mesmo a teoria dos conjuntos, houve um momento da história em que essa ontologia ganhou existência.

O ato filósofo promovido por Alain Badiou foi igualar os vazios. Badiou afirma que “o vazio ontológico é o conjunto vazio matemático” (BADIOU, 1990).

Se essa hipótese for verdadeira podemos dizer que o acontecimento que fundou essa teoria abriu a possibilidade de vincular o vazio ontológico com o conjunto vazio da matemática. Pois, em ambos os casos o vazio está fundado no múltiplo puro. O vazio ontológico coincide com o conjunto vazio.

O discurso sobre o Ser, os axiomas da ontologia matemática, prescrevem as leis do Ser. Enquanto axiomas, eles advêm à existência através de uma decisão de nomeação de termos indecidíveis: “fazer existir um acontecimento de tal maneira que esse poder dependa do discurso e não do matema requer de saída a colocação em evidência de um indecidível” (DAVID-MÉNARD, 2002, p. 36). “Fazer existir” é, no pensamento axiomático, fazer um indecidível advir à existência e poder ser tratado “no ponto de vista de um acontecimento do Ser” (BADIOU, 1999, p. 99). A decisão filosófica que afirma: “o vazio é o nome próprio do Ser”, estabelece então a identidade entre os três termos: vazio ontológico, o conjunto vazio e o nome do Ser.

4.1.4 Dois axiomas fundamentais da teoria matemática dos conjuntos

A ideia é então pensar o axioma do conjunto vazio, por Cantor, como equivalente a *il y a de l'un*, um acontecimento de onde provém um fundamento primeiro. É o acontecimento que declara um existencial primeiro, a marca da multiplicidade inconsistente, o \emptyset .

O axioma do conjunto vazio afirma:

Existe um conjunto que não tem nenhum elemento. Esse conjunto é único e tem por nome próprio a marca \emptyset (BADIOU, 1996, p. 387).

Esse axioma é, em si, um paradoxo, pois a ideia de conjunto é concebida para juntar elementos e, no entanto, o conjunto vazio é o conjunto que junta elemento nenhum. O \emptyset é a marca da ausência de todo elemento. Veremos que Badiou toma o termo ausência em Lacan como “ausência de relação”. Nesse sentido, o axioma do vazio afirma: aqui está a marca inicial da ausência, a multiplicidade inconsistente, a partir de onde tudo se origina.

Em seguida a esse axioma primeiro, vem o axioma de fundação para todos os conjuntos:

Todo conjunto não vazio possui ao menos um elemento cuja intersecção com o conjunto inicial é vazia (BADIOU, 1996, p. 386).

Esse axioma garante que todos os demais conjuntos têm como subconjunto o conjunto vazio, \emptyset . Ou seja, todos os demais conjuntos existem, na medida da existência do vazio. Se o \emptyset é a marca da multiplicidade inconsistente, todos os demais conjuntos carregam essa marca, são todos eles fundados, não na multiplicidade inconsistente em si mesma, mas na marca dessa multiplicidade, o \emptyset .

As consequências excepcionais do axioma de fundação são descritas agora:

O axioma de fundação tem a consequência excepcional, que é que nenhum conjunto pertence a si mesmo, que nenhum múltiplo figura na sua própria apresentação, que nenhum múltiplo conta a si mesmo como um. Nesse sentido, o Ser nada sabe sobre a reflexão (BADIOU, 2008, p. 71).

Pelo axioma de fundação, todo conjunto tem o seu fundamento já instituído no vazio, e nenhum conjunto pode autofundar-se. Nenhuma conta pode contar-se a si mesma. O texto não deixa dúvida: há uma interdição ao autopertencimento. Na linguagem dos conjuntos, equivale a dizer que o conjunto das vogais, $\{a,e,i,o,u\}$, não pode incluir a palavra que dá nome ao conjunto. Essa palavra, “conjunto das vogais”, define uma operação, traz ao pensamento os elementos do conjunto. Mas “conjunto das vogais”, enquanto nome da operação, não é um elemento do conjunto.

Um exemplo ainda mais radical desse paradoxo na situação empírica: um indivíduo atribuir a si mesmo um nome antes de tornar-se sujeito. É, na linguagem de Badiou, o “advento do Dois”. Badiou pretende resolver esse paradoxo, que ele intitula “paradoxo do Sujeito”, pensando o homem de dois modos distintos: como indivíduo e como sujeito. A ideia é simples: o indivíduo é fundado na estrutura. Para um ser humano qualquer, a verdade se encontra na linguagem. Quando ele se defronta com o vazio oculto na estrutura, ele advém sujeito. Veremos isso quando tratarmos do tema da passagem do indivíduo a sujeito, sob a ocorrência de um acontecimento, na seção *Verdade e sujeito*²⁷.

O objetivo do axioma de fundação está expresso no seu próprio nome. Tudo o que existe, existe sob a condição de ter sido fundado, e de operar de modo consistente a

²⁷ O exemplo é a “conversão” do indivíduo – o múltiplo – Saulo no sujeito Paulo. Saulo deixa de lado o seu fundamento na estrutura e, por um acontecimento auto-fundante, “torna-se Sujeito” nomeando-se Paulo (BADIOU, 2009).

segundo um operador de conexão fiel. O fundamento, na situação ontológica, é garantido pelo axioma do conjunto vazio: “a situação ontológica *nomeia* originariamente o vazio como múltiplo existente. Somente a *ontologia matemática* admite o pensamento da sutura do Ser sob a marca \emptyset ” (BADIOU, 1996, p. 154).

Tanto na situação ontológica como na situação histórica, há um fundamento primeiro. Esse fundamento é um axioma inaugural. Na situação ontológica o início é “o vazio é o nome próprio do Ser”. Na situação histórica, para cada caso haverá um nome próprio. No caso histórico, o nome próprio ocupará a função de situar-se na borda do vazio, em uma “zona de fragilidade”, como veremos logo a seguir.

4.1.5 O acontecimento: uma fraude às leis da ontologia

Vamos considerar o que se passa do ponto de vista do Acontecimento, daquilo que, como dirá Badiou, é uma “exceção às leis do Ser”. Alain Badiou define o matema do acontecimento do seguinte modo:

Chamo de acontecimento de sítio X um múltiplo tal que é composto, por um lado, dos elementos do sítio e , por outro lado, de si mesmo (BADIOU, 1996, p. 148).

- $e_x = \{ x \in X, e_x \}$
- e_x = o nome do acontecimento (a letra e é a abreviatura de évènement);
- x = variável para designar os elementos x da situação;
- X = Sítio do acontecimento, um múltiplo singular que pertence a uma situação histórica. Irá exercer a função de borda do vazio.

A singularidade do acontecimento está em sua própria definição: ele é definido como um conjunto, porém que fere um dos axiomas da teoria dos conjuntos. O acontecimento é definido matematicamente como um conjunto que é uma fraude aos axiomas dessa teoria:

Em *O ser e o acontecimento* há uma matemática do acontecimento que é uma exceção porque a sua matematicidade passava em fraude um axioma. A teoria do múltiplo era deformada pelo acontecimento em um ponto. É a maneira na qual o acontecimento faz exceção às leis do Ser (BADIOU, 2006-2006).

Estamos diante de um impasse. O acontecimento é definido como um paradoxo na sua relação com a ontologia. A citação afirma que é uma fraude que deforma a ontologia em um ponto.

Do lado da ontologia o axioma de fundação tem a missão de impedir aquilo que não tem fundamento, ou seja, o acontecimento, pois, se “o axioma de fundação é uma lei do ser” então devemos “rejeitar qualquer hipótese da existência de um conjunto que seja elemento dele mesmo” (BADIOU, 2008B, p. 71).

Do lado do acontecimento há um axioma criado por Badiou que viola essa lei da ontologia. O matema do acontecimento é definido como um recurso que opera nos momentos de “crise dos fundamentos” (BADIOU, 1999, p. 48), quando surgem os paradoxos que questionam os fundamentos instituídos. Isto é, “o acontecimento exige que existam zonas de fragilidade, zonas que não são tão firmemente asseguradas de sua inclusão na estrutura como as outras” (BADIOU, 2007A, p. 103).

Então, o matema do acontecimento é criado devido à necessidade de pensar as crises. Pois, se tudo continuar como está, se nada de novo acontecer, ou melhor, se tudo o que vier a acontecer se reduzir a fatos previsíveis e obtidos por dedução lógica, não há mesmo necessidade de pensar o paradoxo do acontecimento. Significa que tudo tem um fundamento e se encontra bem constituído.

As operações que estruturam a situação não são infalíveis: “um acontecimento faz subir à superfície da situação (ou do mundo) a inconsistência que ronda sob a consistência dessa situação” (BADIOU, 2007A, p. 103). Então, a função do acontecimento é denunciar a inconsistência que ronda a estrutura. Afinal, o que são as crises? São aqueles momentos em que a lei que estrutura a situação apresenta um ponto frágil. Esse elo frágil no encadeamento lógico é indicativo de inconsistência lógica, uma falha na consistência. Ou seja, é onde a dedução lógica está falhando que a inconsistência se apresenta acessível. Nesse ponto frágil algo qualifica como o vazio, a borda do vazio, propício ao acontecimento. De modo súbito, o acontecimento incide nessa falta de racionalidade, onde é possível uma ruptura. O matema do acontecimento é pensado para entrar em operação nesse ponto frágil da lei.

Alain Badiou formula a hipótese de que tudo aquilo que aconteceu ao longo da história, aconteceu em torno desse elo frágil que apresenta as qualidades do conjunto vazio. Não aprofundaremos aqui, mas apenas para dar uma referência não-ontológica ao leitor, o caso citado com frequência por Badiou é o do proletário na teoria de Karl Marx. Ele é o elemento desprovido de tudo, exceto de sua força de trabalho. Ele qualifica como vazio para efeitos de revolução. E a revolução tem a característica de conduzir a resultados imprevisíveis do ponto de vista da lei que governa a situação. A função própria da revolução é quebrar as leis existentes, fundando uma nova lei.

Então, definido como uma contradição, o acontecimento é um múltiplo inconsistente, ele não está submetido a nenhuma lei de conta, a nenhuma lei que estrutura a situação. A expectativa é que o acontecimento, quando vier a ser declarado ao incidir no ponto frágil da situação, passe a ser contabilizado como um múltiplo consistente, sob o regime de sua própria lei de conta. Se esse empreendimento for bem sucedido, o acontecimento terá a sua inscrição na história: a inconsistência adquirirá consistência por meio de uma operação de conta. O acontecimento inscreverá um início, dando origem ao percurso de uma verdade, a verdade do acontecimento.

4.1.6 Ontologia matemática: situação de máxima consistência

A condição de credibilidade de um conjunto de axiomas é a consistência por eles conquistada. Essa é uma característica do pensamento matemático: “Ser, pensamento e consistência são em matemática uma só e mesma coisa” (BADIOU, 1999B, p. 102). Isto é, em matemática se assume que “tudo o que é consistente existe” (PNTS, p. 35). Quanto mais consistente for, melhor será. “Enquanto o pensamento não se afundar na inconsistência, podemos e devemos ir adiante nas suposições de existência²⁸”. Avançando de modo consistente, “o pensamento segue uma linha de intensificação” (BADIOU, 1999, p. 97-103).

²⁸ Entendemos esse “afundar na inconsistência” o momento em que o pensamento se depara com um paradoxo. Por exemplo, o pensamento aparentemente consistente de Frege “afundou” frente ao paradoxo levantado por Russel. Assim que esse paradoxo foi resolvido acrescentando um novo axioma, no caso, o axioma de separação, afirma Badiou: “devemos ir adiante nas suposições de existência”. Até prova em contrário, os axiomas da teoria dos conjuntos são maximamente

Vamos retomar a questão que formulamos no início, qual seja: a questão de pensar o axioma do vazio enquanto um acontecimento que autoriza Alain Badiou a declarar a teoria dos conjuntos como ontológica. Se o acontecimento incide em um ponto frágil, onde se situa esse ponto, no caso ontológico? Qual é a operação de conta dos axiomas dessa teoria? Se, como concluímos na seção anterior, o acontecimento enuncia leis - no caso ontológico os axiomas da teoria dos conjuntos como leis do ser -, que contam-por-um, então como se instaura a operação de conta na situação ontológica? Vamos ver a seguir que essas leis incidem naquilo que nomeia a multiplicidade inconsistente, o \emptyset , e produzem como resultado os números inteiros ordinais.

Nesse sentido, dada a universalidade da sequência dos números ordinais, cujo fundamento se encontra na teoria dos conjuntos, talvez seja esse o fundamento mais sólido que permite afirmar com segurança que a teoria dos conjuntos ocupa o lugar de discurso ontológico.

Para reforçar essa tese, vamos antecipar aqui uma citação que retomaremos adiante. Trata-se de uma citação tomada de Jacques-Alain Miller no curso Extimidad: “conhecem as célebres palavras de Kronecker: *Deus fez os números inteiros naturais, e todo o resto foi trabalho dos homens*” (MILLER, 1986, p. 276).

4.2 A PRIMEIRA CONTA: CONTAR-POR-UM O VAZIO

Na teoria matemática dos conjuntos, acerca da qual dissemos que cumpria a Matemática enquanto pensamento do ser-múltiplo, o “há” [*il y a*] é suposto apenas no nome do vazio, do conjunto vazio. A única relação é a relação de pertença. O domínio da relação sobre o “há” [*il y a*] é assegurado pelas formas de eficácia da relação, as quais são codificadas em axiomas, os axiomas operatórios da teoria. Este domínio tira do simples vazio um “Universo”, a hierarquia cumulativa transfinita dos conjuntos (BADIOU, 1999B, p. 76).

Nesta seção desenvolveremos a concepção de conta-por-um na situação ontológica. Trata-se da sequência dos números inteiros naturais, uma conta-por-um de valor universal.

consistentes. Por que? Porque o “efeito de Um” desses axiomas é a sequência dos números ordinais, como veremos na sequência.

4.2.1 O poder separador da linguagem: o axioma de separação

Havíamos concluído que o acontecimento incide nos momentos de crise, no ponto frágil da lei da situação, naquilo que qualifica como vazio. Porém, na situação ontológica, que é a situação mais abstrata possível, a região do Ser onde ainda não se formulou nenhuma lei por ser aquela região do múltiplo puro, nessa região é evidente que não é possível situar nenhum ponto frágil.

Nessa situação abstrata o único que vigora é o múltiplo puro, anterior a toda operação de conta. A incidência do acontecimento só tem uma possibilidade: nomear o vazio ontológico e fundar a “primeira conta” (BADIOU, 1996, p. 54). Repetimos nosso enunciado tomado como fundamental: “a situação ontológica *nomeia* originariamente o vazio como múltiplo existente, sob a marca \emptyset ” (BADIOU, 1996, p. 154).

O conceito de separação situa-se na origem do pensamento matemático:

O que é que tem o poder de separar o inseparado? É evidente, para nós, os modernos, que é a linguagem. Se digo “uma flor”, separo-a de todo e qualquer ramo. Se pronuncio “digamos uma esfera”, separo-a de todo e qualquer objecto esférico. Neste ponto, matema e poema são indiscerníveis (BADIOU, 1999B, p. 44)

Como se obtêm os objetos da geometria? Frente ao objeto esférico que se apresenta estruturado como uma totalidade, do tipo “o Um é”, separo uma parte, a inseparável figura geométrica da esfera. O “há uma esfera” separa o inseparado objeto geométrico por um ato performativo. A nomeação desse objeto geométrico abre as condições de possibilidade da conta-por-um da geometria.

Para o que nos interessa em nosso trabalho, é suficiente compreender o passo inicial necessário para o lançamento de um empreendimento do pensamento. “Há uma flor”; “há uma esfera”; “há o conjunto vazio”, todos esses enunciados se relacionam com o enunciado do acontecimento *il y a de l'un*. No primeiro enunciado é o início de uma poesia; no segundo é o desenvolvimento da geometria; no terceiro é o início da sequência dos números inteiros, fundamento de toda a matemática.

No caso que estamos tratando aqui, entendemos essa nomeação de essência poética como o ato criativo que “nomeia originariamente o vazio como múltiplo

existente”, isto é, faz o múltiplo existir sob o nome vazio, “sob a marca \emptyset ”. A marca \emptyset é o fundamento a partir do qual todo um “Universo” pode ser derivado.

Que “Universo” é esse que é tirado do simples vazio pelos axiomas da teoria dos conjuntos? Esse Universo corresponde à “hierarquia cumulativa transfinita dos conjuntos”, que corresponde à sequência dos números ordinais, como veremos logo adiante.

Na citação em epígrafe Badiou retoma o *il y a de l'un*, agora sob a perspectiva dos axiomas da teoria dos conjuntos. Na nossa interpretação, a pretensão de Alain Badiou desta vez é desmembrar esse enunciado do seguinte modo:

- *il y a*: “há’ [*il y a*] é suposto apenas o nome do conjunto vazio”,
- *de l’un*: “axiomas operatórios da teoria dos conjuntos”.

4.2.2 O zero conta por um

A nossa próxima etapa é proceder à investigação da operação de conta que subjaz aos axiomas da teoria dos conjuntos visando encontrar o “Universo” mencionado na citação. Trata-se da transcrição do súbito do acontecimento, para a linguagem matemática, formalizando-o em axiomas da matemática, fazendo surgir os axiomas da teoria dos conjuntos com os seus resultados-uns. Esses resultados constituem a sequência dos números ordinais, base dos números inteiros naturais.

Para ensaiar essa operação, precisamos de dois axiomas dessa teoria:

- 1 - Axioma do conjunto vazio: “existe um conjunto que não tem nenhum elemento. Esse conjunto é único e tem por nome próprio a marca \emptyset ”.
- 2 - Axioma dos subconjuntos: “existe um conjunto cujos elementos são os subconjuntos de um conjunto dado. Se α é dado, esse conjunto se nota $P(\alpha)$ ”. (BADIOU, 1996, p.387). $P(\alpha)$ é o conjunto das partes de α . Quando α coincide com \emptyset , então $P(\alpha)$ é o $P(\emptyset)$: conjunto das partes do vazio.

A linguagem formal da teoria dos conjuntos necessita do axioma do subconjunto para expressar a passagem inaugural de \emptyset para $P\{\emptyset\}$. De um lado temos o \emptyset como o índice do que se apresenta, como o único modo de indicar formalmente a marca do múltiplo inconsistente. Do outro lado temos o $P\{\emptyset\}$ enquanto representante disso

que se apresenta, simbolização de \emptyset . Então temos o surgimento do primeiro representante. Isto equivale ao surgimento do que se chama singleton, $P(\emptyset)$. É a passagem da apresentação, \emptyset , para a representação, $P(\emptyset)$. E chegamos ao enunciado talvez mais elucidativo sobre o que desenvolvemos até aqui:

O singleton do vazio, $P\{\emptyset\}$, ‘conta-por-um’ o vazio, \emptyset , enquanto o conjunto vazio não conta nada (BADIOU, 2008B, p. 64).

Esse é o modo de formular, matematicamente, na teoria dos conjuntos, o acontecimento de nomeação primeira, que nomeia o vazio ontológico. O ato de nomear o Ser pelo nome \emptyset dá origem ao primeiro singleton $P\{\emptyset\}$. Como Badiou se refere a esse ato? “O singleton do vazio, $P\{\emptyset\}$, ‘conta-por-um’ o vazio, \emptyset ”. Aí está a operação de conta, que é, na situação ontológica, a primeira conta. É a inscrição do 1 a partir do \emptyset : “o 1 é então o que inscreve que o zero existe” (BADIOU, 1994, p. 99).

A matemática, evidentemente, pensa o mundo matematicamente. O que importa na matemática é o número, o pensamento que trabalha sobre o número. Na matemática, o Um, o primeiro significante que advém do vazio, é convertido na cifra 1.

Vamos ter em mente dois resultados obtidos no nosso trabalho até aqui, que afirmavam, de certo modo, algo equivalente à conclusão que chegamos:

- *Il y a de l’un* vem em consequência a um acontecimento súbito.

A ênfase aqui deve recair sobre o real, o lugar, o *Il y a*, cuja marca é \emptyset . Esse súbito é, na situação ontológica, a percepção do lugar e a sua nomeação por \emptyset , a marca da inconsistência. É o advento do que Badiou chama nome do Ser, também designado por ele como a primeira conta.

- *Il y a de l’un* inscreve *uma* nova lei de conta, *um* novo axioma, que opera sobre o múltiplo puro.

A ênfase agora deve recair sobre o lado simbólico, o *de l’un*. Agora, o lado simbólico *de l’un* é o equivalente a *uma* lei, o singleton do vazio, $P\{\emptyset\}$, que conta-por-um o \emptyset . Equivale a um axioma que se enuncia sustentado no \emptyset .

A lei que importa na matemática é a lei numérica. A “primeira conta” que cria o nome do vazio cria também a possibilidade de contar *algo* a partir do vazio. Ela “conta” o

zero como 1. Se com o \emptyset se pretende indicar a marca da multiplicidade inconsistente, então o $P\{\emptyset\}$ é aquilo que “conta” essa marca, é o “salto”. $P\{\emptyset\}$ é o modo de representar matematicamente essa marca, obtendo o primeiro múltiplo consistente. Afirma Badiou: “a Ideia já está lá, sempre. Se não fosse ativável no pensamento, permaneceria impensável” (BADIOU, 1999, p. 96). A Ideia que foi ativada matematicamente nesse acontecimento foi a Ideia do número.

O acontecimento é o que ativa a Ideia no pensamento. A Ideia uma vez em atividade no pensamento irá servir-se da simbolização. Nesse contexto, a Ideia é o próprio Ser: “só há um gênero de Ser, a Ideia (ou aqui, o conjunto)” (BADIOU, 1999, p. 105). Ativar a Ideia no pensamento implica ativar o próprio pensar, isto é, o Ser. O que traduz uma das citações preferidas de Badiou, por ele atribuída a Parmênides: “o mesmo é ao mesmo tempo pensar e ser²⁹” (BADIOU, 1996, p. 40).

4.2.3 A sequência dos números ordinais

Declarar o vazio como a marca da inconsistência é, então, um acontecimento de pensamento. Produz uma *cisão* na estrutura da situação: “eu disse que sua estrutura (da situação) – o regime da conta-por-um – *cindia* nela o múltiplo apresentado: *cindia*-o em consistência e inconsistência” (BADIOU, 1996, p. 50). Uma *cisão* que faz surgir o singleton, o primeiro “Um”: “o 1 é então o que inscreve que o zero existe” (BADIOU, 1994, p. 99).

A nomeação separa: de um lado o real, \emptyset ; do outro lado o *de l'un* como o primeiro singleton, $P\{\emptyset\}$, o 1. É um ato que tem valor duplo: surge o Dois. Dois no sentido dado por Alain Badiou: o nome e a operação de nomear enquanto uma Ideia.

O que está em jogo aí é o axioma de separação exercendo o seu papel de dar o passo primeiro na ontologia. Ele “efetua uma tomada de posição ontológica. É preciso que o Ser já esteja-aí”, isto é, que haja o múltiplo inconsistente, o \emptyset , “para que a regra separe aí a consistência múltipla”, isto é, para que advenha $P\{\emptyset\}$. Então, “ela própria”, a regra, $P\{\emptyset\}$, é “apresentada num segundo tempo pelo gesto da primeira apresentação”, o \emptyset (BADIOU, 1996, p. 47).

²⁹ Encontramos essa citação também em: *Conditions* (p. 76, p. 211, p.238, p. 273), *Curto tratado de ontologia transitória* (p.50, p.96), e *Pequeno manual de inestética* (p. 148).

No ato mesmo de nomear o conjunto vazio, emerge o nome enquanto Ideia, como se disse acima, a ideia de um conjunto. Dessa Ideia de conjunto se deriva a operação conjuntista. Isso se representa na matemática conjuntista na passagem de \emptyset para $P\{\emptyset\}$. Aí foi posto em ação o mecanismo do “salto”, o ato separador, equivalente à nomeação. Trata-se de uma primeira contagem. O vazio conta como Um. Surgiu o ordinal primeiro, o singleton, e a operação de conta. O \emptyset conta como $P\{\emptyset\}$, isto é, o \emptyset conta como singleton. Agora basta manter em atividade essa operação. Para obter o segundo, juntamos \emptyset e $P\{\emptyset\}$ do seguinte modo: $\{\emptyset, \{\emptyset\}\}$, e obtemos o singleton do singleton. A tabela abaixo mostra o desenvolvimento dessa operação de conta.

- $0 = \emptyset$
- $1 = \{\emptyset\}$
- $2 = \{\emptyset, \{\emptyset\}\} = \{0, 1\}$
- $3 = \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}\} = \{0, 1, 2\}$
- $4 = \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}\}\} = \{0, 1, 2, 3\}$

Dispondo horizontalmente, vemos formar-se a sequência:

- $\emptyset - \{\emptyset\} - \{\emptyset, \{\emptyset\}\} - \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}\} - \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}\}\}$

Temos aí a “hierarquia cumulativa transfinita dos conjuntos”, que se encontra mais acima na citação de Alain Badiou: o singleton, depois o singleton do singleton, e assim sucessivamente. De modo hierárquico é obtida a sequência cumulativa dos números ordinais, base da sequência dos números naturais.

4.2.4 A contagem de objetos inconsistentes

Sobre a sequência dos números inteiros naturais, Alain Badiou afirma: “Nós nunca devemos perder de vista o fato que as notações do tipo 1, 2, 3,... são *cifras*, no sentido de códigos, que servem para designar múltiplos fabricados a partir apenas do \emptyset ” (BADIOU, 2008, p.95). Acabamos de “fabricar” os múltiplos a partir exclusivamente do múltiplo inconsistente, \emptyset , e da atividade da operação de conta. Enfatizando: existe o “há” inaugural, o \emptyset , o lugar indicando que há algo, e o enunciado “há Um”, $P\{\emptyset\}$.

Se “qualquer enunciado prescreve a possibilidade de uma localização inteligível” (BADIOU, 1999, p. 106), a nomeação *Il y a de l'un* pode ser entendida como um enunciado desse tipo. Localiza o real, colocando, como veremos na próxima seção, um sujeito a pensar.

Então temos Dois: o lugar e a atividade do pensamento despertado pelo acontecimento. O acontecimento é, no fundo, um acontecimento de pensamento. E daí advém uma separação. Equivale, no exemplo citado acima, ao dizer: “digamos uma esfera”, separando a esfera do objeto esférico.

Vamos ao significado numérico da sequência ordinal acima: “a partir do ponto de Ser inicial \emptyset , construímos assim a sequência dos ordinais *existentes* (visto que \emptyset existe)” (BADIOU, 1996, p. 127). Dos ordinais para o número como um quantificador, o passo é simples. Na última linha do exemplo acima, o número 4 é a cifra numérica da sequência ordenada $\{0,1,2,3\}$.

A importância de chegar à fundamentação da sequência dos números inteiros é sintetizada na frase de Kronecker, citada por Jacques-Alain Miller no curso Extimidad: “conhecem as célebres palavras de Kronecker: *Deus fez os números inteiros naturais, e todo o resto foi trabalho dos homens*” (MILLER, 1986, p. 276).

A primeira lei de conta enquanto um pensamento que estrutura o múltiplo inconsistente está em atividade de tal modo que passa muitas vezes inapercebido. Jacques Lacan, com seu estilo muito peculiar, usa de um artifício para surpreender o leitor desavisado:

Isso de que se trata, o Um, o responsável, é ao agarrá-lo pelas orelhas que o há [y en a] mostra com clareza a base a partir da qual ele existe. A base a partir da qual ele existe prende-se a isto, que não é evidente: é que, pegando o primeiro móvel que eu tinha ao alcance da mão, um débil mental, vocês podem acrescentar-lhe uma gripe, uma gaveta, um fiu-fiu, uma fumaça, um bom-dia da sua Catherine, uma civilização ou até uma liga descasada do par, tudo isso soma oito, por mais disperso que lhes pareça. Existem montes deles, mas todos se amontoam ao ser chamados, venham, venham, crianças! (LACAN, p. 129).

Aí está a dispersão, o disperso, reunido de modo consistente por Lacan. A multiplicidade inconsistente, “por mais disperso que lhes pareça”, é reunida de modo consistente e ao final “tudo isso soma oito”. Como Lacan obteve esse oito, se está tão disperso? Retornando sobre o que ele enumerou, não é tão difícil: *um* débil mental, *uma* gripe, *uma* gaveta, *um* fiu-fiu, *uma* fumaça, *um* bom-dia da sua

Catherine, *uma civilização, uma liga descasada do par*. Oito objetos inconsistentes, sem nenhuma ligação lógica, que de repente, contam como 8. O 8, o número, tem Ser? O que sustenta o Ser desse 8?

Iremos aproveitar o trabalho que realizamos até aqui para tematizar na sequência dois conceitos fundamentais da filosofia, a verdade e o sujeito. Agora revistos sob a luz do enunciado *il y a de l'un*, o anunciado axiomático de um acontecimento. Comentamos rapidamente acima, sob o nome “paradoxo do sujeito”, quando o sujeito se funda a si mesmo. Para Badiou, advir Sujeito é algo que “acontece com um esforço inaudito” (PNTS, p.108). Badiou sempre utiliza para designar o advento do sujeito o termo Dois, com maiúscula: o advento do Dois. Citamos apenas a passagem aqui, que desenvolveremos logo adiante.

O nome próprio designa aqui que o sujeito, enquanto configuração situada e local, não é nem a intervenção nem o operador de fidelidade, mas o advento do Dois deles, ou seja, a incorporação do acontecimento à situação no modo de um procedimento genérico (BADIOU, 1996, p. 308).

Se mantivermos o nosso método de expormos alguns resultados ao final de cada seção, podemos agora deixar estabelecido que:

- As leis do Ser não se autoengendram; o ser não é reflexivo. O matema é instituído pelo poema;
- O Ser obedece a um determinismo próprio, uma vez fundamentado em seus axiomas;
- O acontecimento fundante da ontologia é aquele que fundou o conjunto vazio, o nome do ser,
- As leis do Ser engendram a sequência dos ordinais, lei fundamental de conta. Isso permite acesso ao Universo.

4.3 VERDADE E SUJEITO

[O sujeito] não é mais o sujeito fundador, centrado e reflexivo. O Sujeito contemporâneo é vazio, clivado (BADIOU, 1996, p. 12).

Nesta etapa do nosso trabalho, iremos retomar o enunciado originário *il y a de l'un* para tematizar a questão da verdade e do sujeito uma vez que essas duas categorias filosóficas recebem uma nova vestimenta sob a ontologia matemática.

4.3.1 Indivíduo e repetição de saber

Não há senão um animal particular, convocado pelas circunstâncias a se tornar sujeito (BADIOU, 1995, p. 53).

Alain Badiou pensa o conceito filosófico de sujeito em conformidade com a sua filosofia do acontecimento. Para Badiou, o indivíduo humano não nasce sujeito, mas *torna-se* sujeito, conforme a nota acima.

Alain Badiou defende a tese segundo a qual permanece aberta a questão da “existência do sujeito neste mundo incerto” (BADIOU, 1996, p. 339). Do mesmo modo que o acontecimento é imprevisto, o sujeito também não é garantido existir. Tanto o acontecimento imprevisto quanto o sujeito situam-se em dependência recíproca. Um acontecimento não terá existido se não tiver sido declarado, momento em que terá simultaneamente surgido um sujeito. Daí a ideia de sujeito raro: “a raridade do sujeito põe a sua ocorrência na dependência do acontecimento” (BADIOU, 1996, p. 339).

Se o sujeito está na dependência da ocorrência de um acontecimento imprevisto, é evidente que é impossível garantir previamente a sua existência. Para Badiou, “o sujeito é absolutamente inexistente na situação antes do acontecimento” (BADIOU, 1994, p. 110).

O aporte interessante que Alain Badiou traz é pensar o ser humano como separado em duas condições distintas, correlativas da separação da filosofia entre o Ser e o acontecimento:

- O indivíduo é o que se encontra do lado da estrutura. Isto é, daquilo que, como vimos, encontra-se fundamentado no vazio.
- O sujeito encontra-se do lado daquilo que advém, ou seja, do lado do acontecimento. Este é o lado do acaso, do aleatório, daquilo que não tem fundamento, ou também, daquilo que se funda por si mesmo.

No livro da *Ética* Badiou tematiza mais extensamente o substrato humano presente no futuro sujeito. No prefácio à edição brasileira, o tradutor Ari Roitman afirma que “neste livro se estabelece a distinção entre o homem, ser biológico, e o sujeito” (BADIOU, 1995, p. 13). Alain Badiou pensa o indivíduo como o ser humano genérico, que ele nomeia utilizando os termos “animal humano”, “indivíduo”, “alguém”. Ou seja, um “múltiplo especial” na realidade empírica (BADIOU, 1995, p. 63).

Nessa condição de um simples mortal, o que é para o ser humano o saber? Badiou estabelece uma “distinção capital entre saber e verdade, ou entre conhecimento e pensamento” (BADIOU, 1991, p. 39). O saber está do lado do conhecimento, enquanto a verdade está do lado do pensamento. E afirma: “nós chamaremos de um saber o que se transmite, o que se repete” (BADIOU, 1994, p. 44). Para que ocorra uma interrupção da repetição de saber, algo extraordinário deve acontecer, forçando o indivíduo a pensar: “o pensamento deve interromper a repetição” (BADIOU, 2007C, p. 95).

No nível da estrutura, operando sob a forma “o Um é”, nesse modo operatório não há o sujeito que pensa, mas apenas um animal humano condicionado a repetir o que já foi dito. Nesse nível está depositado o saber instituído. A esse depósito de saber Badiou dá o nome de enciclopédia: “a enciclopédia é uma dimensão do saber” (BADIOU, 1991, p. 11).

A suposição é que esse saber enciclopédico se transmita didaticamente, de tal modo que o aprendizado seja alcançado quando o indivíduo vier a se tornar capaz de repetir o saber ali depositado. Ou seja, “o que há, a situação do saber tal como é, só nos proporciona a repetição” (BADIOU, 1994, p. 44). Como vimos anteriormente, se o mestre antigo é aquele que inventa, o mestre moderno é o professor, aquele que transmite o saber enciclopédico.

Nesse modo mecânico de proceder e condicionado a repetir, o indivíduo não se dá conta do vazio constitutivo da estrutura, do furo oculto no interior da estrutura. O indivíduo educado no nível da repetição do saber, não percebe o furo, o vazio, em torno do qual esse saber se sustenta: “Para que o vazio tenha a sua apresentação impedida, é preciso que a estrutura esteja estruturada, que o ‘há Um’ valha para a conta-por-um” (BADIOU, 1996, p. 83).

Essa citação deixa evidente o modo de operar da estrutura. O próprio da estruturação lógica é que o “há Um” originário, operando sob o modo de conta-por-um, se apresente consistente: “a existência não tem norma alguma além da consistência discursiva” (BADIOU, 1999B, p. 55). Essa é uma consequência da própria lei do discurso: sem consistência, não há existência. Assim pensa Badiou: “é a lei de uma apresentação estrutural que ‘Ser’ e ‘Um’ sejam aí reciprocáveis, pelo viés da consistência do múltiplo” (BADIOU, 1996, p. 83). Ou seja, o pensamento originário não escapa a essa lei da estrutura: opera sob a forma do Um.

O perigo então é que o pensamento originário passe a vigorar a partir de um lugar totalizante, sob o modo “o Um é”, com consequências desastrosas. Badiou fornece dois exemplos: a apropriação pelo estalinismo das ideias de Marx e a apropriação pelo discurso religioso das ideias de São Paulo³⁰. O pensador originário – no caso Karl Marx e São Paulo – organizou o seu pensamento de modo tão consistente que o seu enunciado originário “há Um” passou a vigorar sob o modo “o Um é”. O poder de convencimento foi tal que foi tomado com fins de doutrinação de massa.

Enquanto a estrutura se mantiver estruturada sob efeito de Um, enquanto não se apresentam, como vimos anteriormente, “zonas de fragilidade” na consistência lógica que sustenta a estrutura, ela impede a apresentação tanto do seu vazio constitutivo quanto do “há Um” originário. Torna-se necessário retornar ao pensamento originário expresso na letra do texto, no caso em questão, no texto de São Paulo ou no texto de Marx.

Retomaremos mais adiante esse fio da discussão, sob o modo do pensamento axiomático. Antes vamos debater as formas de transmissão do saber. Aí reside o problema que impede a percepção do vazio da estrutura, que propaga o pensamento originário sob uma forma totalizante.

4.3.2 A Suposição de saber e o método de transmissão

É preciso evitar essa catástrofe da apresentação que seria o encontro de seu próprio vazio, isto é, o advento apresentativo da inconsistência como tal, ou a destruição do Um (BADIOU, 1996, p. 82).

³⁰ O desastre do estalinismo é comentado por Badiou no livro *O século* e no livro *Ética, um ensaio sobre a consciência do mal*. A questão paulina é comentada no livro *São Paulo a fundação do universalismo*.

Como “evitar essa catástrofe”? O problema situa-se do lado dos métodos de transmissão de saber. Esses métodos estão ocupados em evitar a catástrofe que seria “o encontro de seu próprio vazio” e a conseqüente “destruição do Um”.

A garantia consistente do “há Um” originário foi apropriada de modo indevido, e vigora como uma suposição de saber. Uma “suposição – que é preciso rejeitar - de um Ser do Um” (BADIOU, 1996, p. 29). Quando opera de modo totalitário, o pensamento originário passa a ser usado para explicar o que não explica³¹, e passa para o lado da suposição enciclopédica de saber: “a enciclopédia é uma dimensão do saber” (BADIOU, 1991, p. 11).

Então o pensamento originário, no caso mencionado de Marx e Paulo, fundado no vazio, pode vir a se tornar saber enciclopédico. Com isso, tanto o vazio que sustenta a estrutura, como o pensamento originário do sujeito, e junto com ele a verdade primeira sustentada nesse vazio, desaparecem no interior da estrutura. Tanto o ponto fixo, \emptyset , quanto a verdade originária “há o vazio” desaparecem, e o que se sobressai é a estrutura.

No modo de pensar sob a forma “o Um é”, a verdade, originariamente advinda do \emptyset , vai se ligar aos termos da língua definidos na enciclopédia. Como consequência da ocultação do vazio que deu origem à verdade, ela é transposta para o âmbito do saber da tradição. Nessa hipótese, a verdade se liga às palavras, e o indivíduo fica condenado a buscar a verdade na enciclopédia do saber existente.

A pedagogia parte da hipótese de que a verdade se encontra na enciclopédia e elabora métodos pretendendo “ensinar” a verdade. A verdade é entendida como erudição: aquisição e acúmulo de saber: “saber designa aqui a capacidade de inscrever nomeações controláveis em língua lícita” (BADIOU, 1996, p. 233). A verdade, uma vez que tenha se tornado saber enciclopédico, passa a ser erudição. Esse é um princípio que rege a própria cultura: “quanto ao que podemos dizer, no sentido estrito, estamos sempre sob a lei de enunciados já ditos” (BADIOU, 1997B, p. 33). O ser humano normal vive na condição de repetir o que já se sabe. A suposição dos métodos pedagógicos é: “o que não é suscetível de ser classificado num saber não é” (BADIOU, 1996, p. 233). Ou seja, a verdade é saber fazer

³¹ Em *São Paulo e a fundação do universalismo* o ponto de vista de Baidou é que Paulo pouco se interessa pelas curas milagrosas que dizem terem sido operadas por Cristo. Nesse sentido, a ressurreição de Cristo foi usada para explicar aquilo que não explica.

classificações sob um saber lícito, a verdade é adequação ao já sabido. O que não é suscetível dessa adequação não é admitido como verdade: é erro, impropriedade. Precisa ser corrigido.

Badiou nomeia esse modo pedagógico de buscar a verdade sob a rubrica de “pensamento construtivista”: “O pensamento construtivista avança por etapas sob controle das conexões formuláveis propondo assim um saber do Ser” (BADIOU, 1996, p. 233). É evidente que só possível um “saber do Ser” quando vigora a hipótese “o Ser é Um”. Isto é, na hipótese de que o saber do Ser esteja totalizado na enciclopédia do saber. “Saber do Ser” é saber tudo o que está na enciclopédia. Com isso se alcança a erudição absoluta, sabe-se toda a verdade. Como vimos, isso é pura suposição de saber, uma “suposição – que é preciso rejeitar - de um Ser do Um” (BADIOU, 1996, p. 29).

Badiou resiste à tese do pensamento construtivista:

Um múltiplo que se apresenta a si mesmo na apresentação que ele é, - e esta é a característica maior do ultra-um-eventual - não poderia ser encontrado pela orientação de pensamento construtivista (BADIOU, 1996, p. 230).

O método construtivista, pelo próprio nome, exige necessariamente um esquema passo-a-passo previamente pensado na aquisição do saber. Opera, portanto, sustentado em um fundamento. Como ensinar, por esse método, aquilo que não tem fundamento? Como ensinar “o múltiplo que se apresenta a si mesmo”, isto é, o acontecimento? Badiou afirma categoricamente: “o acontecimento não é um ensinamento” (BADIOU, 2009, p. 22). Como seria possível ensinar o acaso? É justamente por não ser sabido previamente que o acaso está em condições de transmitir algo de novo: uma verdade impossível de dizer. Veremos na sequência quem está em posição de enunciar esse impossível.

Pelo lado da filosofia, contrariamente à pedagogia, não se parte do princípio que a verdade possa ser “ensinada”. A verdade é a razão de ser da filosofia, é um fundamento que deve ser encontrado, e não ensinado. Tradicionalmente, a filosofia utiliza o método dialético para a busca da verdade. Vejamos a posição de Badiou sobre a dialética: “se pretendermos aceder à exposição múltipla do Ser pela via de uma definição, ou pela via dialéctica das delimitações sucessivas, estaremos na verdade originariamente estabelecidos no poder metafísico do Uno” (BADIOU,

1999B, p. 33). A busca da verdade pelo uso da dialética, que faz uso da oposição tese-antítese visando reunir os opostos numa síntese, é um método cognitivo que sofre do mal de operar através de pares de opostos no interior da linguagem, sob o poder do Um. Para Badiou, “a essência do pensamento do múltiplo puro não requer qualquer princípio dialético” (BADIOU, 1999B, p. 38).

Alain Badiou segue Jacques Lacan na sua crítica a essa filosofia que pensa ser possível encontrar a verdade raciocinando sob o poder do Um, no interior da linguagem. Nesse modo de pensar, “a filosofia é prisioneira do par sentido-verdade, é busca infinita de um sentido da verdade” e acrescenta: “com o fim de evitar o drama existencial do sem sentido” (BADIOU, 2013C, p. 69). Trata-se de um modo de filosofar que não suporta a falta de sentido. Qual deve ser o propósito de uma verdadeira filosofia? “Acabar com o sentido é, sem dúvida nenhuma, o desafio mais elevado de qualquer filosofia digna desse nome” (BADIOU, 2013C, p. 64).

Conclusão: tanto a pedagogia com o uso do método construtivista quanto a filosofia com o uso do método dialético, por fazerem uso desses métodos cognitivos, buscam a verdade no interior da linguagem, submetidos ao poder metafísico do Um. Isso mantém o indivíduo na ignorância quanto ao vazio sobre o qual a estrutura se assenta.

Badiou admite a tese lacaniana segundo a qual esses métodos cognitivos não franqueiam um acesso ao real:

A nossa questão é então a seguinte: o que é que, tratando-se do real, se opõe ao conhecimento? Se o real não é isso que é conhecido, qual é o *acesso ao real*, qualquer que ele seja? O que faz com que um pensamento acesse o real? E sob que modo, estando entendido que *esse modo não é certamente cognitivo*? (BADIOU, 2013D, p. 117, [grifo nosso]).

Aí está a questão central da filosofia do acontecimento: aceder ao real sem que seja pelos métodos cognitivos. Esses métodos se sustentam na suposição – falsa – de um Ser do Um, e se limita a operar no interior daquilo que já se sabe.

Não é possível encontrar a verdade no interior da linguagem porque o conceito de verdade, em Badiou, não é adequação ao saber existente. Ao contrário, é uma ruptura com esse saber. Verdade é ruptura com o sentido: “a verdade não pode se conformar com a variabilidade do sentido, à sua pouca fé. Sim, desejamos a ausência do sentido” (BADIOU, 2013C, p. 64). A tese radical sobre a verdade se

sustenta, para Alain Badiou, na matemática: “verdade é separação. Não há verdade senão sob a condição do vazio.” (BADIOU, 1994, p. 60).

Encontrar a verdade é, sob essa ótica, encontrar o vazio sobre o qual se assenta a estrutura.

Agora a questão é: como encontrar essa verdade fora da variabilidade do sentido, fora do saber existente, sem fazer uso de métodos cognitivos? O que é que, para o homem, se “opõe ao conhecimento”? A resposta não deixa dúvida: “não se pode conhecer o real. O acesso ao real é da ordem do ato, mas não do conhecimento” (BADIOU, 1997A, p. 17). O real não é cognoscível, ele se situa fora do alcance cognitivo. E o acesso ao real somente é facultado por um ato.

Ou seja, a verdade é ab-sência de sentido, é ruptura com o sentido, e vai se encontrar do lado do real, fora do saber existente. O acesso a essa verdade do lado do real não se dá através de métodos cognitivos, baseados no conhecimento. Para aceder a esse real é necessário um ato.

E o que é um ato, afinal? Badiou estabelece uma equivalência: “o ato é um acontecimento. E este acontecimento é uma quebra absoluta” (BADIOU, 1999D, p. 79). Então o único acesso ao real, ao que está fora da linguagem enquanto sentido, vai se dar pela via do ato. Mas não é um ato qualquer. Trata-se de um ato que opera “uma quebra absoluta”, um ato que seja equivalente a um acontecimento.

Filósofo do acontecimento, o interesse de Badiou na experiência psicanalítica se situa em torno da concepção do ato analítico. Ele joga a seguinte pergunta: “como se dá, em psicanálise, a passagem do equívoco da linguagem a algo – a fórmula, a formalização?” (BADIOU, 2013C, p. 63).

Vamos deixar essa questão em suspense. Tematizaremos isso na conclusão desse trabalho. Para o entendimento do leitor o que interessa, neste momento, é que a resposta a essa pergunta se situa em torno do ato analítico. Esse ato, desde que seja equivalente a um acontecimento imprevisto, vai permitir passar dos equívocos da linguagem a uma fórmula unívoca, uma verdade.

O debate nesta etapa do nosso percurso gira em torno do método para encontrar a verdade. Para Badiou, esse método não é cognitivo. A sua hipótese é que a verdade advém em um acontecimento imprevisto. Ao fazer equivaler o acontecimento ao ato analítico, parece-nos que Badiou compreende a psicanálise como uma possibilidade

de facultar um encontro com a verdade: “Lacan nos dirá que não se pode buscar a verdade e o ato analítico é tudo, menos uma busca da verdade” (BADIOU, 1997A, p. 15). O ato analítico, do mesmo modo que um acontecimento, não é pensado como uma busca consciente da verdade. Não é um lugar onde se “ensina” a verdade, não se trata de uma busca que obedeça a algum método cognitivo. Ao contrário, o ato analítico é onde o encontro com a verdade é da ordem de um tropeço.

4.3.3 O paradoxo do sujeito

Verdade e totalidade serem incompatíveis é, decerto, o ensinamento decisivo da modernidade. [...] Jacques Lacan exprime essa idéia em seu aforismo famoso: a verdade não se pode dizer ‘por inteiro’, só se pode meio-dizer (BADIOU, 2002, p. 38).

Vamos fazer neste último trecho uma rápida passagem pelo teorema de Gödel como fundamento matemático para uma teoria da verdade. E por extensão, para o que Badiou propõe como “uma nova teoria do sujeito³²”. Veremos na sequência essa teoria paradoxal.

Para Jacques Lacan, “a verdade só se pode meio-dizer”, enquanto para Alain Badiou a verdade é genérica e se enuncia por um axioma e por isso mesmo é “indecidível”. Esse modo que tanto Lacan quanto Badiou utiliza para se expressar sobre a verdade encontra fundamento no matemático Gödel. Badiou enuncia filosoficamente o teorema da incompletude de Gödel do seguinte modo:

Para todo sistema axiomático, há uma infinidade de proposições indecidíveis (BADIOU, 1994, p. 37).

A grande descoberta do matemático Gödel, conhecida como teorema da incompletude, se situa em torno da disputa entre consistência e completude.

Todo sistema, qualquer que seja ele, por mais bem fundamentado axiomaticamente que seja, nunca é suficiente para refutar novos axiomas. Dito de modo mais abrangente: a consistência é inimiga da completude. A proposição também pode ser invertida: a completude não alcança consistência lógica. Lacan afirma isso ao seu

³² *Para uma nova teoria do sujeito* é o título de um livro de Alain Badiou. Nele são publicadas uma compilação das conferências proferidas quando de sua primeira visita ao Brasil, em 1993. A última conferência leva o título que é dado ao livro. Essa conferência é, de fato, uma repetição de um capítulo do livro da *Ética*, cujo título é *A ética das verdades*.

modo próprio: “o simbólico não recobre todo o real”. Trazida para o que nos interessa, isso equivale a dizer: é impossível ao Um ser consistente na sua totalidade. É daí que Badiou pode fazer a afirmação mais geral “o Um não é”. Essa proposição de Badiou é de fato uma consequência do teorema de Gödel.

Então, por mais bem fundamentada axiomaticamente que a enciclopédia do saber possa estar, essa enciclopédia nada pode dizer sobre novos axiomas. Se a verdade for o enunciado axiomático de um acontecimento, com Gödel torna-se possível pensar uma garantia matemática para a verdade. Elaborando sobre a proposição lacaniana da verdade enquanto meio-dizer, MURTA afirma com estilo: “uma verdade é disjunta de todo saber estabelecido sobre a verdade” (MURTA, 2012, p. 42).

É sempre possível um novo axioma que desafia a totalidade do saber consolidado. Um novo axioma que enuncia uma verdade sobre a qual o saber não pode emitir juízos: “não se pode *saber* uma verdade” (BADIOU, 1994, p. 66). Uma verdade não é adequação ao saber enciclopédico. Sobre ela não se pode estabelecer julgamento baseado naquilo que já se sabe. Todo saber estabelecido sobre a verdade ainda vai encontrar uma verdade disjunta dessa totalidade.

Havíamos deixado para comentar a questão dos enunciados não totalizantes de Marx e Paulo, indevidamente apropriados para fins doutrinários. Com Gödel, é possível compreender esses enunciados como novos axiomas que enunciam proposições originárias, insubmissas a qualquer sistema totalizante. A apropriação totalizante desses axiomas teve consequências desastrosas.

Agora, a hipótese de Badiou de que o indivíduo se torna sujeito quando se defronta com o vazio do saber enciclopédico talvez fique mais clara para o leitor. O indivíduo ao se dar conta que o saber enciclopédico não tem consistência e que esse saber é uma mera suposição, ele passa pelo que Badiou denomina “destruição do Um”:

É preciso evitar essa catástrofe da apresentação que seria o encontro de seu próprio vazio, isto é, o advento representativo da inconsistência como tal, ou a destruição do Um (BADIOU, 1996, p. 82).

A “destruição do Um” deve ser evitada porque expõe “a inconsistência como tal”, “o encontro com o próprio vazio”, o vazio que fundamenta a estrutura do saber.

Nesse sentido se compreende a concepção de “sujeito raro” proposta por Alain Badiou. Sujeito raro é aquele que percebe com Gödel a inconsistência da totalidade

do Um. Aquele que “encontra o próprio vazio” e, apoiando-se na inconsistência, está apto a formular um novo ponto de partida para organizar a sua consistência lógica:

O acontecimento é precisamente o que faz advir outra coisa que não a situação e as opiniões instituídas. Seu caráter ontológico fundamental é a capacidade de demarcar o vazio da situação anterior. Nomear o vazio, esse núcleo não simbolizado em torno do qual e organiza a situação, é também nomear o não-sabido (BADIOU, 1995, p. 13).

Vamos fazer um pequeno resumo, reescrevendo parte dessa citação direcionando-a para o que nos interessa. O caráter ontológico fundamental do acontecimento é “trazer à máxima existência esse inexistente” (BADIOU, 2007A, p. 104), esse vazio que vige na situação anterior ao acontecimento. O indivíduo se torna sujeito ao dar conta de nomear o vazio, nomear esse núcleo ainda não simbolizado, em torno do qual vai se organizar uma nova situação. Fazer isso é também nomear o não-sabido. Não sabido sob o ponto de vista de nomear cognitivamente, nomear sabendo. Não se trata de um “decisionismo subjetivo” (GARCIA, 1995, p. 169), onde o sujeito que adveio já era sujeito do seu ato antes do acontecimento. Se fosse assim, o acontecimento não seria ontológico para o sujeito em questão.

A condição para que um acontecimento seja ontológico é que o sujeito invente um novo nome “sem saber” cognitivamente. A isso Badiou dá o nome de paradoxo: “O sujeito é um ponto paradoxal do Ser” (BADIOU, 1997B, p. 31). Nomear sem saber é nomear sem fundamento. Essa é a própria definição do acontecimento enquanto paradoxo.

A nomeação de um acontecimento funda o Dois. Isso foi tema de nossa discussão no acontecimento Cantor:

O nome próprio designa aqui que o sujeito, enquanto configuração situada e local, não é nem a intervenção nem o operador de fidelidade, mas o advento do Dois deles, ou seja, a incorporação do acontecimento à situação no modo de um procedimento genérico (BADIOU, 1996, p. 308).

Do ponto de vista do teorema de Gödel, um novo axioma é um enunciado impossível de ser julgado por qualquer sistema axiomático, por mais bem consistente que esse sistema seja. Isso vai permitir Badiou afirmar que “só há sujeito sob a lei de um impossível de dizer” (BADIOU, 1997B, p. 35). Ora, isso se torna evidente quando se pensa que o sujeito é o que enuncia o axioma do acontecimento.

O sujeito é aquele que torna “o impossível de dizer perfeitamente dizível” (BADIOU, 1997B, p. 32). Isto é, o sujeito é aquele que faz a passagem do impossível de dizer ao possível de ser dito. Não é possível aceder ao impossível sem o conceito de um sujeito que se autofunda a partir de um acontecimento: “temos necessidade do sujeito para compreender o surgimento do impossível”. O termo “compreender” aí talvez esteja mal empregado. Talvez o melhor fosse “admitir o surgimento do impossível”. Uma nova teoria do sujeito seria, então, uma teoria do surgimento do impossível.

Uma teoria do acontecimento, então, é possível sob o teorema de Gödel. É quando um indecidível vem à existência. Se a verdade que o sujeito enuncia é fora do saber, se ele pronuncia um novo axioma, então, sob o ponto de vista do teorema de Gödel, ele está enunciando o impossível: “uma teoria do sujeito, se quiser ser consistente, deve ser uma teoria do surgimento do impossível” (BADIOU, 1997B, p. 33). Badiou tira essas consequências do teorema de Gödel.

Vamos tomar a citação em que Badiou se refere ao “grande matemático”, no caso aqui Galois: “um grande matemático nada mais é que um interveniente nas cercanias de um sítio da situação matemática que devasta, para risco do Um, a precária convocação do seu vazio” (BADIOU, 1996, p. 194). A invenção de um novo axioma pode ter uma função devastadora: faz vir à tona o vazio que vigora no interior do Um. Essa devastação é o advento daquilo que é impossível de ser julgado do ponto de vista do Um. Nesse sentido, o advento do vazio é a destruição do Um

Para quem não é grande matemático, para o homem comum que sofre buscando infinitamente a sua verdade na enciclopédia do saber, sem jamais encontrá-la, Freud cuidou de fundar a psicanálise. E Freud considerou psicanalisar como uma atividade da ordem do impossível. Se o ato analítico for de fato um acontecimento imprevisto, então ele franqueia o acesso a esse impossível de dizer. Ele permite aceder a um lugar vazio de saber, de onde advirá um novo fundamento, uma nova verdade. A partir daí, “o sujeito deve de algum modo continuar com suas próprias forças, não estando mais protegido pelas ambiguidades da ficção representativa” (BADIOU, 1995, p. 67). Então, se Freud antecipou a psicanálise como da ordem do impossível, é porque Freud de certo modo sabia que nela se realiza uma experiência do real. Veremos na segunda parte da Conclusão, que vem logo a seguir, que essa

experiência do real na clínica psicanalítica é possível a partir da teoria do ato analítico.

5 CONCLUSÃO

Nesta conclusão iremos balizar o nosso desenvolvimento em torno de duas questões.

A primeira questão trata de acompanhar Alain Badiou na sua argumentação sobre o lugar de origem do pensamento. Badiou vai pensar esse lugar de origem junto com Lacan quando este faz a proposição de um retorno a Descartes. Para Lacan, Descartes “não desconhece” que esse lugar se situa fora do Cogito. Sendo fora do Cogito, o que está em jogo é a tese de um sujeito descentrado. É então possível com a psicanálise dar continuidade ao conceito filosófico de sujeito, agora não mais um “sujeito centrado e reflexivo” (BADIOU, 1996, p. 12), mas um sujeito enquanto descentrado. Para Badiou, esse sujeito descentrado é aquele que enuncia o axioma de um acontecimento.

A segunda questão busca traçar analogias entre a operação cartesiana e a operação analítica. A impressão que fica é que nessas operações está presente o conceito de subtrativo³³. Essas duas operações navegam em sentido contrário à construção do sentido. Elas visam a redução de sentido fazendo uso da matemática. A operação subtrativa permitirá isolar o axioma do sujeito, a sua fórmula. Parece-nos que em Descartes lido pelo Lacan Badiou vai encontrar o fundamento para a sua proposição fundamental que compreende a verdade como uma fórmula axiomática do sujeito³⁴.

5.1 O LUGAR DE ORIGEM DO PENSAMENTO

Passando rapidamente pelo que se infere de comum a Lacan, a Descartes e ao que proponho aqui, e que diz respeito, em última análise, ao estatuto da verdade como furo genérico no saber, direi que o debate gira em torno da localização do vazio (BADIOU, 1996, p. 336).

³³ O termo subtrativo é encontrado com frequência na obra de Badiou em expressões como metafísica subtrativa, ontologia subtrativa, operação subtrativa. No seminário sobre Lacan encontramos o seguinte comentário, em que Badiou faz uma referência a si mesmo: “uma operação subtrativa é aquela em que todo o Ser é retirado do sentido a fim de pensar o sentido no registro estrito do puro efeito. É desse modo que se dirá que Badiou tramou a sua ontologia” (BADIOU, 2013...).

³⁴ *Teoria axiomática do sujeito* é o título dado por Alain Badiou ao seminário do ano 1996-1997.

Essa citação afirma que Alain Badiou pretende “propor aqui”, ao final da sua obra máxima, “um debate” com Descartes e Lacan “em torno da localização do vazio”. Com esse gesto Badiou se coloca na descendência desses dois pensadores. De fato, não somente de Descartes e Lacan, mas também de Freud, como veremos na sequência. “[Freud e Lacan] terão, à sua maneira, prosseguido a ‘meditação cartesiana’” (BADIOU, 1991, p. 45). Badiou traz várias proposições de Freud e Lacan para o interior da filosofia. Especificamente sobre o sujeito, ele afirma: “Freud e Lacan tiveram o grande mérito de refundir a categoria de sujeito” (BADIOU, 1991, p. 45).

Alain Badiou considera que “a filosofia deixou inacabada a ‘meditação cartesiana’. [... Talvez] a tarefa seja a de *retomar* o fio da razão moderna, de dar *um passo a mais* na filiação da ‘meditação cartesiana’” (BADIOU, 1991, p. 37 e 43). As trinta e sete meditações do livro *O Ser e o acontecimento* parecem ser uma pretensão de Badiou continuar Descartes. Agora esclarecendo-nos: com Freud e Lacan. O título da última meditação, *Descartes/Lacan*, e o tema ali contido, é uma testemunha disso.

Badiou começa essa meditação com a seguinte epígrafe, um pequeno recorte onde Lacan faz uma referência a Descartes. Vejamos essa citação para nós fundamental:

[o Cogito], como momento, é o desfiladeiro de uma recusa de todo saber, mas por isso pretende fundar para o sujeito uma certa amarração no Ser (BADIOU, 1996, p. 336).

Sabe-se que uma epígrafe fornece a orientação para onde caminhará um texto. Será que não poderíamos tomar essa epígrafe como orientando o pensamento filosófico de Alain Badiou? É fácil perceber que nela está presente de modo bastante condensado o núcleo de seu pensamento:

- “O Cogito como momento de uma recusa de todo saber”. Badiou concebe o acontecimento como destruição do saber fazendo vir à tona o vazio que o fundamenta. É o encontro com o real, a pura inconsistência. Estamos aqui do lado do *il y a*, um lugar vazio, da ausência de todo e qualquer recurso da língua;

- O Cogito é um novo significante que “funda para o sujeito uma certa amarração no Ser”. A recusa do saber conduz a inventar um nome próprio, o Cogito. Trata-se de um novo axioma, sobre o qual o saber não pode emitir nenhum julgamento. Estamos agora do lado do *de l’un*, um novo múltiplo da língua.

O que interessa a Badiou em Lacan, muito mais do que a sua conhecida proposição de um “retorno a Freud”, é a sua menos conhecida proposição de um “retorno a Descartes”. Badiou cita uma recomendação: “Lacan lançou, desde o começo de sua obra essencial [em 1946], uma palavra de ordem de um ‘retorno a Descartes’³⁵” (BADIOU, 1991, p. 45). Badiou vai ler nessa recomendação o fundamento para continuar a pensar o conceito de sujeito.

Badiou começa pelo conhecido aforisma lacaniano, “o sujeito da psicanálise não é outro senão o sujeito da ciência” (BADIOU, 1996, p. 336). Esse aforisma propõe uma identidade entre o sujeito pensado por Descartes e o sujeito de que trata a psicanálise. Identidade no sentido de que o sujeito da psicanálise é aquele que continua a buscar, na continuação de Descartes, “o sujeito em seu lugar”. “Essa identidade” entre esses dois sujeitos “só é apreensível se tentarmos pensar o sujeito *em seu lugar*” (BADIOU, 1996, p. 336). Esse grifo é de autoria de Badiou. Aí está porque não é supérfluo um retorno a Descartes: trata-se de pensar “o sujeito *em seu lugar*”, ou seja, o *lugar* de origem do sujeito.

A intenção de Descartes é encontrar um ponto fixo que opere como ponto de sustentação do pensamento. Então, como enuncia Lacan, o sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência são idênticos quando se considera que nesses dois sujeitos a questão diz respeito à pergunta: a partir de que lugar o sujeito pensa?

Que lugar é esse para Descartes? Badiou lembra que o Cogito é tradicionalmente lido como uma tentativa de encontrar a “certeza consciente de existência” (BADIOU, 1996, p. 336). Essa certeza seria o ponto fixo a partir de onde o pensamento, “recusando todo saber” se enuncia de modo originário. Assim pensado como um “sujeito fundador, centrado e reflexivo” (BADIOU, 1996, p. 12), o sujeito pós-

³⁵ A expressão “um retorno a Descartes não seria inútil” foi enunciada por Lacan em 1946, e encontra-se no artigo *Formulações sobre a causalidade psíquica* (LACAN, 1998, p. 163).

freudiano encontra-se em franca decadência, uma vez que “o sujeito contemporâneo é vazio, clivado (BADIOU, 1996, p. 12).

Lacan compreende que é possível ler Descartes de outro modo e não somente como aquele que enuncia um sujeito centrado e reflexivo. E Badiou aproveita o comentário de Lacan, afirmando: “o que torna o Cogito irrefutável” é o fato de que nele “insiste o *onde*” do pensamento: “o ponto do sujeito é *ali* onde se pensa que pensando ele deve ser, ele é” (BADIOU, 1996, p. 336). Lembramos ao leitor que esses grifos são do próprio Badiou.

Se o Cogito já buscava o “onde” se inicia o pensamento, então o Cogito não pode ser refutado. Por essa via, é possível resgatar o sujeito pensado por Descartes. A intenção de Badiou é, com Lacan, “salvar” o Cogito. E com ele salvar o conceito filosófico de sujeito iniciado em Descartes. Ou seja, “o que torna o Cogito irrefutável” e faz preservar o conceito cartesiano de sujeito, é porque nele incide a pergunta sobre o lugar de proveniência do pensamento.

Muito posterior a Descartes, a questão do lugar de origem do pensamento é retomada por Freud: “Freud só é inteligível na descendência do gesto cartesiano” (BADIOU, 1996, p. 336). Então só é possível compreender Freud considerando Freud como descendente do filósofo Descartes.

Descartes já havia apontado um sujeito descentrado, e Freud continua Descartes indo à procura desse lugar – e vai apontar: é no inconsciente: “o inconsciente designa que *isso pensa* ali onde não sou, mas onde devo advir” (BADIOU, 1996, p. 336, [grifo nosso]). Ressaltamos o *isso pensa*, porque Badiou fará uma questão sobre o pensamento do *isso*. Comentaremos logo a seguir.

Somente assim Freud torna-se inteligível – diga-se, do ponto de vista do filósofo Badiou que pensa Freud continuando a filosofia de Descartes. Isto é, Freud seria ininteligível de outro modo. Ele só é inteligível quando se considera o sujeito freudiano como “idêntico” ao sujeito cartesiano. Em que sentido? No sentido de que nesses dois sujeitos se conceitua o pensamento como tendo origem em outro lugar, que não nele mesmo.

Alain Badiou “escuta” um alerta proveniente de Lacan:

Como Lacan indica, Descartes “não desconhece” que a certeza consciente da existência, é, na morada do Cogito, não imanente, mas transcendente (BADIOU, 1996, p. 336).

Se a tradição filosófica leu Descartes unicamente como um “sujeito fundador, centrado e reflexivo” (BADIOU, 1996, p. 12), o que Badiou quer chamar a atenção aqui é para que escutem o alerta lançado pelo Lacan. O próprio Lacan aponta que, muito antes de Freud, o próprio Descartes já “não desconhecia” que essa “certeza consciente de existência” não é imanente ao sujeito, não se situa no seu centro, mas é transcendente ao sujeito.

Descartes teve a Ideia originária, ele “não desconhecia” que o sujeito não se localiza “na pura coincidência com ele mesmo” (BADIOU, 1996, p. 336), que o sujeito é descentrado. E Freud deu continuidade a essa Ideia. O fundamento do sujeito não lhe é apreensível de modo reflexivo. Ou seja, tanto quanto em Freud, em Descartes também “o sujeito se encontra excentrado do lugar de transparência de onde ele se enuncia ser” (BADIOU, 1996, p. 336).

Badiou assinala que Lacan, com o fim de enfatizara questão do lugar, reformula o “isso pensa” freudiano com enunciados que desconcertam o leitor: “Lacan abre para as chicanas do lugar, pelos enunciados desconcertantes onde ele supõe que ‘não sou, ali onde sou o brinquedo de meu pensamento; penso no que sou, ali onde não posso pensar’” (BADIOU, 1996, p. 336).

Com esses enunciados aparentemente mirabolantes, o objetivo de Lacan é provocar o leitor. Ele mistura o “isso pensa” de Freud com o “penso logo sou” de Descartes como recurso de estilo para apontar uma identidade: entre o sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência. Embaralhando propositadamente enunciados freudianos com enunciados cartesianos Lacan produz enunciados “desconcertantes” cujo intuito é incitar o leitor a pensar o descentramento do sujeito em relação ao lugar de onde se enuncia o seu pensamento.

Badiou toma a proposição lacaniana “o inconsciente é um saber que não se sabe” e a retranscreve segundo os seus próprios interesses: “o que não é sabido conscientemente é sabido de outra forma” (BADIOU, 1994, p. 62). Qual é essa outra forma de saber, exterior ao que é sabido? O que é esse saber fora da consciência, um saber não sabido conscientemente? Freud dirá: esse saber situa-se no inconsciente. A filosofia contrapõe: o Ser pensa.

Badiou ressalta esse “ponto de conflito capital” (BADIOU, 1994, p. 61) entre psicanálise e filosofia e coloca esse conflito sob o modo de uma interrogação: “que o isso pense, é verdadeiramente diferente da idéia filosófica de que o Ser pensa?” (BADIOU, 1994, p. 62). Aí está o interesse de Badiou: trazer o enunciado psicanalítico “isso pensa” para o lado do enunciado filosófico “o Ser pensa”. E afirma: “Freud e Lacan são na realidade filósofos” (BADIOU, 1991, p. 45).

Alain Badiou dá continuidade à tese filosófica segundo a qual “o Ser pensa”. E defende a idéia de que esse pensamento do Ser advém como axioma de um acontecimento. Já passamos por isso: o pensamento axiomático é o “o pensamento que não define o que pensa” (BADIOU, 1999B, p. 33). O pensamento axiomático é o pensamento que irrompe em um acontecimento portando um saber não sabido.

Esse pensamento que não se sabe é, segundo Badiou, o Número: “o número é uma forma de Ser” (NUMBERS, p. 25). Ferrenho defensor da filosofia, Alain Badiou afirma com convicção: “longe de ser subentendido pela função do sujeito, é ao contrário baseado no Número, e especificamente do primeiro Ser-número que é o void (ou zero), que a função do sujeito recebe a sua pequena porção de Ser” (NUMBERS, p. 25).

Badiou propõe então uma retificação no enunciado psicanalítico “o isso pensa” direcionando-o para “o Ser pensa”. O pensamento não advém do isso no interior do sujeito. Pensamento é Ser. O sujeito é o que recebe apenas uma “pequena porção de Ser” quando enuncia *il y a de l'un*.

Esse pensamento se instala de súbito no sujeito sob a forma de um axioma. Será que o leitor se recorda que já tematizamos esse súbito? Vamos lembrá-lo. Aqui o texto é de Alain Badiou:

A inauguração do processo de uma verdade é exatamente o que Lacan chama um “encontro”, o *exaiphnes* o súbito. E o que eu nomeio “acontecimento” (BADIOU, 1992, p. 271).

E não custa também lembrar o leitor de onde Alain Badiou retirou essa idéia. Agora, o texto é do Seminário 19, de Jacques Lacan. Agora estamos em 1972:

O Um, *de onde ele surge?* De um ponto em que Platão consegue circunscrevê-lo [...] ele o chama de *to esaiphnes*. Traduzam isto como quiserem, o de repente, o instante, o súbito. Na verdade, esse é o único ponto em que ele pode fazê-lo subsistir (LACAN, 2011, p. 131).

Aí está Lacan pensando a origem do Um, e por consequência a origem do pensamento, a partir da filosofia de Platão. Podemos então interpretar a proposição de Badiou “eu chamo filósofo contemporâneo àquele que tem o valor de atravessar sem vacilar a antifilosofia de Lacan” (BADIOU, 1992, p. 169) como querendo dizer: contemporaneamente se configura com toda a evidência a tese de um sujeito descentrado. Quem dá fundamento a essa evidência é, de um lado a psicanálise, e de outro lado o pensamento axiomático.

Veremos na sequência que esses dois pensamentos têm uma “borda comum”. Essa borda comum é “o ideal de matema”. A questão passará a ser: como fazer uso desse ideal matemático para isolar a fórmula do sujeito, o seu enunciado axiomático?

Já apontamos antes a solução: trata-se do ato analítico. Numa psicanálise, o sujeito é escutado com o objetivo de que venha a ultrapassar os equívocos da linguagem, até deparar-se com o real enquanto a ausência de relação.

5.2 O REAL COMO O LUGAR DA NÃO-RELAÇÃO: O MÉTODO SUBTRATIVO

A guarda da univocidade só pode ser confiada à literalidade matemática, paradigma de toda penetração da verdade na mediocridade do sentido (BADIOU, 2013C, p. 62).

Para Alain Badiou “psicanálise e filosofia têm uma *borda comum*, que é o ideal de matema” (BADIOU, 1994, p. 63). Por que o “ideal de matema” situa-se na borda comum entre esses dois campos distintos de investigação? Porque, conforme a citação, ambos se servem do paradigma matemático para forçar a verdade contra a mediocridade do sentido.

Neste último trecho de nossa pesquisa, pretendemos retomar a pergunta de Lacan “o Um, de onde ele surge?” (LACAN, 2011, p. 131). Agora, Lacan oferece a resposta com a invenção do matema³⁶. A resposta parece-nos ser: esse Um é uma fórmula que pode ser isolada em uma psicanálise quando se produz o enunciado “há Um”. A

³⁶ “Termo criado por Jacques Lacan, em 1971, para designar uma escrita algébrica capaz de expor cientificamente os conceitos da psicanálise, e que permite transmiti-los em termos estruturais, como se tratasse da própria linguagem da psicose” (ROUDINESCO, 1998, p. 502)

propósito da obtenção de uma fórmula no processo psicanalítico Badiou lança a seguinte interrogação: “como se dá, em psicanálise, a passagem do equívoco da linguagem a algo – a fórmula, a formalização?” (BADIOU, 1994, p. 63).

Na nossa interpretação, no retorno a Descartes proposto por Lacan é possível ler algo mais do que somente a possibilidade de já haver sido pensado um sujeito descentrado. A impressão que temos é que Lacan vai ler em Descartes, na “recusa de todo o saber”, um modo de isolar uma fórmula. Como afirma Jacques Lacan, “o Cogito é um ponto de amarração no Ser”. Não seria essa formulação o que mais chama a atenção de Badiou em Lacan? A teoria lacaniana do ato analítico seria um uso da matemática visando encontrar para um sujeito a sua fórmula. Uma fórmula por meio da qual o sujeito vai encontrar o seu ponto de amarração no Ser.

A argumentação que vem a seguir busca convencer o leitor dessa nossa hipótese.

Badiou comenta o ato analítico e o uso do matema no artigo “Fórmulas do aturdido”. Esse artigo debate a proposição de Lacan “não há relação sexual”. Ele foi publicado na França em 2010, e é, de fato, uma síntese bastante condensada do seminário que Alain Badiou deu sobre Jacques Lacan, em 1994-1995, portanto 15 anos antes.

Foi tematizado na seção 3.3, *Verdade e sujeito*, que o indivíduo *se torna* sujeito quando algo extraordinário acontece levando-o a colocar em dúvida o saber. Esse é o princípio da operação cartesiana: a dúvida metódica. Citaremos apenas um pequeno recorte de Descartes, que se encontra no início das meditações metafísicas, com o intuito de ilustrar a nossa pretensão:

Há já algum tempo eu me apercebi de que desde meus primeiros anos recebera muitas *falsas opiniões como verdadeiras*, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma em minha vida desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os *fundamentos*, se quisesse *estabelecer algo de firme e de constante* nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que *doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta agir* (DESCARTES, 1973, p. 93).

Essa citação traz à mente algumas passagens que atravessamos ao longo do nosso trabalho. Tudo se inicia por um acontecimento destituído do saber.

- Há um acontecimento, marcado pela chegada de uma idade inadiável: “uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela”;
- O acontecimento exige uma decisão, pois o tempo é curto: “doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta agir”;
- O acontecimento marca a “destruição do Um”: “desde meus primeiros anos recebera falsas opiniões como verdadeiras”;
- O texto menciona a busca de um ponto fixo, um novo começo: “começar tudo novamente desde os *fundamentos*”, ou seja, de um lugar vazio de saber;
- Nesse ponto fixo Descartes vai se amarrar um novo nome, uma fórmula, um nome próprio - o Cogito: um nome e um operador. Que marcará, em Descartes, o início de um procedimento de verdade.

Vamos comparar esse recorte do texto de Descartes com que é entendido como um acontecimento:

O acontecimento é precisamente o que faz advir outra coisa que não a situação e as opiniões instituídas. Seu caráter ontológico fundamental é a capacidade de demarcar o vazio da situação anterior. Nomear o vazio, esse núcleo não simbolizado em torno do qual e organiza a situação, é também nomear o não-sabido (BADIOU, 1995, p. 13).

Se o acontecimento for mesmo essa operação que conduz a “nomear o vazio”, a “nomear o não-sabido”, então sob a ótica do acontecimento algo aconteceu com Descartes que o colocou a pensar e a inventar um nome: “eu sou uma coisa pensante” (BADIOU, 1997A, p. 34). Eu sou uma coisa. Uma coisa com a propriedade do pensamento. O nome dessa coisa é: Cogito. Descartes, por si mesmo, isolou a sua “fórmula”. E ele expôs também um método operatório.

Vamos lembrar a teoria do nome próprio em Alain Badiou: “o nome próprio contém, ao mesmo tempo, um nome e um operador de conexão fiel” (BADIOU, 1996, p. 309). O Cogito será o novo nome próprio a partir do qual Descartes se tornará conhecido.

Sobre a posição subjetiva de Descartes, sem buscar fundamentar nossos argumentos na literatura, diremos apenas brevemente que é possível considerá-la

sob duas vertentes. A primeira seria que é apenas um artifício expositivo de Descartes ter recorrido a um depoimento de cunho pessoal. Nada além de um recurso de teatro, com o objetivo de alcançar um efeito de convencimento sobre o leitor. A segunda argumenta que se trata de um acontecimento em Descartes. Algo aconteceu em sua vida para ele se utilizar de uma linguagem tão subjetiva, não se reduzindo, portanto, a ser apenas um recurso de estilo. O próprio Descartes compareceu como sujeito.

Logo nas primeiras páginas do seu artigo “Fórmulas do aturdito”, Alain Badiou coloca três questões que direcionam a sua exposição.

A primeira questão é onde Badiou relaciona as “fórmulas da sexuação” de Lacan e o dizer “encontrei o lugar e a fórmula” de Rimbaud. E logo a seguir questiona: “como uma fórmula pode estar ao mesmo tempo no registro do matema e no da existência de um sujeito?” (BADIOU, 2013C, p. 61). A questão aqui incide sobre o termo fórmula. Ou seja, como pode uma fórmula matemática estar no fundamento da existência do Sujeito?

A segunda questão incide diretamente sobre a operação analítica: “como se dá, em psicanálise, a passagem do equívoco da linguagem a algo – a fórmula, a formalização?” (BADIOU, 2013C, p. 63). A questão que intriga Badiou é: “Como se dá”, isto é, como opera o tratamento analítico de tal modo que ali se isole uma fórmula do sujeito?

A terceira questão tem como foco os equívocos da linguagem em sua relação com o vazio: “o que é esse furo na linguagem equívoca que faz vir à tona o vazio da univocidade?” (BADIOU, 2013C, p. 63). Que furo é esse? Ele já foi objeto de tematização: trata-se do furo no saber. Isto é, a suposição equivocada de que no Um enciclopédico esteja situada a verdade do sujeito. Nós sabemos que essa verdade enquanto saber enciclopédico não é a verdade do sujeito tal como pensa Badiou, mas a verdade do indivíduo repetidor de saber.

Vimos que os métodos cognitivos se baseiam nessa hipótese. No que diz respeito ao sujeito, essa suposição é furada. A estrutura é sustentada no vazio. O sujeito é o que faz vir à tona esse “vazio unívoco” sobre o qual se assenta a estrutura. O que abre esse furo na linguagem equívoca é a verdade: “a verdade faz furo no saber” (BADIOU, 1991, p. 44).

Vamos reescrever essas três questões no modo afirmativo:

- Há uma fórmula matemática que se situa como fundamento da existência do Sujeito;
- Essa fórmula pode ser isolada pelo ato analítico, um acontecimento;
- Ela é garantida a partir de um vazio unívoco, um furo que existe no interior da linguagem equívoca.

Vamos retomar a citação de Descartes direcionando-a para os nossos interesses. O ser humano ao se inserir na cultura vai adquirindo conhecimentos advindos da tradição na suposição de que a verdade se encontra no saber enciclopédico. Com isso ele ornamenta o seu discurso com um excesso de predicados. Como em Descartes, ele também tomou “muitas *falsas opiniões como verdadeiras*”. Pode ser então que, chegando a “uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela”, venha a se dar conta de que ele fundou a sua verdade em “princípios tão mal assegurados” que se torna “necessário tentar seriamente, uma vez na sua vida”, despir-se desse saber enciclopédico, com o intuito de “começar tudo novamente desde os *fundamentos*”.

“Começar tudo novamente desde os *fundamentos*” é a frase chave para o fundamento de um sujeito. Não somente cartesiano, mas também lacaniano. A semelhança aqui é surpreendente:

- Na concepção de Jacques Lacan, esse fundamento do sujeito será uma fórmula isolada no ato analítico;
- Na concepção de Alain Badiou, esse fundamento é o axioma pelo qual o indivíduo advém sujeito ao declarar um acontecimento.

Tanto Descartes com o Cogito quanto São Paulo com a Ressurreição foram sujeitos que agiram por si mesmos na busca de um novo fundamento. Mas isso nem sempre acontece com o homem comum. Educado pelos métodos tradicionais de transmissão de conhecimento, ele encontra-se perdido entre os equívocos do significante acreditando que a sua verdade se encontra na enciclopédia.

Badiou afirma “a psicanálise em geral e Lacan em particular brinca com os equívocos do significante” (BADIOU, 2013C, p. 61). Badiou entende que no método analítico a ideia é brincar com os equívocos da linguagem, usando esses equívocos

como ferramenta de trabalho. A ideia é ir depurando esses equívocos, visando um núcleo central inequívoco.

Vamos retomar a citação que consideramos, nesse contexto, a mais fundamental:

[o Cogito], como momento, é o desfiladeiro de uma recusa de todo saber, mas por isso pretende fundar para o sujeito uma certa amarração no Ser (BADIOU, 1996, p. 336).

Esse pequeno recorte que se encontra no artigo “A ciência e a verdade”, de 1966, é, em nossa leitura, um prenúncio do que, em 1973, Lacan elaborará como um modo operatório para a obtenção de uma “formalização correta”. Esse modo operatório se baseia na teoria do ato analítico agora com o conceito de matema.

Essa fórmula será o nome que se amarrará ao “resíduo vazio” (*déchet vide*) (BADIOU, 1996, p. 336), o dejetivo vazio, obtido após a “recusa de todo saber”. Badiou dirá: “um dejetivo do discurso”. Veremos isso logo a seguir. A operação de redução é “uma recusa de todo saber”, e o resultado dessa recusa revela que a certeza de todo sujeito é, na verdade, um “dejetivo vazio”. Não existe nada a garantir a sua certeza, a não ser esse dejetivo. A partir desse dejetivo será possível, como diz Descartes, “começar tudo novamente desde os *fundamentos*”. É o advento do nome do novo sujeito. Em Descartes, aquele do Cogito.

Em *Fórmulas do aturdo* Badiou, lendo Lacan, toma a proposição “não há relação sexual” e compreende o sexo do seguinte modo: “o sexo propõe, se me permitem dizer, ‘a nu’, o real como impossível próprio: a impossibilidade da relação” (BADIOU, 2013C, p. 67). Então, o sexo propõe o real como impossibilidade de relação. A não relação sexual é interpretada por Badiou como impossibilidade de relação, como ausência de relação.

Como Alain Badiou compreende a operação analítica? “Supõe-se que a experiência analítica abre um espaço entre sentido e sem sentido, necessário para que possa se cristalizar o ato analítico” (BADIOU, 2013C, p. 70). Então, essa operação avança entre o sentido e os equívocos do sentido até que se precipite no vazio de sentido, o que possibilitará o ato.

É uma operação que faz vacilar as predicções de sentido que povoam os termos da língua organizando o saber. O que é obtido após essa operação? “o real do ‘não há’, o real como impossibilidade de relação, o ser puro como multiplicidade

desligada. Ou o vazio” (BADIOU, 2013C, p. 71). Então, a operação de redução de sentido conduz ao real como impossibilidade de relação. O objetivo, então, é a multiplicidade pura, os termos desligados, a ausência de sentido.

Vejamos como Alain Badiou acolhe as proposições da antifilosofia: “a antifilosofia lança à filosofia o singular desafio de um novo objeto que ela ‘esqueceu’ de examinar” (BADIOU, 2013C, p. 64). No contexto do nosso estudo, esse objeto é a não-relação: “a filosofia carece do princípio da não-relação” (BADIOU, 2013C, p. 69). Com isso, a filosofia permanece com a crença na existência da relação. Nesse sentido, a filosofia insiste acreditando no poder do Um como doador de sentido. Isso já foi tematizado anteriormente: pensar desse modo torna impossível a trajetória da filosofia. A tarefa de uma verdadeira filosofia, em Badiou, é acabar com o sentido.

Porém, a psicanálise não carece desse princípio. E é exatamente aí que reside o interesse da psicanálise: na não relação. Seguindo Descartes na redução do Cogito, a psicanálise pensa o princípio da não relação. O pensamento que opera no nível da não relação, no nível do múltiplo inconsistente onde impera a verdade é o pensamento matemático: “a matemática é para Lacan uma figura do que se pode chamar o osso da verdade” (BADIOU, 2013D, p. 76). A verdade matemática tem no seu centro um osso duro de roer que aponta diretamente para a mediocridade do sentido.

Se o interesse é investigar a verdade no seu osso, a ferramenta é a matemática. Daí o interesse de Lacan pelo recurso ao matema como ferramenta para situar o ponto de não relação, o osso da verdade. Então, a borda comum entre filosofia e psicanálise é o uso da matemática para alcançar a verdade no seu osso. Nesse ponto, a ontologia matemática de Alain Badiou é radical: “o radicalismo da ontologia [é o] que suprime a relação em proveito do puro múltiplo” (BADIOU, 1996, p. 233). A ruptura com o sentido para isolar os termos na sua multiplicidade pura.

O “princípio da não relação”, que estaria faltando à filosofia, é o princípio matemático. Nesse ponto, talvez se possa dizer que Lacan, seguindo Descartes, foi mais esperto que o filósofo contemporâneo no seu interesse pelo encontro com a verdade. Poderíamos nos arriscar e afirmar: foi lendo Descartes que Lacan se deu conta do princípio da não relação. Nisso, Lacan se antecipou ao filósofo contemporâneo. De um jeito ou de outro, Lacan toma o matema como princípio operatório na psicanálise para alcançar o “osso da verdade”. A operação analítica

visa, em última instância, a não relação. Que significa ausência de relação: “não há relação sexual”.

Vamos retomar a interrogação de Alain Badiou sobre a operação analítica: “como se dá, em psicanálise, a passagem do equívoco da linguagem a algo – a fórmula, a formalização?” (BADIOU, 2013C, p. 63). Ele coloca uma pergunta para a qual tem a resposta: “ainda que o trajeto da análise seja o reino do equívoco, a meta última é, como sabemos, uma formalização correta, na qual o equívoco já não deixa nenhum rastro” (BADIOU, 2013C, p. 62).

Então, ainda que navegue no interior da equivocidade, a análise “brinca com os equívocos do significante” (BADIOU, 2013C, p. 61) e por meio desse recurso ressalta os equívocos do sentido com o intuito de isolar uma fórmula. Como enuncia Rimbaud demonstrando certa satisfação: “encontrei o lugar e a fórmula”, no sentido de “encontrei a formalização correta”.

Nesse trajeto no reino do equívoco para obter a fórmula, qual é a função do ato analítico? “O ato analítico, que é enunciativo, não é uma produção do discurso. Ele é, até mesmo, num certo sentido, um dejetivo do discurso” (BADIOU, 1997A, p. 15). Ora, se o ato analítico fosse uma “produção do discurso”, ele estaria do lado do saber fazer. Nesse caso, o ato analítico estaria sob o poder do Um, e o psicanalista estaria confortável na posição de mestre. Mas o próprio analista será igualado a um dejetivo, que visa que numa análise se isole o “dejetivo do discurso”.

O ato analítico visa a verdade de uma formalização correta, mas não é uma busca consciente dessa verdade. “Lacan nos dirá que não se pode buscar a verdade e o ato analítico é tudo, menos uma busca da verdade” (BADIOU, 1997A, p. 15). Claro que se o ato fosse uma busca consciente da verdade haveria um “decisionismo subjetivo” (GARCIA, 1995, p. 169), haveria um saber prévio da verdade. Mas, da verdade, não há saber: “não há saber da verdade” (BADIOU, 2013C, p. 74). Então, a verdade só pode ser encontrada por meio de um tropeço.

Sendo o ato analítico um “um dejetivo do discurso” que busca às cegas uma verdade da qual nada se sabe, então o ato analítico é alguma coisa da ordem do horror. Badiou encontra isso formulado pelo Lacan, o teórico do ato: “em janeiro de 1980, numa de suas últimas declarações, Lacan escreve: ‘o psicanalista tem horror ao seu ato’” (BADIOU, 1997A, p. 15).

E não poderia mesmo ser diferente. Esse é o grande problema de uma psicanálise: o encontro com o horror do ato. Enquanto opera no interior da linguagem, enquanto brinca com os equívocos do sentido, a operação analítica é confortável. O desconforto é enfrentar o horror do ato: “o problema do ato analítico é o de ser capaz de enfrentá-lo, de suportar o seu horror” (BADIOU, 1997A, p. 15).

O horror do ato se deve a que ele não é fundado no saber. Dele, o psicanalista nada sabe. O próprio psicanalista cai, diante do ato, para a condição de dejetivo. “Esse ato do qual, sabemos, o psicanalista não será mais que dejetivo” (BADIOU, 2013C, p. 81).

Badiou faz, no entanto, uma ressalva: “a tese de Lacan não é uma tese absurdista. Não é uma declaração do sem sentido do real” (BADIOU, 2013C, p. 66). Estamos aqui diante de um paradoxo: o ato analítico é um “dejetivo do discurso”, mas esse dejetivo não é um sem sentido. É um dejetivo relativo ao discurso dominante, um dejetivo sob o ponto de vista de uma adequação aos costumes: “a testemunha exterior, o homem do saber, declara necessariamente que esses enunciados são desprovidos de sentido” (BADIOU, 1996, p. 313). Mas não é um dejetivo relativo ao que o sujeito inventou no seu enfrentamento com o real.

Badiou vai encontrar no *Seminário 20: Mais ainda* uma proposição de Lacan sobre o dizer no ato. Nesse momento, Badiou copia Lacan: “o ato é quando surge um dizer que não vai sempre até poder ex-sistir ao dito” (BADIOU, 1997A, p. 08). No ato analítico, o dizer não ex-siste ao dito. O dizer insiste a partir do interior do dito, não se descolando do dito.

Por exemplo, a hipótese de que em São Paulo “a ressurreição é um acontecimento” permite afirmar que a conversão paulina é o instante súbito em que Saulo ressurgiu como Paulo. A ressurreição é a palavra chave, a fórmula, sobre a qual toda a argumentação de Paulo se ergueu.

Esclarecendo um pouco melhor: “o ato é da ordem do dizer, mas o que é dito nesse dizer não se deixa isolar ou separar” (BADIOU, 1997A, p. 08). Frente a frente com o real, há um enunciado. Mas não é um enunciado sem conteúdo, não é um dejetivo absurdista sem nenhum sentido. É um “dejetivo do discurso” sob a ótica de quem? Do poder normativo do Um. Sob a ótica do sujeito, é o se axioma, a sua fórmula: é um enunciado que porta uma enunciação.

A formulação mais elucidativa desse enigma talvez seja essa: “o que é dito não faz senão insistir no dizer” (BADIOU, 1997A, p. 08). Insiste, no interior do dizer, algo que foi dito. Há um querer dizer. Não é um enunciado vazio, um dejetivo do discurso, algo inútil. O dizer repercute algo que insiste sem cessar.

Voltemos à citação: “o ato é quando surge um dizer que não vai sempre até poder ex-sistir ao dito” (BADIOU, 1997A, p. 08). Vamos lembrar a pergunta lançada por Lacan: o Um, de onde ele surge. Aqui temos de onde ele surge. Ele surge do ato: “o ato é quando surge um dizer”, um dizer que causa uma repercussão para quem o pronunciou.

Vamos agora relançar duas citações pelas quais já passamos, colocando-as lado a lado:

O Um, *de onde ele surge?* De um ponto em que Platão consegue circunscrevê-lo [...] ele o chama de *to esaiphnes*. Traduzam isto como quiserem, o de repente, o instante, o súbito. Na verdade, esse é o único ponto em que ele pode fazê-lo subsistir (LACAN, 2011, p. 131).

A inauguração do processo de uma verdade é exatamente o que Lacan chama um “encontro”, o *exaiphnes* o súbito. E o que eu nomeio “acontecimento” (BADIOU, 1992, p. 271).

Então, estamos no nível da filosofia com Platão, ou de uma filosofia do acontecimento com Badiou. E também no nível do ato analítico com Lacan.

Todo o nosso processo pode agora ser reenviado ao começo: *il y a de l'un*: “Como li Lacan, tomei minhas precauções e comecei minha filosofia explicando que nunca se deve dizer ‘o Um é’, mas sempre ‘há Um’ ”. Há um percurso da filosofia vindo de Platão, passando por Descartes e se renovando com o antifilósofo Lacan. Lidos sob a ótica do acontecimento em Badiou.

Vamos encerrar com uma citação de MD Magno, comentando Badiou ao final da tradução do seu livro *Manifesto pela filosofia*:

O renascimento da Filosofia, quem diria?, como neta da Philosophia, é hoje como a filha da Psicanálise. Uma empresa da maior tradição, que vem de mãe para filha desde a aventura de Platão (BADIOU, 1991, p. 72).

REFERÊNCIAS

ALEMÁN, J. **Conferencia de Jorge Alemán sobre Badiou em UNSAM**. 2012. Disponível em: <<http://angelinauzinolleros.blogspot.com.br/2012/05/conferencia-de-jorge-aleman-sobre.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

BADIOU, A. **Théorie du mal et de l'amour**. 1990. Disponível em: <<http://www.entretmps.asso.fr/Badiou/90-91.htm>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

_____ **Manifesto pela filosofia**. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991.

_____ **Conditions**. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

_____ **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____ **Ética, um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume Duramará, 1995.

_____ **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1996.

_____ **Théorie axiomatique du sujet**. 1996-1998. Disponível em: <<http://www.entretmps.asso.fr/Badiou/96-97.htm>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

_____ **Lacan antifilosofia e o real como ato**. In: COLÓQUIO DE PSICANÁLISE E FILOSOFIA – SUJEITO E LINGUAGEM. Rio Janeiro: Livraria e editora Revinter Ltda, 1997A.

_____ **Onde estamos com a questão do sujeito**. In: COLÓQUIO DE PSICANÁLISE E FILOSOFIA – SUJEITO E LINGUAGEM. Rio de Janeiro: Livraria e editora Revinter Ltda, 1997B.

_____ **Conferências de Alain Badiou no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999A.

_____ **Breve tratado de ontologia transitória**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999B.

_____ **Pequeno manual de inestética**. São Paulo: Editora Liberdade, 2002.

_____ **Lacan e Platão: o matema é uma idéia?** In: UM LIMITE TENSO LACAN ENTRE A FILOSOFIA E A PSICANÁLISE. SAFATLE, W. (Org). São Paulo: Editora USP, 2003A.

_____ **Beyond formalization, an interview**, ANGELAKI journal of the theoretical humanities. Volume 8, number 2, 2003B.

_____ **Infinite thought**. London: Continuum, 2004.

_____ **One, multiple, multiplicities.** In: THEORETICAL WRITINGS. London: Continuum, 2005A.

_____ **Platonism and Mathematical Ontology.** In: THEORETICAL WRITINGS. London: Continuum, 2005B.

_____ **Author's preface.** In: BEING AND EVENT. London: Continuum, 2005C.

_____ **S'orienter dans la pensée, s'orienter dans l'existence.** In: SEMINAIRE PUBLIC D'ALAIN BADIOU II. 2005-2006.

Badiou, A. **A propôs Du "et" entre être et évènement.** In: ÉCRITS AUTOUR DE LA PENSEE D'ALAIN BADIOU. Paris: L'Harmattan, 2007A.

_____ **Le concept de modèle.** Paris: Fayard, 2007B.

_____ **O século.** São Paulo: Idéias & Letras, 2007C.

_____ **Introduction à L'Être et l'évènement et à Logiques des mondes.**

Internet: 2008A. Disponível em :
<<http://www.entretemps.asso.fr/Badiou/Athenes.htm>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

_____ **Number and numbers.** Cambridge: Polity Press, 2008B.

_____ **São Paulo a fundação do universalismo.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____ **O elogio do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 2013A.

_____ **Métaphysique du multiple.** France Culture Les chemins de la connaissance, 2013B. Disponível em: <<http://www.franceculture.fr/emission-les-nouveaux-chemins-de-la-connaissance-avec-alain-badiou-14-metaphysique-du-multiple-2013>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

_____; CASSIN, B. **Fórmulas de "O aturdito".** In: NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL DUAS LIÇÕES SOBRE "O ATURDITO" DE LACAN. Rio de Janeiro: Zahar, 2013C.

_____ **Lacan l'antiphilosophie 3.** Paris: Fayard, 2013D.

CHIESA, L. **ount-as-one, Forming-into-one, Unary Trait, S1.** In: THE PRAXIS OF ALAIN BADIOU. Melbourne: Re.press, 2006.

DAVID-MÉNARD, M.. **L'Être et existence dans la pensée d'Alain Badiou.** In: PENSER LE MULTIPLE. Paris: L'Harmattan, 2002.

DESCARTES, R. **Meditações.** Coleção: Os pensadores, vol. XV. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FELTHAM, O. **Translator's Preface**. BADIOU, A. In: BEING AND EVENT. London: Continuum, 2005C.

FREUD, S. **O trabalho do sonho**. In: A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, vol. IV (1900), Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira).

GARCIA, C. **Psicanálise, política e lógica**. São Paulo: Escuta, 1995.

HALLWARD, P. **Badiou, a subject to truth**. Minneapolis: University of Minnesota, 2003.

_____. **Introduction: consequences of abstraction**. In: THINK AGAIN: ALAIN BADIOU AND THE FUTURE OF PHILOSOPHY. London: Continuum, 2004.

_____. **Depending on inconsistency**. Polygraph 17, 2005.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2010.

LACAN, J. **O seminário 11**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Formulações sobre a causalidade psíquica**. In: ESCRITOS. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **A ciência e a verdade**. In: ESCRITOS. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Respostas aos estudantes de filosofia**. In: OUTROS ESCRITOS. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O seminário 19**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MADARASZ, N. **O múltiplo sem um**. São Paulo: Idéias & Letras, 2011.

_____. **Ética em Alain Badiou e sua fundamentação ontológica**. Aula inaugural do Programa de Pós Graduação em filosofia, 2012.

MEILASSOUX, Q. **Nouveauté et événement**. In: PENSER LE MULTIPLE. Paris: L'Harmattan, 2002.

MILLER, J.A. **Un effort de poésie** - Cours n°17, 2003

_____. **A sutura (elementos da lógica do significante)**. In: ESTRUTURALISMO ANTOLOGIA DE TEXTOS TEÓRICOS. Lisboa: Portugália Editora, 1967.

_____. C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

MURTA, C. **Feminilidades**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

REGNAULT, F. **All of a Sudden, Psychoanalysis**. HALLWARD, P.; PEDEN, K. In: CONCEPT AND FORM, vol. 2. Interviews and essays on the cahiers pour l'analyse. New York: Verso, 2012.

Roudinesco, E.; Plon, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Ribeiro, V.; Magalhães, L. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ŽIŽEK, S.; MILBANK, J. **The Monstrosity of Christ**. Longon: The MIT Press, 2009.

ANEXO I

ALAIN BAIDOU



Alain Baidou

Professeur émérite à l'École normale supérieure, Alain Badiou est philosophe, dramaturge et romancier.

Nascido na cidade de Rabat, Marrocos, em 17 de janeiro de 1937, Alain Baidou é um filósofo, dramaturgo e novelista francês. É conhecido por sua militância maoísta e sua defesa do comunismo.

Algumas obras disponíveis em:

<<http://www.franceculture.fr/personne-alain-badiou.html>>

- i. Figure éminente de la pensée contemporaine, écrivain de théâtre, intellectuel engagé, polémiste controversé, Alain Badiou est l'un des rares philosophes d'aujourd'hui qui entretient une relation intense et constante aux mathématiques, adossant sa logique et son système à la théorie des ensembles, héritée de Georg Cantor. Ircam Centre Pomidou. Mathématiques / Esthétiques / Arts. Disponible em :
<<http://agora.ircam.fr/971.html?event=1003>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- ii. "La philosophie commence réellement pour moi après ces oscillations, au début des années quatre vingt". D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain Badiou. Disponible em :
<<http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>>. Acesso em 20 Jun. 2015.
- iii. "Mais, par ailleurs, étant donné l'importance de l'oral justement dans ta propre façon de faire, est ce que tu as eu des inspirations, des modèles? A Toulouse j'ai été presque continûment dans un lycée où on accordait énormément d'importance à l'initiative, à l'exposé oral. Dès la classe de 6e on nous faisait faire des grands exposés sur des sujets extrêmement variés. Et en plus j'ai fait du théâtre très tôt. D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain Badiou. Disponible em :

- <<http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>>. Acesso em : 20 Jun. 2015.
- iv. Ma rencontre avec le théâtre date de l'enfance. Eblouissement par le Grenier de Toulouse, à l'époque de M. Sarrazin et de D. Sorano et participation active au Théâtre du lycée Bellevue. Disponible em:
<<http://repertoire.chartreuse.org/auteur508.html>>. Acesso em : 20 Jun. 2015.
- v. Ma rencontre avec le théâtre date de l'enfance. Eblouissement par le Grenier de Toulouse, à l'époque de M. Sarrazin et de D. Sorano et participation active au Théâtre du lycée Bellevue : j'ai tenu le rôle titre des Fourberies de Scapin en 1954-55, y compris pour une tournée dans le Sud-Ouest. C'est la certitude que le théâtre était le lien artistique le plus fort politiquement qui m'a décidé, en 1972, à entreprendre, en décalque du Soulier de Satin, l'écriture de L'Echarpe Rouge. Disponible em:
<<http://repertoire.chartreuse.org/auteur508.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- vi. Et en plus j'ai fait du théâtre très tôt et j'ai longtemps pensé que je serais acteur. Quand j'étais en seconde tout le monde considérait que j'allais faire une carrière d'acteur. D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain Badiou. Disponible em:
<<http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- vii. The European graduate school. TRUTH AGAIN. French philosopher Alain Badiou interviewed by Georg Weinand at Aquarium, DasArts building in Brussels. Disponible em: <<http://www.egs.edu/faculty/alain-badiou/videos/truth-again/>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- viii. “Un auteur ou un philosophe peuvent-ils transformer votre existence? Bien sûr ! La personne qui a le plus changé mon existence a été Sartre, auquel j'ai été très infidèle par la suite. En classe de terminale scientifique, j'avais l'intention de devenir inspecteur des eaux et forêts. Mon avenir était clair et tracé. Et j'ai lu L'Imaginaire, puis Esquisse d'une théorie des émotions, puis L'Etre et le néant. Et je me suis réorienté des sciences vers les lettres, c'était une rencontre bouleversante.” Disponible em:
<<http://www.telerama.fr/monde/alain-badiou-les-gens-se-cramponnent-aux->

identites-un-monde-a-l-oppose-de-la-rencontre,58743.php>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

- ix. Sartre, ton premier maître, aurait pu toujours servir comme point de référence? Une pensée de l'engagement justement? R: En 1956 il y a engagement pratique en forme de réunions, de contacts, de manifestations, concernant la guerre d'Algérie, et je suis au Parti Socialiste, je *deviens secrétaire de la section* en question. Ensuite la question de la guerre d'Algérie est devenue de plus en plus violente à l'intérieur du parti socialiste. D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain *Badiou*. Disponível em: <<http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- x. En 1956 – je suis toujours au lycée Louis le Grand, dans la classe préparatoire à l'Ecole Normale Supérieure [...] Contre cette tendance, on a organisé dans le lycée Louis le Grand lui-même une vaste réunion pour exiger l'alliance des socialistes et des communistes, pour mettre fin à la guerre d'Algérie. Cette réunion a été d'ailleurs dispersée par la force, le proviseur arrivant avec une armée de surveillants pour déclarer que c'était intolérable et qu'on ne faisait pas de politique dans le lycée. C'est mon premier épisode illégal. (IDEM).
- xi. A partir de ce moment, je participe à des manifestations contre la guerre d'Algérie, qui ont lieu au quartier latin, et qui sont organisées en réalité par l'UNEF (L'Union Nationale des Etudiants de France)⁵, le syndicat étudiant. En même temps que je faisais mes premières réunions dispersées par les forces de l'ordre, je faisais aussi mes premières manifestations dans la rue, assommées par les forces de l'ordre (IDEM).
- xii. La deuxième étape de cet apprentissage de base est un phénomène tout à fait excentrique, mais qui se situe à la fin de 1960: c'est la grande grève générale en Belgique.⁷ C'est ça qui va être mon éducation quant au sens du mot 'ouvrier'. Le reste est guerre anticoloniale, mouvements etc. [...] En 1961 je suis envoyé par mon parti, qui était le PSU (IDEM).
- xiii. Je pars (de l'Ecole Normale) en novembre 61. [...] et je reste au service militaire juste en mai 63. D'abord je fais mes classes normales et ensuite je

suis recruté pour être flûtiste dans la musique de la troisième région aérienne à Bordeaux (D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet - un entretien avec Alain Badiou-Cahiers pour l'Analyse) (IDEM).

- xiv. Donc dans l'année 1962-63, [...], je suis vraiment très loin de la scène intellectuelle normalienne. D'autant plus loin qu'à l'époque je m'occupe principalement d'écriture romanesque. C'est l'époque où je suis dans *Almagestes* et *Portulan* (IDEM).
- xv. Et après d'être libéré de l'armée... [...] je reviens au lycée de Reims où je vais faire les années 63-64 et 64-65. A la rentrée de 65 je vais être nommé au Collège Universitaire de Reims. J'y reste jusqu'en janvier 1969 (IDEM).
- xvi. I was the one, by the way, who introduced Badiou to the *Cahiers pour l'Analyse*, since in 1965 I took up a post as a schoolteacher in Reims, where Badiou was already working. He had just left the school for the university, a new university. We got to know each other immediately; I told him about the *Cahiers* and he immediately enlisted in the project (REGNAULT, 2012, p. 254).
- xvii. Alors la découverte de Lacan j'y suis personnellement très lié, parce que dès 1959 j'ai commencé à prendre connaissance de la *Revue sur la psychanalyse*, c'est-à-dire les premiers textes publics de Lacan. Althusser aussi commence à repérer cette affaire-là à cette époque. Je suis d'ailleurs une fois allé suivre le séminaire de Lacan à Sainte-Anne avec Althusser. Ça devait être en 1960. Em 1964 c'est le transport du séminaire de Lacan à l'Ecole Normale Supérieure. D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain Badiou. Disponível em: <http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- xviii. Donc, encouragé, finalement, par Hyppolite et Althusser etc., je fais le premier exposé systématique sur Lacan à l'Ecole Normale Supérieure en 1960, ou peut-être en 61. ... en Novembre 61, voilà. Pendant l'année 60-61 j'ai fait donc ces deux séances de séminaires sur Lacan, qui je crois ont été les premiers séminaires systématiques sur Lacan faits dans l'espace stricte de la philosophie, puisque moi je n'étais pas du tout psychanalyste. (IDEM).

- xix. O tradutor inglês utilizou a expressão “bolt from the blue”, um relâmpago no céu azul, expressão de surpresa, também utilizada por Badiou para qualificar a revolução francesa e maio-68. “psychoanalysis did not interest us, since for philosophers (at the time) psychoanalysis did not exist: it dealt only with sexuality, it didn’t enter into the true field of thought, etc. Everything started when Jacques-Alain Miller attended Lacan’s seminar, and experienced it as a bolt from the blue. And Milner too. Afterwards they said to me, come along, and so on – they were very enthusiastic. And for Miller, this *coup de foudre* was reinforced by the fact that he then met Lacan’s daughter, Judith, who became his wife soon afterwards” (REGNAULT, 2012, p. 254).
- xx. Moi, quand je suis à l’Ecole (1956-1961), ce qu’il y a, c’est une montée dispersée, hésitante, une sorte de recherche dans la direction de ce qui se passe, le structuralisme, et dont les appuis fondamentaux sont en réalité dans les lectures que nous faisons à l’époque, dans les discussions que nous avons, la découverte – très rétrospective – de Lévi-Strauss. Une lecture tout à fait importante, pour moi en tous cas, a été *Les Structures élémentaires de la parenté*. D’une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain Badiou. Disponível em: <http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- xxi. le livre est resté, pendant au moins dix ans, sans être vraiment lu par d’autres que par des spécialistes. Là il devient une référence publique. La linguistique, l’apprentissage de la linguistique structurale, de la phonologie, la découverte à la fois de Troubetzkoy et de Jakobson, l’intérêt pour l’épistémologie des mathématiques, pour la logique formelle (IDEM).
- xxii. Donc il y a eu un effort mathématico-logique que nous avons assumé. Une formation mathématique, mais même ceux qui n’en avaient pas s’y sont intéressés, enfin, le petit groupe qui était pris dans ce mouvement philosophique. On commence à lire la tradition analytique, Carnap et puis Wittgenstein. Et puis, un peu après, Frege. Voilà, et donc à travers tout ça on bricole un certain nombre de choses (IDEM).
- xxiii. Le structuralisme est devenu à un moment donné un phénomène de mode. On en parlait dans les magazines, il y a eu des caricatures montrant Foucault,

Deleuze etc. C'est devenu un phénomène de société, comme le Nouveau Roman l'avait été et comme la Nouvelle Vague au cinéma. Tout ça, d'ailleurs, va lancer en plus le mot 'nouveau', dont l'achèvement est la corruption définitive avec les 'Nouveaux Philosophes'. Parce que les nouveaux philosophe, dix ans plus tard, à la fin des années soixante dix, ce sera le moment où ça va se renverser, c'est-à-dire le moment où 'nouveau' va prendre le sens de restauration des choses, abandon de l'idée révolutionnaire, conformisme universalisé, etc (IDEM).

- xxiv. Je pense que sous le nom de structuralisme ils comprenaient, eux, ce que j'appellerai une certaine interprétation lacanienne du scientisme. Ils cherchaient à trouver dans le scientisme lui-même, dans les formes extrêmes de la pensée formelle, de quoi supporter la théorie lacanienne du sujet. C'est pour cela à mon avis, que le texte 'La Suture' de Miller (CpA 1.3) est programmatique. C'est un texte fondamental à cet égard – parce que c'est ce texte qui manifeste le génie synthétique, qu'il faut reconnaître indéniablement à Miller: il montre que chez Frege la reconstruction logiciste de la théorie des nombres dissimule une opération qui ne peut s'interpréter que comme l'opération d'un sujet. Je dirais que l'orientation générale était celle là (IDEM).
- xxv. Il est donc nécessaire d'arriver à penser comment quelque chose de tout à fait nouveau est possible, c'est-à-dire, comment la vérité de la structure est bâtie. Parce que c'est alors que j'ai compris que le processus de constitution d'une vérité n'était pas identique à l'action de la structure. On a été obligé à penser à une sorte de rupture, la nouveauté d'un processus qui fait irruption dans la structure, ce que j'ai enfin nommé le « processus d'une vérité ». Nota autobiográfica. - el matema existencial de Alain Badiou. Disponível em: <http://angelinauzinolleros.blogspot.com.br/2014/03/nota-autobiografica.html>. Acesso em: 20 Jun. 2015.
- xxvi. Mais enfin, l'opération primitive – et d'ailleurs celle qui m'a séduit moi aussi, comme je l'ai souvent proclamé – c'est cette idée que ce n'est pas parce qu'on s'engage dans la rigueur formelle la plus extrême et qu'on assume la puissance intellectuelle des mathématiques, de la logique etc., qu'on doit pour autant raturer ou supprimer la catégorie de sujet. Je pense que ça, ça a été l'influence philosophique majeure de Lacan. C'est-à-dire la capacité de faire

se côtoyer de façon tout à fait étrange une théorie des structures formelles, qu'il a développée comme théorie logique du signifiant, et une théorie de l'aventure subjective. D'une Théorie de la structure à une théorie du sujet: un entretien avec Alain *Badiou*. Disponible en:

<<http://cahiers.kingston.ac.uk/interviews/badiou.html>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.

- xxvii. Badiou et sa filiation philosophique, émission de 13/012009. Disponible en: <<http://www.ina.fr/audio/P11355123>>. Acesso em: 20 Jun. 2015.